

Cláudio de Carvalho Silveira
Marcia Souto Maior Mourão Sá
Maria Helena Figueiredo Medina
Miguel Angel de Barrenechea
Sandra Albernaz de Medeiros
Sueli Barbosa Thomaz

Fundamentos da Educação 4





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Fundamentos da Educação 4

Volume 1 - Módulos 1 e 2

Módulo 1 - Cultura e cotidiano escolar.
A sala de aula. Ética e educação.

Cláudio de Carvalho Silveira
Marcia Souto Maior Mourão Sá
Sandra Albernaz de Medeiros

Módulo 2 - Estética e educação.

Maria Helena Figueiredo Medina
Miguel Angel de Barrenechea
Sueli Barbosa Thomaz



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



UAB
**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

**Ministério
da Educação**



**UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL**

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Vera Maria de Almeida Corrêa

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Cláudio de Carvalho Silveira
Marcia Souto Maior Mourão Sá
Maria Helena Figueiredo Medina
Miguel Angel de Barrenechea
Sandra Albernaz de Medeiros
Sueli Barbosa Thomaz

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Ana Tereza de Andrade
Luciana Messeder
Marcia Pinheiro

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jane Castellani

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Luciana Nogueira Duarte
Patrícia Paula

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

André Freitas de Oliveira
Sanny Reis

ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

CAPA

Sami Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

S587f

Silveira, Cláudio de Carvalho.
Fundamentos da educação 4. v. 1/ Cláudio de Carvalho
Silveira et al. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.
256p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-263-0

1. Cultura e cotidiano. 2. Ética e educação. 3. Organização escolar. 4. Estética. I. Sá, Marcia Souto Maior Mourão. II. Medina, Maria Helena Figueiredo. III. Barrenechea, Miguel Angel de. IV. Medeiros, Sandra Albernaz de. V. Thomaz, Sueli Barbosa. VI. Título.

CDD: 370.1

2009/2

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Módulo 1 – Cultura e cotidiano escolar. A sala de aula. Ética e educação	
Aula 1 – Definição de cultura _____	7
<i>Cláudio de Carvalho Silveira</i>	
Aula 2 – Tipos de cultura _____	17
<i>Cláudio de Carvalho Silveira</i>	
Aula 3 – Cultura patente e cultura latente _____	27
<i>Cláudio de Carvalho Silveira</i>	
Aula 4 – Organização escolar _____	37
<i>Cláudio de Carvalho Silveira</i>	
Aula 5 – As diferentes formas de cotidianos escolares _____	45
<i>Cláudio de Carvalho Silveira</i>	
Aula 6 – O espaço da sala de aula _____	53
<i>Sandra Albernaz de Medeiros</i>	
Aula 7 – A organização interna das turmas e a construção do conhecimento _____	65
<i>Marcia Souto Maior Mourão Sá</i>	
Aula 8 – A subjetividade presente na sala de aula _____	77
<i>Marcia Souto Maior Mourão Sá</i>	
Aula 9 – As dimensões esquecidas da sala de aula e da escola _____	87
<i>Marcia Souto Maior Mourão Sá</i>	
Aula 10 – As relações presentes na sala de aula _____	97
<i>Sandra Albernaz de Medeiros</i>	
Aula 11 – Cultura e cotidiano escolar – A sala de aula Ética e Educação _____	109
<i>Maria Helena Figueiredo Medina</i>	
Aula 12 – Os desafios éticos da Educação _____	127
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	
Aula 13 – Ética na sala de aula _____	141
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	
Aula 14 – A ética na escola _____	155
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	

Módulo 2 – Estética e educação	
Aula 15 – A ética no convívio social _____	169
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	
Aula 16 – Ação moral e prática educativa _____	183
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	
Aula 17 – Cultura e cotidiano escolar. A sala de aula. Ética e Educação _____	199
<i>Maria Helena Figueiredo Medina</i>	
Aula 18 – Avistando o destino planejado _____	213
<i>Sueli Barbosa Thomaz</i>	
Aula 19 – Padrões estéticos e prática educativa _____	219
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	
Aula 20 – Arte na Educação _____	233
<i>Miguel Angel de Barrenechea</i>	
Referências _____	247

AULA 1

Definição de cultura

Meta da aula

Introduzir o conceito de cultura.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Compreender a noção de cultura.
- Relacionar cultura, socialização e educação.

*Eu sou brasileiro, com muito
orgulho, com muito amor...*

INTRODUÇÃO

Imagine que, ao viajarmos em nosso trem, vemos pessoas por todos os lados. Elas estão conversando, lendo, comendo, recebendo quem chega e despedindo-se de quem vai. Carregam consigo objetos como: revistas, livros, malas, bolsas, roupas, telefones e aparelhos de som portáteis. Caso perguntemos a ocupação delas, poderão responder que são médicos, engenheiros, advogados, artistas, alfaiates, professores, comerciantes, operários etc. Algumas são da Região Sudeste, outras terão vindo do Norte, Nordeste, Sul ou Centro-Oeste, com sotaques e hábitos característicos de sua terra. Poderemos encontrar até mesmo estrangeiros que não falam português e que têm costumes bastante diferentes dos brasileiros. Alguns passageiros poderão sentar ao nosso lado nessa viagem e puxar conversa sobre futebol, música, telenovela, filme, teatro, política e outros tantos assuntos do nosso conhecimento – ou não. Ao longo do trajeto, poderemos encontrar estações construídas com estilos arquitetônicos diferentes. Do mesmo modo, poderemos conhecer gente de todo tipo, que nos causa simpatia ou repulsa. Em tudo isso, você pode perceber ao menos uma coisa: as pessoas possuem modos distintos de ser, pensar e agir, que variam de acordo com o lugar (geográfico e social) em que vivem. Entretanto, como explicamos, por que há tantas maneiras de viver? É isso que pretendemos abordar aqui ao tratarmos do significado de cultura.

O QUE É CULTURA?

Ao compararmos com outros animais, vemos que os seres humanos não seguem muito à risca todos os instintos e a programação biológica que a natureza estabeleceu para as diferentes espécies. Os homens reorganizam, modificam e acrescentam diversas normas e práticas ao que está estabelecido. Seus próprios corpos são exemplos de como eles transformam as determinações da natureza: cortam os cabelos e as unhas, vestem-se e fazem suas necessidades fisiológicas (como comer, beber, dormir, acasalar etc.) por razões que estão além da sua sobrevivência física. Para justificar tais atitudes, criam normas, valores, idéias, hábitos, saberes e costumes. É esse conjunto de elementos que dá sentido ao que eles são, em oposição a outros animais, aos vegetais e aos minerais existentes no mundo. Em nome de todo esse conjunto de coisas, estudam, trabalham, se comunicam, fazem cálculos, buscam coisas que

representam a felicidade e a liberdade; preocupam-se com o sentido da vida e da morte, organizam o tempo, criam a família, estabelecem práticas como economia e política, adquirem conhecimentos como a arte, a filosofia, a ciência e a religião. Os homens também elaboram métodos e técnicas de construção de equipamentos e máquinas para atender às suas necessidades do cotidiano (como o nosso próprio trem!), assim como estipulam as regras e leis que controlam o convívio coletivo nas várias dimensões da sua vida. Ao longo do tempo, tudo isso é transmitido às demais gerações que vão nascendo. Estes, por sua vez, mantêm algumas coisas que lhe foram ensinadas, criando e modificando outras (ALVES, 1982).

Todo esse conjunto complexo e diferenciado que os homens elaboram é o que constitui a **CULTURA**. Ela, então, é produzida pelos homens que vivem em sociedade. Daí, não haver sentido algum dizer que tal ou qual indivíduo não tem cultura. Isso seria o mesmo que dizer que ele não é humano no sentido pleno da palavra, porque a sua vida seria impossível de ser vivida, a não ser no convívio com outros seres de sua espécie. Como você sabe, o isolamento total e absoluto de um indivíduo, desde seu nascimento, impede o desenvolvimento de suas capacidades perceptivas e intelectivas, que somente são possíveis de existir na interação com os outros. É essa interação a base da vida coletiva, em que ele aprende a pensar e a agir, passando a ter noção de si mesmo, dos outros e do mundo que o cerca. É através da linguagem que os homens se relacionam mutuamente, criam e desenvolvem os diversos significados para aquilo que pensam e fazem ao longo da vida.

Por essa razão, podemos dizer que os homens constroem a realidade em que vivem, para dar sentido a si mesmos e ao mundo (BERGER; LUCKMAN, 1978). Retomando o que foi dito, podemos dizer que a cultura é “um todo complexo que inclui conhecimentos, crença, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos como membro da sociedade” (LARAIA, 1993 p. 25). Aliás, Geertz (1989) já disse que a cultura é um **CONJUNTO DE TEIAS VARIADAS** que os próprios homens teceram para dar significado a si mesmo.

CULTURA

Não se pode reduzir o conceito de cultura ao de folclore. Ele é apenas um dos vários aspectos da cultura de uma sociedade.

CONJUNTO DE TEIAS VARIADAS

A variedade cultural entre os povos representa a relativização de hábitos e costumes que muitos acham naturais. Segundo Geertz, os balineses limam os dentes caninos, não gostam de comer em público nem estimulam suas crianças a engatinhar para não parecerem animais.

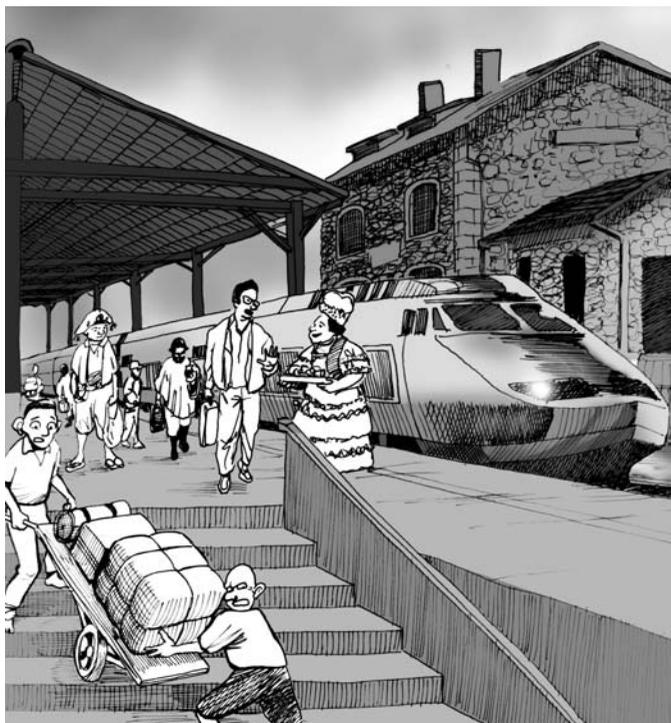


Figura 1.1: A variedade da cultura e seus elementos materiais.

CULTURA E SOCIALIZAÇÃO

Ao longo da história, os homens têm demonstrado a imensa capacidade de adaptação aos diversos lugares do mundo, superando dificuldades e limites impostos pela natureza e por outros homens, incorporando novos elementos ao seu cotidiano, conforme a consciência formada em cada coletividade. Os indivíduos vão passando por um processo de aprendizado de todo o complexo cultural existente, denominado socialização: seus papéis e funções, expectativas e objetivos são condicionados pelos símbolos presentes no ambiente cultural. Até mesmo a percepção de que é um indivíduo, dotado de determinadas características mentais e físicas, positivas ou negativas, passa pelo ordenamento cultural: ele se entende como um ser autônomo, relativamente livre, portador de direitos e deveres.

Tudo isso constitui um aprendizado do tipo de normas e valores estabelecidos na cultura de sua sociedade. Esse processo continua no decorrer de toda a sua vida, por causa da dinâmica das várias associações criadas socialmente ao longo do tempo. Há conhecimentos gerais, que formam a **BASE CULTURAL**; e conhecimentos específicos, que possuem variações em cada grupo da sociedade. Quanto mais a organização

BASE CULTURAL

Cada escola ensina um conjunto de conhecimentos e práticas ligados à realidade cultural da sociedade e dos grupos que fazem parte dela. O currículo é a materialização desse processo.

interna de cada sociedade é diversificada, maiores as possibilidades de um indivíduo pertencer a vários grupos e às suas culturas específicas (conhecidas pelo nome de subculturas). Por exemplo, alguém que nasce na sociedade brasileira aprende a ser brasileiro. Porém, há brasileiros que são católicos, protestantes, muçulmanos, ateus, budistas, policiais, escritores, atletas amadores e profissionais de várias outras modalidades, artistas, políticos etc.

Os sociólogos caracterizam o nível geral como de socialização primária, pois ele é responsável pelo ensinamento dos aspectos fundamentais da cultura de uma sociedade. O nível específico, relacionado a cada grupo social, é chamado socialização secundária, porque é o aprendizado da expressão própria de cada ambiente particular estabelecido no interior de uma sociedade. Quanto mais complexa a sociedade é, mais padrões, normas, saberes, funções e valores existem. Assim, a socialização secundária é uma realidade sempre presente na vida dos indivíduos. Eles poderão sempre aprender, e tanto mais quanto sejam introduzidos nos muitos espaços sociais existentes.

Qual é o lugar da escola? A escola é um lugar responsável pelos dois níveis de socialização. A cultura que ela transmite e ajuda a criar é a reprodução do conjunto geral e específico de cada sociedade. Seus conteúdos se destinam a formar indivíduos que cumprirão as variadas funções, tarefas, carreiras, trajetórias, identidades e estilos de vida possíveis na coletividade. Isso explica por que a estrutura curricular do sistema de ensino ou estabelecimento escolar pode ser entendida como uma produção da realidade social na qual a educação está inserida. Ao mesmo tempo que existe o aprendizado da nacionalidade, da história, das crenças de um país, há a aquisição dos diversos entendimentos e procedimentos necessários ao funcionamento das instituições sociais.



Figura 1.2: O etnocentrismo cultural.



ATIVIDADE 1

Explique a seguinte afirmação em função do significado do conceito de cultura:

“O animal é o seu próprio corpo. Sua programação biológica é completa, fechada, perfeita. (...) Porque o homem, diferentemente do animal, tem o seu próprio corpo. Não é o corpo que o faz. É ele que faz o seu corpo” (Rubem Alves).

ETNOCENTRISMO E DIVERSIDADE CULTURAL

Você viu que tratamos do aspecto fundamental relativo à visão da cultura como algo dinâmico e complexo. Neste sentido, as várias identidades e subculturas que existem estão na mesma condição de igualdade. Não há argumentos científicos consistentes para hierarquizá-las, estipulando quais são as culturas superiores e as inferiores, desenvolvidas e subdesenvolvidas, civilizadas e primitivas. Por isso é um absurdo considerar que a cultura de um sueco é superior à de um senegalês. Ou, ainda, que os valores e práticas de um morador do bairro do Leblon são, em si, melhores e mais evoluídos que os de alguém que vive em Madureira, Belford Roxo ou Varre-Sai. Portanto, ao tratarmos de cultura, temos de levar em conta o fenômeno do **ETNOCENTRISMO**. Segundo os antropólogos, esse fenômeno constitui a suposição (filosófica, e cientificamente equivocada) de que um padrão cultural é, por si só, superior a outro, seja dentro de cada coletividade, seja em comparação com outra sociedade. Isso significa dizer que cometemos um grave erro ao tomarmos a cultura própria como o centro do mundo, desvalorizando as demais, gerando conflitos e outras conseqüências problemáticas.

ETNOCENTRISMO

Quando dizemos que Deus é brasileiro, não seria uma forma de etnocentrismo?

Podemos verificar tudo isso ao longo da história de vários países, inclusive o nosso. Foi a pressuposição etnocêntrica dos países europeus que causou a escravidão e a extinção de vários povos indígenas na América, assim como ocorreu a expatriação e escravidão dos povos africanos trazidos para cá. Em ambos os casos, a cor da pele, o tipo de cabelo, a crença religiosa, a organização familiar, a culinária, a vestimenta, a produção econômica e as relações de poder foram

os motivos alegados para afirmar a superioridade dos colonizadores europeus sobre os indígenas e negros há séculos, e isso repercute no tipo de tratamento preconceituoso que todo o chamado Primeiro Mundo mantém até hoje em relação ao Terceiro e Quarto Mundos.

É sabido que o etnocentrismo representa um fenômeno que ocorreu e existe ainda em todas as sociedades, explicando muitos de seus problemas. A constatação desse fato não significa a aceitação de sua existência. Incentivar um comportamento etnocêntrico é fazer crescer a discriminação e a exclusão. Por outro lado, uma sociedade razoável e efetivamente democrática precisa aprender a conviver com as suas diferenças internas, fazendo valer a diversidade cultural em suas infinitas combinações. Assim, é necessário manter um certo nível de tolerância e igualitarismo para dar vazão à multiplicidade de maneiras dos variados grupos que a constituem. Esse aspecto é essencial para a formação profissional dos educadores, por causa das funções que a escola e as outras organizações sociais possuem na produção / reprodução da cultura.

Enfim, o cotidiano escolar está cheio de manifestações de indivíduos originários da pluralidade de grupos sociais e suas subculturas. Ao levar isso em conta, poderemos pensar em melhores formas de relacionamento e integração dos saberes e práticas que circulam no seu interior, dentro de uma **PERSPECTIVA MULTICULTURAL** (MC LAREN, 1997). O campo dos estudos culturais é muito amplo e rico para analisarmos o pensar e o fazer no âmbito educacional. Nossa viagem de trem é uma maneira de explorarmos

vários momentos dessa realidade. Assim, estamos dando apenas algumas voltas em determinados percursos para aprender

um pouco mais sobre quem somos, quem são os outros, o que fazemos e onde podemos seguir como artífices e produtos das diversas formas de vida em nossa sociedade.



PERSPECTIVA MULTICULTURAL

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem as diretrizes relacionadas com a diversidade cultural da sociedade brasileira que o sistema de ensino deve levar em conta nas disciplinas que adota.

Figura 1.3: O multiculturalismo e a educação.

RESUMO

Enquanto os animais vivem determinados pela natureza, os homens transformam e superam os limites estabelecidos; assim, criam idéias, valores, práticas, produtos etc. que formam a cultura. Ela é produzida pelo meio social em cada coletividade e estabelece os padrões que os indivíduos devem aprender.

A cultura é dinâmica e varia de acordo com cada sociedade, que, por sua vez, a transforma ao longo do tempo. Uma sociedade, porém, possui diferenças internas, por causa dos seus diversos grupos sociais. Quanto mais diferenciada for essa organização interna, maior será a diversidade cultural existente. Entretanto, os padrões dos grupos mais influentes formam a identidade cultural de cada sociedade.

Vimos ainda que há culturas e grupos que se supõem superiores às demais, postura essa conhecida por etnocentrismo. Tal posicionamento é equivocado, pois justifica a dominação ou exploração da cultura de um povo sobre a de outro.

A educação escolar é parte do produto da cultura da sociedade em que ela está inserida e das suas relações com a cultura de outras sociedades.

ATIVIDADES FINAIS

1. Explique os traços culturais brasileiros a partir da canção *País Tropical*, entoada por Jorge Benjor:

Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza.

Em fevereiro tem carnaval.

Tenho um fusca e um violão.

Sou Flamengo, tenho uma nega chamada Tereza.

2. Comente os principais aspectos da cultura que estão presentes na educação escolar, através da criação formal e informal de hábitos e valores em seu interior.

PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Você compreendeu o significado do conceito de cultura e a sua importância para a sociedade? Entendeu também a relação entre cultura, socialização e educação? Conseguiu perceber a distinção entre etnocentrismo e diversidade cultural? Se a resposta foi afirmativa, parabéns! Caso contrário, não passe para a aula seguinte sem ter compreendido os conceitos apresentados nesta aula, pois além de serem fundamentais, servirão de base para o nosso curso.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula trataremos de focar os tipos culturais existentes em nossa sociedade.

Tipos de cultura

Meta da aula

Apresentar os tipos de cultura.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar os tipos/níveis de cultura.
- Relacionar a tipologia cultural à Educação.

Pré-requisito

Para melhor compreensão desta aula, você deve rever a Aula 1 – Definição de cultura.

*O meu pai era paulista, meu avô pernambucano,
O meu bisavô, mineiro, meu tataravô, baiano,
Vou na estrada há muitos anos, sou um artista brasileiro.*
(Paratodos, Chico Buarque)

*O Brasil não é só verde, anil e amarelo,
O Brasil também é cor de rosa e carvão.*
(Seo Zé, Carlinhos Brown)

INTRODUÇÃO

Você viu na aula anterior que o entendimento de cultura é algo complexo, por causa da abrangência do tema. As sociedades atuais possuem grande variedade cultural interna, tornando a qualificação de seus tipos um trabalho enorme para qualquer analista. Uma das maneiras de fazer essa qualificação é relacionar esses tipos aos níveis de sua produção. Assim, temos, por exemplo, a cultura erudita, a popular e a de massa. Essa classificação obedece aos níveis hierárquicos que estão relacionados geralmente à estrutura de classes sociais. Entretanto, levar a cabo essa tarefa não é tão simples por causa do fenômeno de produção e difusão dos bens culturais, realizados através dos meios de comunicação: é muito fácil associar a ópera à vida da elite e o forró à vida dos pobres sertanejos do Nordeste. Mas, se falarmos nas festas juninas, veremos que existe grande participação de pessoas que pertencem às duas classes. Isso também ocorre no futebol, que alcança todos os níveis sociais: os mais ricos, os mais pobres e os membros da classe média. Todos se incomodam com uma derrota ou se alegram com uma vitória da seleção brasileira, independentemente da condição econômica. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, essa mistura tem se mostrado cada vez maior, através das facilidades de acesso e utilização massificada dos produtos musicais, literários, cinematográficos, televisivos etc. É bom lembrar que nosso trem possui vagões que transportam pessoas de hábitos e níveis culturais diferentes. Veremos então o que isso significa.

CULTURA ERUDITA

A influência européia no Brasil, sobretudo de origem francesa, espanhola, inglesa e italiana, marcou as bases da cultura erudita entre nós, a partir da evangelização da Igreja Católica e da vinda da família real, com D. João VI. Ele trouxe artistas, intelectuais e fundou instituições como a atual Biblioteca Nacional e o Jardim Botânico.

A CULTURA ERUDITA

A **CULTURA ERUDITA** fica em um vagão equipado com som ambiente de peças musicais clássicas, além de paredes decoradas com quadros de pintores famosos mundialmente. Ela constitui a produção do ambiente e sua manifestação relacionadas aos mais ricos, poderosos e educados da sociedade. Nesse caso, temos os principais escritores, pintores, músicos, poetas, escultores etc., que se tornaram clássicos, por terem sido considerados os mais importantes e influentes em sua época.

Assim, eles passaram a ser referências básicas dessas manifestações em muitas sociedades. Por exemplo, temos pintores como Michelângelo ou escritores como Shakespeare, reconhecidos como clássicos em todo o mundo. Eles são como os pilares da produção artística em seus próprios países de origem e nos demais; também é esse o caso de compositores como Bach e Beethoven. Como exemplos de artistas brasileiros, temos o compositor Carlos Gomes e o poeta Castro Alves fazendo parte desse grupo. As obras destes artistas encontram-se nas principais salas de concerto, galerias de arte, bibliotecas etc., onde o acesso e a utilização são restritos à camada social superior, com hábitos, gostos e estilos considerados nobres e refinados.

Em diferentes épocas, a vida cultural brasileira esteve associada aos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, da mineração, do café, da borracha, do fumo e da industrialização. Os principais artistas e intelectuais produziram suas obras para o consumo da elite, considerada a “nata” da sociedade por ser proprietária das riquezas econômicas em cada um desses ciclos. Desde então até hoje, essa elite tem contato privilegiado com o que de melhor tem sido produzido nas mais importantes capitais do mundo, como Paris, Roma, Londres, Nova Iorque, Tóquio, Madri etc. Assim, mesmo para a realidade de um país pobre como o nosso, os 5% da camada superior da sociedade, influenciada pela cultura estrangeira, procura acompanhar de perto aquilo que é praticado e valorizado nos teatros, museus, salas de música e centros culturais dos países desenvolvidos.



Figura 2.1: A cultura erudita.

A CULTURA POPULAR

A chamada **CULTURA POPULAR** é aquela produzida e consumida pela parcela considerada inferior da população, que se compõe de cerca de 70% dos habitantes do nosso país. Seus hábitos e costumes, valores, gostos e estilos são tidos como pouco refinados. Nesse caso, os vagões do nosso trem entoam a música de várias regiões do país, identificada com as características específicas de ritmos e rituais conhecidos pelo povo, como o samba, a moda de viola, o forró, o bumba-meu-boi,

CULTURA POPULAR

A cultura popular brasileira é muito identificada com o que se chama manifestações folclóricas adicionais, estabelecidas ao longo da história e dinamizadas pela variada criação regional, tanto no campo quanto nas cidades.

a congada, a folia-de-reis, o xote, as marchinhas, as cantigas de roda etc. Em geral, seus artistas possuem pouca formação escolar, embora com grande capacidade de criação e improvisação ao expressar os sentimentos e idéias que retratam o cotidiano da população. Aqui está manifestado o folclore, produzido por um conjunto verdadeiramente anônimo de pessoas e grupos espalhados pelo Brasil. A maior parte dessa produção está associada ao tempo em que a sociedade brasileira vivia, em sua maioria, no campo. Esse fato deixou de ser verdadeiro nos anos 70, quando a maior parte da população migrou para as cidades. Isso possibilitou a criação de uma cultura popular urbana, vivenciada pelos moradores dos bairros mais pobres, povoados por gente das minorias étnicas. Como exemplo, temos as baladas românticas “bregas”, o pagode, a lambada, o charme, o *reggae*, o *soul*, o *funk*, o *rap* e o *hip-hop*; estes últimos, frutos da influência estrangeira das regiões periféricas das cidades do mundo desenvolvido. Então, podemos dizer que a cultura popular é aquela produzida pelas camadas subalternas (inferiores) da hierarquia social, que manifestam a sua maneira de ver o mundo e seu comportamento, conservando ou inovando as práticas e formas de expressão (GRAMSCI, 1978).



Figura 2.2: A cultura popular.

**ATIVIDADE 1**

O Carnaval e o futebol são traços culturais emblemáticos de nossa sociedade. Além desses, que outras formas de produção cultural são identificadoras da nossa realidade e podem ser discriminadas?

A CULTURA DE MASSA

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação no início do século XX, houve um grande aumento da produção e difusão de obras musicais e dramáticas, através do cinema, rádio, televisão e publicações para o grande público. Isso está representado pelo vagão do trem que tem aparelho de vídeo e TV exibindo, para os passageiros, filmes românticos ou policiais, clipes musicais e jogos de futebol.

A partir de meados desse século, a **TELEVISÃO** passou a ter grande impulso em muitos países, tornando-se o veículo mais influente da cultura de massa para informação e entretenimento das pessoas. Várias obras, consideradas de acesso restrito, passaram a ser divulgadas através das técnicas de reprodução, como a gravura, a fotografia, a **RADIODIFUSÃO**. As informações, antes limitadas à elite e à classe média, chegaram à população em geral. Assim nasceu a cultura de massa, que se difundiu para todas as camadas, tornando-se um tipo unificador de hábitos e valores sociais. Tanto o Estado quanto a iniciativa privada investiram pesadamente nesses meios de comunicação para alcançar objetivos políticos e econômicos (ORTIZ, 1988).

Esse processo se tornou tão amplo e complexo que alguns autores rebatizaram o termo “cultura de massa”, substituindo-o por “indústria cultural”. A cultura passou a ser produzida de maneira industrial: racionalizada, serializada, diversificada e administrada por grandes complexos empresariais, do mesmo modo que outras mercadorias destinadas ao consumo em larga escala, como roupas, automóveis etc. (ADORNO; HORKHEIMER, 1986); (COELHO, 1985). Boa parte dessa cultura de massa difundida entre nós é também de origem estrangeira,

RADIODIFUSÃO

Coube a Roquete Pinto a primeira transmissão radiofônica no Brasil, na década de 1920; desde o início ele tinha pretensões educativas e culturais.

TELEVISÃO

A televisão veio para o Brasil através de Assis Chateaubriand, nos anos 50, marcando a modernização cultural brasileira.

sobretudo dos EUA e da Europa, mesclando as produções das camadas populares e médias desses países. Isso vale para os diversos ritmos musicais, filmes, séries de televisão, desenhos animados, programas de entretenimento, esportes etc. Em nossos dias, o desenvolvimento cultural

assumiu enormes proporções com a TV por assinatura, a *internet*, o cinema multiplex, e os diversos recursos da informática e da telemática. Tal fato possibilitou uma capacidade imensa de produção e difusão, tornando a questão da cultura algo cada vez mais complexo.



Figura 2.3: A cultura de massa.

A CIRCULARIDADE DA CULTURA

Voltemos à argumentação anterior sobre a dificuldade da classificação cultural. Podemos considerar o fato de que muito daquilo que os artistas da chamada cultura clássica e de massa fizeram foi apropriarem-se dos saberes e estilos populares, redefinindo-os e restringindo o seu acesso aos privilegiados, criando uma espécie de distinção social. De todo modo, vale lembrar que as pessoas que se encontram no interior do trem e nas plataformas das estações, estão conversando, trocando informações e experiências. Isso explica por que existe o fenômeno da **CIRCULARIDADE** das culturas: há um movimento permanente de mobilidade dos elementos e traços culturais de uma classe ou nível social para outro (TURA, 2002).

CIRCULARIDADE

A escola é um espaço onde a circulação de bens e traços culturais se dá de maneira bastante característica, através da influência de diversos agentes no seu interior.

Por esta razão, nem sempre o nível cultural corresponde exatamente a uma dada classe social. Por exemplo, a ópera de Carlos Gomes, intitulada *O Guarani*, é uma interpretação melódica, sofisticada e harmônica da vida de uma parte dos indígenas brasileiros que viveram no passado. Do mesmo modo, Villa-Lobos aproveitou-se tanto dos elementos da cultura erudita quanto da popular para produzir as *Bachianas Brasileiras*. Outro exemplo importante de circularidade cultural vem do samba e do futebol, que até hoje marcam a nossa nacionalidade: o primeiro é de

origem africana e popular e o segundo, de origem britânica e erudita. Ambos estão presentes na vida de todas as classes sociais brasileiras, a partir do desenvolvimento do rádio no Brasil nas primeiras décadas do século passado. O samba foi difundido do Rio de Janeiro para outras regiões, transformando-se em símbolo da **IDENTIDADE BRASILEIRA**, desde a época em que Donga lançou *Pelo Telefone*, primeiro samba gravado em disco em nosso país. Não é apenas no Carnaval que o samba está presente. Ele faz parte das raízes da Música Popular Brasileira (MPB), expressa em diversas produções artísticas. O próprio termo “Popular” da MPB tem um certo refinamento e sofisticação, pois caracteriza o que há de melhor qualidade dentre outras tantas produções de cunho geral, feitas ao gosto da maioria da população, como a chamada música “brega” e o pagode, disseminados pelas rádios nos anos 90.

O futebol teve o caminho inverso, pois sua origem está nas escolas de elite dos jovens ingleses do século XIX. Ao longo do tempo, graças também ao rádio, ele foi disseminado mundialmente, chegando ao Brasil através dos imigrantes, nas regiões Sul e Sudeste; foi massificado para a população a partir dos anos 30. Aqui também todas as classes passaram a se identificar com esse esporte, a ponto de ser levado excessivamente a sério na opinião de alguns. Ser flamenguista, cruzeirense, corintiano ou pontepretano é, para muitos, mais importante do que ter família, votar nas eleições ou seguir uma religião.

Para nós, que pensamos e atuamos na área da Educação, é fundamental considerar a questão da circularidade cultural, porque nossa realidade está eivada (cheia) de traços de todos os tipos e níveis culturais. Todos nós experimentamos essa influência no cotidiano, através do que é veiculado pela família, pela religião, pela mídia e pela escola. Aquilo que pensamos como brasileiros, em contraste ou identificação com outros povos, deve-se a esse fenômeno. Se considerarmos o processo de globalização cultural, veremos que tal relação está cada vez mais presente em nossas vidas. O sistema de ensino deve considerar a dinâmica da produção e difusão cultural, não só porque ele mesmo faz parte dessa dinâmica, como também porque a escola contém indivíduos e grupos de diferentes matizes e identidades culturais. Os saberes articulados no interior da escola, através dos currículos disciplinares, são também produtos de um processo sociocultural. E ainda, como nosso país possui uma realidade cultural diversa, é necessário que saibamos trabalhar nessa

IDENTIDADE BRASILEIRA

Sobre a nossa
identidade brasileira
expressa na
MPB temos, por
exemplo, Caetano
Veloso que já cantava:

*“Flor do Lácio,
sambódromo, cruza a
América Latina em pó,
o que quer o que pode
essa língua?”*

dimensão. Não é preciso ir muito longe! Em nossas cidades de médio e grande porte nos deparamos com distintos estilos arquitetônicos, hábitos alimentares, vestuário, músicas e danças etc. Tudo isso pode estar presente no processo de ensino-aprendizagem, nas salas de aula, bibliotecas, quadras de esporte e oficinas de arte de nossos ambientes escolares, através de uma articulação que permita pensar e produzir um tipo de projeto pedagógico que represente maior desenvolvimento da cultura, da justiça e da cidadania.

RESUMO

A produção e a reprodução cultural possuem níveis diferenciados em relação à estrutura de classes sociais: elite, intermediário e povo. Com a criação da cultura de massa no mundo contemporâneo, os níveis culturais não podem ser automaticamente relacionados à estratificação social em classes. Daí, a classificação de tal ou qual produto cultural nem sempre poder ser considerada livre de polêmicas.

A educação necessita levar em conta a diversidade e a dinâmica cultural, articulando as várias possibilidades de relação das manifestações existentes no espaço social. Como órgão responsável pela difusão da cultura, a escola é um espaço importante para considerar toda a situação da complexidade cultural.

ATIVIDADE FINAL

Faça um relato sobre uma escola de sua comunidade e tente perceber quantas diferenças culturais estão presentes nela, segundo o modo de viver dos indivíduos e grupos, nos segmentos docente, discente e familiar.

PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Se você compreendeu a diferenciação feita entre os tipos de cultura e percebeu também que existe uma relação complexa entre elas, por causa da circularidade cultural, então está preparado para a próxima aula. Não deixe de fazer as atividades, pois elas são fundamentais para que você compreenda esta aula. Se você ficou com alguma dúvida, releia a aula com atenção e tente refazer as atividades e, se necessário, peça ajuda ao seu tutor.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, desenvolveremos as modalidades da cultura em seus aspectos constituídos e constituintes.

Cultura patente e cultura latente

Meta da aula

Apresentar as características da cultura patente e latente na vida escolar.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar as formas da cultura e a sua dinâmica.
- Relacionar as formas de constituição da educação e mudança cultural em relação a ela.

Não é o que não pode ser o que não é.

(Arnaldo Antunes)

Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia.

Tudo passa, tudo sempre passará.

(*Como uma onda*, Lulu Santos)

INTRODUÇÃO

No curso da nossa viagem, percebemos que pessoas e paisagens vêm e vão. Em alguns momentos, peças e utensílios da composição precisam ser trocados; algumas normas e padrões da ferrovia e hábitos dos passageiros são modificados, outros permanecem em nome da tradição ou transformam-se em nome da modernidade, tudo em nome do bom funcionamento dos equipamentos ou do conforto e preservação da maneira pela qual as instituições e indivíduos vivem. Tal fato nos remete a pensar que a cultura da sociedade possui elementos e padrões que permanecem há muito tempo enquanto tais, e outros que existem de maneira ainda incipiente, sendo desenvolvidos com o passar do tempo. Por essa razão, é importante pensar a historicidade das normas culturais. Os elementos culturais que existem foram construídos pela dinâmica da transformação social, ao passo que ela mesma cria outras formas de pensar e agir das instituições e indivíduos. Tanto as idéias quanto as finalidades dos padrões e artefatos culturais são estabelecidos de maneira transitória, como um processo de criação e recriação constante.

Tais padrões e artefatos são, ao mesmo tempo, constituídos (isto é, estabelecidos como tais; instituídos na realidade) e constituintes (ou seja, não existem ainda plenamente, mas podem ser efetivados; instituintes, pois estão por fazer-se) (CASTORIADIS, 1986). Este sentido apontado aqui será usado respectivamente para dar significado à cultura patente e à cultura latente, a fim de abordar as formas de vida escolar. No âmbito da vida social, os padrões sociais definem aqueles indivíduos e grupos que são considerados normais ou desviantes, segundo a lógica de cada grupo social/sociedade. Mas, como a cultura é dinâmica e razoavelmente diferenciada, alguém pode ser considerado “louco” ou “subversivo” num determinado momento e conservador noutro (VELHO, 1984). Isso ocorre também no caso dos padrões de pensamento e comportamento encontrados na escola, em relação aos seus membros docentes, discentes e funcionários.

Lembramos que os padrões culturais são relativos, tanto ao ambiente coletivo, quanto à história de cada sociedade. Assim, podemos aprender a “relativizar” nossa própria maneira de perceber as coisas que nos cercam. Portanto,

devemos pensar em que medida a pedagogia adotada por nós representa o conservadorismo ético-político, reproduzidor das desigualdades e dos efeitos perversos do sistema, sendo apenas uma “técnica de adestramento” dos indivíduos, tornando-os sujeitos adequados aos interesses do sistema social (SAHLINS, 2003), (DA MATTA, 1987).

CULTURA PATENTE

A cultura patente é aquela estabelecida segundo os padrões vigentes numa coletividade, num determinado momento. Ela está instituída por normas, idéias, valores e práticas que vigoram, dando à ordem social uma dimensão de atualidade e realidade concretamente palpável. Além disso, ela funciona do jeito que “deve ser” considerado adequado em um determinado contexto social. Como isso se dá segundo a constituição de seus elementos no ambiente escolar?

Em nossa sociedade, a escola é uma organização bastante conservadora, sob muitos aspectos que formam o seu cotidiano. Em relação, por exemplo:

a) *ao conhecimento*, fundado nos saberes disciplinares, nas práticas pedagógicas, na ritualística das aulas e na distribuição do tempo em unidades chamadas horas-aula. Há também a autoridade do professor ao ministrar o conhecimento e a obrigatoriedade de “facilitação” desse conhecimento para o aluno. Isso sem falar na rigidez curricular e pragmática feita em nome do vestibular, da qualificação para o mercado de trabalho ou a supervalorização do aluno como indivíduo autônomo e livre na construção do processo de ensino-aprendizagem.

b) *às avaliações*, que se mostram muito mais voltadas para aspectos quantitativos do que qualitativos. A grande preocupação de muitos professores, alunos e responsáveis é com a nota: essa famigerada tipificação do símbolo de um resultado do processo pedagógico. Ela é vista como resultado final de uma composição periódica e parcial de testes, provas, trabalhos, atitudes e disposições impostas pelo regulamento e pelo calendário escolar, feitos com o suposto intento de premiar ou punir os estudantes que se enquadram ou não nas regras do jogo, estabelecidas por um sistema social perverso e excludente.

c) *ao material*, no qual podemos observar que a cultura escolar constituída consagra o livro, o caderno e o quadro-de-giz, como instrumentos vitais para a realização dos objetivos educacionais.

Temos também a lista de chamada, contida no diário de classe, outro elemento desse tipo de institucionalização da vida escolar que deve estar sempre atualizado e corretamente preenchido. Sabemos que muitos alunos são impedidos de fazer provas com calculadoras, por causa da necessidade de aprender a elaborar no papel as equações matemáticas. Daí, podemos perguntar: será que isso ainda teria sentido numa época em que a informática e a computação estão presentes de modo constante em nossas vidas?

d) *ao comportamento*: em que medida um procedimento conservador da cultura escolar como esse é tão anacrônico quanto se preocupar excessivamente com o comprimento da roupa dos estudantes e professores? Na escola, valoriza-se ainda os trajes utilizados por eles, desde que estejam adaptados aos padrões vigentes, por exemplo: o tipo do corte de cabelo, o uso de adereços que vão nos tornar mais “apresentáveis” diante dos outros. As pessoas são por isso classificadas de “inteligentes”, “decentes”, “bonitas” etc., de acordo com o padrão de normalidade que é adotado coletivamente para consagrar a ritualística escolar. Muitos consideram chocante um professor andar de bermuda, apesar da alta temperatura ambiente; da mesma forma, podemos estranhar o fato de uma professora não usar maquiagem, segundo os símbolos da estética e da vaidade feminina ou ser policiada quanto ao comprimento de sua roupa e a cor de seu cabelo. Muitos acham ridículo docentes e discentes vestirem-se com cores consideradas berrantes, usarem *piercings*, colares e outros penduricalhos.

É bom lembrarmos dessas coisas porque, geralmente, temos uma atitude marcadamente negativa a padrões culturais diferentes dos nossos, os quais consideramos estranhos e/ou errôneos. Os indivíduos são tidos como “adaptados/normais” e “desviantes/estranhos” para a manutenção da pedagogia considerada legítima e útil. Afinal, somos levados a vivermos em função do bom andamento do sistema, através de suas normas e princípios de equilíbrio e harmonia.

Nem sempre questionamos efetivamente os seus efeitos, por isso, de vez em quando falamos em tom de humor por aí: *O Ministério da Educação adverte: a escola faz mal à saúde.*

e) *à linguagem*, adotadas por nós, pois ela representa uma dada significação sobre a realidade social e as relações presentes no mundo escolar. A tradição vigente da vida escolar interpreta o indivíduo como

habitante das trevas: costumamos usar o termo “alunos” ao invés de “estudantes”. Há nisso uma diferença etimológica e pedagógica importante, pois, “aluno” significa o indivíduo sem a luz do conhecimento, enquanto “estudante” quer dizer aquele que tem um brilho nos olhos, por causa do fascínio pelo saber e a motivação em aprender.



ATIVIDADE 1

Faça uma pesquisa em artigos de jornais ou em outro meios de comunicação (internet, rádio ou TV) sobre a importância atribuída à escola pelos estudantes de Ensino Fundamental e Médio e suas famílias.



Figura 3.1: A vida na escola.

CULTURA LATENTE

A cultura latente é aquela que existe incompleta e precariamente, institucionalizando outras formas de ser da sociedade. Nesse caso, ela está por se fazer, inovando e construindo outras normas, idéias e valores, que existem como possibilidades no âmbito das relações sociais. Assim, ela cria, transforma e renova a realidade existente.

A escola pode ser (e, às vezes, de fato, é) organizada de outro modo. Ela pode transformar-se criando novas formas de instituir seu jeito de ser, sem, necessariamente, perder todas as características anteriores. Como produção histórico-social, a escola está imersa na dinâmica das transformações que instituem novos padrões. Por isso, podemos assinalar que a tradição pode ser renovada, reconstruída em termos do pensar e fazer, conforme foi indicado na introdução desta aula.

Imagine que a escola possa perder um pouco do seu conservadorismo, através da incorporação de novos valores e práticas como, por exemplo, a finalidade do conhecimento.

Na percepção mais generalizada e aceita por aí, as pessoas buscam e legitimam o saber escolar porque ele confere títulos e certificados para o mercado de trabalho. Sabemos que nossa época vive a exigência da reestruturação econômica do capitalismo contemporâneo, que tem feito com que muitos sejam mais qualificados para conseguir ou permanecer no emprego. Isso tem possibilitado o crescimento pela procura da escola, desde a Educação Básica até a Educação Superior, como é o caso do Brasil nas duas últimas décadas.

Não seria o caso de também atribuir-lhe importância como formadora da cidadania e do desenvolvimento de diversas capacidades dos indivíduos, segundo dita a legislação em vigor e vários textos pedagógicos existentes? Quando o saber escolar brasileiro estará, efetivamente, voltado para auxiliar o estímulo à organização, à mobilização e à participação popular, visando a construir uma sociedade mais justa e democrática e deixando de ser somente um meio utilizado para aquisição de certificados e diplomas a fim de conseguir um emprego?!

Essa maneira renovada de instituir outras formas de pensar e agir pode também contribuir para melhoria da administração escolar, tornando-a mais participativa e menos centralizadora, sobretudo na escola pública, cujo patrimônio pertence à sociedade. Aqui, o clientelismo, a corrupção e o patrimonialismo podem dar lugar ao verdadeiro interesse público. Nesse caso, outras perguntas surgem: não seria bem melhor que o sistema de ensino como um todo pudesse ser gerido com a finalidade de proporcionar qualidade à educação, através do aprimoramento dos recursos materiais e humanos disponíveis para toda a população? Por que esse sistema é administrado de forma a atender os interesses de alguns

políticos e grupos, não levando em consideração o seu aspecto de serviço público tão necessário à integração econômica, política e cultural dos indivíduos na sociedade?

O refazer das relações e das práticas escolares ainda pode ser modificado, no caso de algumas modalidades culturais, cujas relações cotidianas repousam no espaço escolar. Conforme dito anteriormente, preocupamo-nos muito com aspectos estéticos, como roupas e cabelos dos outros, se estão de acordo com os padrões vigentes de consumo, estabelecidos pela sociedade. Entretanto, não percebemos de maneira suficiente que isso é parte da diversidade cultural, a partir das manifestações étnicas, regionais, comunitárias, religiosas e artísticas, que fazem parte de todos os segmentos representados na vida escolar. Aí podemos ter a oportunidade de deixar de ser racistas, machistas, etnocêntricos, dogmáticos, moralistas etc. a fim de instituímos a convivência com a diversidade em suas infinitas combinações, em todos os momentos e espaços sociais, inclusive nas relações cotidianas do ambiente escolar.

Sobre a produção e a reprodução do conhecimento escolar, podemos admitir que as práticas de avaliação podem ser menos comprometidas com a “objetividade” de uma nota e o somatório de pontos para se concluir um curso ou uma série. Na avaliação, podemos considerar os aspectos informais e de construção do conhecimento, ao invés do utilitarismo e do imediatismo do conteúdo programático materializado no currículo. Ela pode desenvolver a capacidade dos estudantes e motivá-los a “aprender a aprender”. Em outros termos, essas práticas levam à institucionalização de uma nova forma de ensinar, na qual a autoridade docente não é confundida com autoritarismo, e tampouco a liberdade e a criatividade discente confundem-se com individualismo. Portanto, a criação de um espaço pedagógico com base na cooperação e no diálogo, é fundamental para estabelecer um novo ser nas relações cotidianas e de maior duração no ambiente escolar.

Outro aspecto importante para a relação ensino-aprendizagem escolar é a utilização dos meios de comunicação. Eles podem ser capazes de reinventar a dinâmica desse processo, pois estabelecem outro tipo de lógica para a informação e o conhecimento produzidos através deles. Este aspecto é importante para repensar até mesmo a disposição espacial da escola e das salas de aula tipicamente construídas, segundo a tradição da cultura oral e escrita, oriundas da era pré-informática e computacional.

Os meios de comunicação podem contribuir também para as inovações pedagógicas da educação a distância, na relação entre os que ensinam e aqueles que aprendem. Isto faz com que possamos trabalhar em uma educação que possa estimular um fluxo constante das manifestações culturais; desse modo, ajudariam a aproximar as diferentes origens e alcances sociais, em nome de informar e formar para a vida social como um todo, sem cair na banalização e imbecilização dos estudantes e dos professores. Entretanto, vale lembrar que não é porque dispomos atualmente de ferramentas eletrônicas de comunicação que o velho, insubstituível e bom hábito da leitura de textos e livros pode ser desprezado. Podemos continuar a valorizá-los e passarmos um bom tempo diante deles, do mesmo modo que muitos passam diante dos computadores.



Figura 3.2: Uma nova escola?!

RESUMO

A cultura da sociedade é um processo em construção de padrões que possuem formas estabelecidas e outras que estão por fazer-se. A realidade é construída e reconstruída com significações e objetivos distintos. Por isso mesmo, é bom pensarmos que a escola que conhecemos e vivenciamos tem um determinado ordenamento, mas pode comportar outros, sem que, necessariamente, tudo seja posto de lado. Isto vale para as práticas de ensino-aprendizagem e o material que é utilizado como ferramenta desse processo, assim como para indumentária e a estética, que são configuradas segundo alguma concepção pedagógica. Vale também para a dimensão simbólica, ou seja, para a representação daquilo que fazemos dentro da escola: a valorização de certas idéias e atitudes responsáveis pela aceitação e pela rejeição de seus membros.

Por fim, é importante mesmo tratar da eleição de objetivos e competências que corroboram a sua busca ou sua rejeição pelos indivíduos, como meio de sucesso e de fracasso através do propósito do conhecimento que ela produz ou reproduz. A cultura patente representa aquilo que a escola tem sido, enquanto a cultura latente, o que ela pode vir a ser a sua reinvenção.

ATIVIDADE FINAL

Faça uma lista de mentalidades e práticas da vida escolar no Brasil e compare os aspectos que modificaram e aqueles que permanecem os mesmos na maioria das nossas escolas nas últimas décadas.

PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Se você conseguiu estabelecer a diferença entre cultura patente e latente no universo da vida escolar e compreendeu que existem aspectos considerados positivos e negativos para as relações e objetivos educacionais, está preparado para a próxima aula; porém, se teve dificuldades para realizar as atividades ou não entendeu algum assunto, releia a aula e refaça as atividades, sempre lembrando que há um tutor no pólo para esclarecer suas dúvidas.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, demonstraremos como a escola comporta saberes, práticas e valores que legitimam a cultura da sociedade.

Organização escolar

AULA 4

Meta da aula

Descrever a escola como uma organização relacionada à cultura da sociedade.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar a cultura representada na escola pelo saber que ela produz.
- Perceber as implicações da cultura escolar para os indivíduos e grupos na sociedade.

Pré-requisito

Para um melhor entendimento desta aula, você deverá rever a Aula 3 – Cultura patente e cultura latente.

Lá vai o trem com destino,

Lá vai a vida a rodar...

(Edu Lobo / Ferreira Gullar)

INTRODUÇÃO

O trem há de sempre trafegar pelos trilhos, caso contrário, tudo vira caos. Um acidente de percurso é algo sempre problemático para seus manobristas, administradores, passageiros e também para aqueles que se encontram na estação à espera de alguém ou da entrega de alguma encomenda.

Dizemos com frequência que vamos para a escola ensinar e aprender cultura. Mas nem sempre percebemos que a própria escola é fruto da cultura produzida pela sociedade. Aqui é importante assinalar não somente o saber institucionalizado em áreas de conhecimento/disciplinas, mas também levar em conta o modo de pensar e agir no ambiente escolar, tão internalizado e pouco problematizado por nós. Nesse caso, nem sempre consideramos devidamente a construção de novos trilhos e seus percursos por onde possamos viajar.

Você já viu nas aulas anteriores que a escola é uma organização cultural como outras tantas instituições da vida em sociedade. Nesse sentido, ela não está desvinculada de tudo o que acontece ao seu redor. Desde a arquitetura dos prédios até o conteúdo de cada aula, tudo é parte do conjunto da produção cultural. Segundo apontamos anteriormente, de um jeito ou de outro, a escola é o resultado dessa padronização que existe como tal, de forma patente, ou que se modifica a partir do que está latente e suscetível de se concretizar.

Há elementos materiais e não-materiais na produção cultural da sociedade. Os materiais são o próprio espaço físico construído, disposto em prédios, pátios, quadras de esporte, muros, portões, uniformes, livros, cadernos, computadores, canetas, mesas, carteiras, quadro-de-giz, vídeo, comida etc. Os não-materiais, que se encontram presentes no ambiente escolar, são representados pela simbologia dos diversos sentidos da aprendizagem, do ensino, da motivação, do sucesso, do fracasso, das vitórias e derrotas esportivas, do companheirismo entre docentes, discentes, responsáveis e funcionários, enfim, da cidadania e do bem-estar social etc; todos estão presentes na interação dos indivíduos que habitam esse ambiente .

Daremos ênfase aos elementos não-materiais (ou simbólicos) como o saber, as idéias e valores que estabelecem a importância do funcionamento e dos objetivos da instituição escolar na sociedade. Os dois tipos de elementos culturais são mantidos tradicionalmente ou modificados pela dinâmica da mudança cultural.

FORMAS E FINALIDADES DA CULTURA ESCOLAR

É sabido que a cultura escolar é reproduzida para a manutenção das relações sociais. Quer isto dizer que os conhecimentos produzidos e reproduzidos na escola, através de disciplinas, cursos e séries, formam os indivíduos para se adequarem ideológica e politicamente ao sistema social (BOURDIEU, 1992). Eles são “formados”, isto é, são postos numa forma (molde) instituída socialmente. A cultura escolar cria e legitima um conjunto de maneiras de pensar e agir baseadas na distinção e no mérito, e que todos têm de seguir para ter sucesso na vida. Os saberes e os estabelecimentos escolares vão se organizando numa hierarquia em que uns possuem maior prestígio do que outros. Essa atribuição de prestígio está relacionada às possibilidades de melhor ingresso nas carreiras consideradas mais rentáveis e bem-vistas. Ao escolher uma delas, está-se avaliando as próprias possibilidades de conseguir uma colocação profissional no serviço público ou na iniciativa privada.

Nos cursos de Educação Básica, uma pessoa que se orienta para estudar mecânica pode avaliar se isso lhe dará alguma condição favorável de, ao chegar ao nível superior, ingressar na carreira de Engenharia, visando, assim, possuir boa quantidade de capital financeiro. Em contrapartida, alguém que estuda em escola de formação geral, talvez não se veja com tantas chances de arriscar a candidatar-se às carreiras tecnológicas ou biomédicas, em que existe bastante concorrência, por serem “profissões de futuro”. Tal pessoa pode resolver concorrer à universidade na área de Ciências Humanas/Sociais, por julgar que haja cursos mais “fáceis” de serem seguidos. Todos sabem ou julgam saber que, nesse caso, o ganho financeiro é menor, com algumas exceções, tais como: Direito, Administração, Psicologia, Economia, Comunicação Social e Relações Internacionais. Entretanto, estudar Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, História, Serviço Social ou Belas Artes representa ter um capital cultural alto, a ponto de a pessoa ser considerada “muito culta”, apesar do fato de, supostamente, viver com um capital financeiro reduzido em relação aos profissionais das outras áreas.

Essa mentalidade e esse costume são difundidos pela cultura escolar, em consonância com outras organizações, como a família, os meios de comunicação e grupos religiosos. Os estudantes são, geralmente, estimulados a pensar no resultado/utilidade da educação. Por isso, os mais novos estão sempre respondendo a si mesmos e aos mais velhos à famosa pergunta: “O que você vai ser quando crescer?”



ATIVIDADE 1

Procure conferir as avaliações feitas pela imprensa brasileira em relação às carreiras universitárias e faça uma reflexão sobre as perspectivas de inserção dos indivíduos na estrutura de ocupação profissional existente na sociedade. Redija um texto registrando suas conclusões.

CULTURA ESCOLAR E (DES)VALORIZAÇÃO DISCIPLINAR

As regras do jogo da trajetória escolar, dispostas da forma mencionada acima, instituem-se nos valores e costumes que podem ser relativizados e questionados por nós, conforme sugerimos na aula anterior. Podemos constatar, no currículo escolar, o enorme peso de algumas disciplinas, tornando umas mais “importantes” do que outras. Por exemplo: Física, Química, Biologia, Matemática, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira. Nessas disciplinas, o professor desfruta de mais “autoridade” para avaliar, aprovando ou reprovando seus alunos; eles passam a corresponder à expectativa, não oferecendo tantas resistências a estudar tais disciplinas e tornam-se mais resignados quando falham em obter o êxito esperado, ao passo que, de maneira geral, o estudo de História, Literatura, Sociologia, Filosofia, Educação Artística ou dos “Estudos” Sociais (por que não “Ciências” Sociais?!) é por eles desprezado. Tais disciplinas são, portanto, relegadas ao segundo plano, por muitos professores, estudantes e seus responsáveis.



Figura 4.1: As finalidades do saber escolar.

As Humanidades são, assim, consideradas por muitos como “inúteis” e uma maneira de “encher lingüiça”, existindo como uma mera forma de cumprir exigências formais e completar o tempo da vida escolar. Algumas pessoas, inclusive, corroborando uma proposta bastante defendida por muitos, afirmam que as atividades esportivas e lúdicas

deveriam substituir as disciplinas da área das Ciências Humanas, pois acreditam que representam uma perda de tempo estudar assuntos “que não levam à nada, nem chegam à conclusão nenhuma”.

Entretanto, é importante assinalar que esses saberes “inúteis” são responsáveis tanto para as instituições sociais controlarem política, econômica e culturalmente os indivíduos, quanto para a formação da cidadania, através da compreensão, análise e questionamento da organização e funcionamento do sistema social. Será que não seria importante termos um conhecimento humanístico que nos ajudasse a fornecer uma dimensão real de quem somos e como é o nosso mundo e podermos nos associar, mobilizar e intervir para modificá-lo coletivamente? Não somos nem seremos apenas profissionais e consumidores. Há outros papéis sociais desempenhados por nós, como os de eleitor, condômino, passageiro, hóspede, pedestre, pai, mãe, filho, paciente etc. que dependem da boa articulação entre direitos e deveres, contribuindo, inclusive, para a nossa formação de cidadãos, não é mesmo?!

CULTURA E ESTEREÓTIPO ESCOLAR

O conhecimento do conjunto das Humanidades não pode ser visto apenas como instrumento para a formação consciente e crítica. Ele também pode servir para a adequação dos indivíduos às regras do jogo, discriminando uns e privilegiando outros, produzindo um tipo de sujeito adequado às suas determinações (VARELA, 1995).

Podemos apontar, como exemplo, a eleição de um modelo de estudante e outro de professor ideal, que, na verdade, não existem e jamais existirão. Aqui, constatamos que os estudantes são cobrados e levados a se submeter às regras meritocráticas (isto é, hierarquizadas em função dos méritos), para a obtenção do tal sucesso escolar. Dos professores também se exige a dedicação ao ensino, relevando as precárias condições de trabalho (agindo, dessa forma, como um sacerdote), ou seja, “pensando nos alunos em primeiro lugar”.

Na construção desses modelos devem ser agregados, ainda, outros elementos formadores de estereótipos, como a origem socioeconômica e étnico-cultural de seus discentes e docentes. A cultura escolar mantém os padrões e mecanismos sociais, considerados válidos para um funcionamento apontado como “útil” e “ideal”, geralmente identificados

com o indivíduo branco, de classe média e “educado”. É comum, inclusive, ouvirmos as pessoas dizerem: “esse tipo de aluno não serve para estudar aqui”. Agindo desse modo, a escola deixa de avaliar sua situação racial, comunitária, religiosa, familiar, financeira e lingüística, condenando-o, muitas vezes, ao fracasso. Isto é o que se chama de “efeito pigmaleão”, pois se torna um tipo de profecia, feita pelos professores, que se cumpre automaticamente (FOURQUIM, 1995; COULON, 1995).

Assim, a carga cultural desse estudante, considerado fora dos padrões convencionais, é também desprezada em nome daquilo que foi estabelecido como herança cultural necessária e suficiente para obtenção do sucesso. Nesse caso, ele é visto como tendo uma educação precária, em virtude da falta de formação e informação em assuntos considerados básicos. Há quem seja estigmatizado como problemático por ser rotulado de: “favelado”, “suburbano”, “caipira”, “macumbeiro”, “evangélico”, “sapatão”, “maluco”, “bicha”, “inteligente”, “paraíba”, “mauricinho”, “patricinha”, “emergente” etc.

O que esses rótulos significariam, de maneira efetiva, nas relações cotidianas estabelecidas ao longo da trajetória de educadores e educandos? A cultura escolar, de modo camuflado, determina atitudes, posturas e rotulações que desprezam a multiculturalidade e a pluralidade das identidades existentes na realidade social (TURA, 1999).

Temos geralmente o hábito de dispor a cultura escolar de maneira contrária à cultura popular, pois aquilo que ensinamos e aprendemos na escola é o resultado do saber erudito (elitista) e intermediário (da classe média). Aqui podemos também pensar na relação que a escola mantém com os meios de comunicação, por causa da influência destes na mentalidade social contemporânea. Há uma forte tendência a atribuir-lhes o cultivo excessivo do “luxo” (consumismo) e do “lixo” (programação de baixo conteúdo) da nossa sociedade. Decerto, muitas vezes desprezamos o potencial pedagógico dos meios de comunicação e não aprofundamos devidamente a análise e o debate sobre o seu sentido de serviço público. Do mesmo modo, não levamos em conta, de forma suficiente, a sua utilização alienante e manipulatória dos sentimentos e expectativas populares ou de seu emprego capaz de contribuir para a conscientização e a adequada formação cultural do povo brasileiro.

Por fim, é bom chamar a atenção para a necessidade de questionar e reinventar a cultura escolar e as suas finalidades: o que podemos e queremos fazer da escola é uma pergunta a ser respondida por aqueles que estão dentro e fora dela, juntamente com as demais organizações sociais.

RESUMO

A escola organiza alguns de seus elementos não-materiais, como o saber que difunde. Podemos perceber isso devido a sua preocupação fundamental com o sucesso e o fracasso, segundo os critérios do mercado; ela como também dispõe sobre a valorização de disciplinas que sejam úteis e eficazes para a satisfação de suas necessidades econômicas e da sobrevivência dos indivíduos. Com isso, as estratégias de ascensão prestigiam aquelas que rendem um capital financeiro maior do que um capital cultural. As regras do jogo escolar estão dispostas dessa forma, revelando um certo desprezo pelos saberes humanísticos, sem considerar devidamente a sua capacidade de análise e potencial crítico, reflexivo e questionador, e a sua importância na formação ético-política dos indivíduos e dos grupos sociais.

O sucesso e o fracasso estão presentes também na cultura escolar, à medida que constrói e/ou reforça uma cultura discriminatória, rotulando aqueles que são considerados os mais e os menos aptos, segundo critérios arbitrários e padrões de pensamento e comportamento existentes no contexto social. Tal postura pode ser questionada a partir das considerações sobre a percepção de que a cultura da sociedade é plural e diversa e a escola deve saber trabalhar com tais características.

ATIVIDADE FINAL

Faça um levantamento dos projetos pedagógicos de ação afirmativa no Rio de Janeiro, que trabalhem com a perspectiva de integração dos indivíduos estigmatizados socialmente, como as minorias sociais, considerando suas possibilidades de acesso e permanência na escola.



Figura. 4.2: A rotulação do sucesso escolar.

PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Nesta aula, você pôde compreender como a escola é parte da cultura geral da sociedade em suas idéias e práticas. Você percebeu que, apesar disso, a escola possui uma cultura institucional que mantém mentalidade e comportamento próprios? Foi capaz de entender que a cultura escolar forma estereótipos falsos e discriminadores a respeito de tipos de pessoas e áreas de conhecimento? A que conclusões você chegou a esse respeito? Procure conversar com o seu tutor e seus colegas, discutindo os resultados das pesquisas propostas nas atividades.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, trataremos das manifestações da cultura escolar no cotidiano das pessoas que a compõem.

As diferentes formas de cotidianos escolares

AULA 5

Meta da aula

Apresentar a dimensão cotidiana da vida escolar.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar a importância do cotidiano através da interação social.
- Perceber as implicações das relações do cotidiano para a cultura escolar.

Pré-requisito

Para um melhor entendimento desta aula, você deverá rever a Aula 4 – Organização escolar.

Todo dia ela faz tudo sempre
igual...
(*Cotidiano* / Chico Buarque)

INTRODUÇÃO

Todos os dias, o trem que vai e vem, passando por vários lugares, circula de uma estação a outra, com seu grupo de passageiros e sua tripulação. As pessoas trocam impressões sobre a viagem e fazem comentários sobre suas vidas fora daquele ambiente. Uns passageiros pensam que a viagem poderia oferecer melhores condições de conforto e bem-estar; outros estão satisfeitos com o que encontram. Os funcionários da ferrovia conversam entre si e com os passageiros sobre os motivos que eles têm para viajar; aproveitam e falam também do seu grau de satisfação ou insatisfação com a vida que levam. Tudo isso é formulado dentro de um conjunto bastante amplo de temas, problemas e questões que recebe graus de valorização diversos, segundo as variações de percepção e comportamento das pessoas envolvidas.

Neste caso, você verá que a ordem social não pode ser vista apenas a partir do conjunto de determinações coletivas que estabelecem os padrões de comportamento e pensamento dos indivíduos e grupos sociais; é necessário levar em conta que eles dão sentido à realidade, a partir de suas percepções e definições da situação em que estão envolvidos. Os indivíduos são, assim, considerados atores sociais, que possuem uma dada percepção sobre o seu papel e, segundo a qual, representam-no dentro do drama coletivo, conforme a sua leitura das condições estabelecidas coletivamente. Os indivíduos e grupos agem como se estivessem num palco, representando determinados papéis e funções sociais que criam, reproduzem ou reelaboram a partir do significado que dão a elas. Por isso, dizemos que tais indivíduos e grupos são atores sociais.

A INTERAÇÃO E A ATUAÇÃO NA VIDA COTIDIANA

Vivemos num contexto social em que existe interação, isto é, reciprocidade e influência mútua entre os atores, pois eles compartilham idéias, valores, hábitos e costumes, formando uma comunidade; por sua vez, diferenciam-se de outros que constroem uma comunidade distinta. Tal fato resulta na formação de diferentes grupos dos quais um mesmo indivíduo pode participar, à medida que se identifica com um conjunto de alguns indivíduos, em contraposição a outros com os quais não tem nada em comum. Uma pessoa pode ser membro de uma turma de alunos, atleta de natação, filho ou pai de alguém, fiel de uma dada religião, militante de um partido político, ou diretor de uma organização

social, por exemplo. Isso significa que um mesmo indivíduo exerce vários papéis sociais por meio dos quais interage com outros tantos indivíduos participantes dos grupos em que está inserido. Em cada uma dessas situações, eles estão organizados como grupos e definem os significados de suas próprias características e dos demais de um determinado modo (BERGER; LUCKMAN, 1984).

Temos aqui a construção do sentido da ordem social, de maneira variada e multifacetada. Isto só é possível porque os indivíduos e grupos interagem entre si definindo, de maneira comum, os significados possíveis e as linhas de atuação coerente com eles. A compreensão do fenômeno da interação social possibilita o entendimento de como seus atores constroem suas representações acerca de si mesmos e dos outros com os quais se relacionam.

A validade desse tipo de abordagem reside na possibilidade de entendermos as relações cotidianas entre os diferentes atores num dado contexto social. A partir daí, podemos, sem deixar de lado a visão sobre o todo, perceber a diversidade social, tomando como base as dimensões grupais e comunitárias. Isto é o que se chama abordagem microsociológica, na qual podemos olhar para o interior de um tipo de família, de seção de trabalho, de vizinhança, de unidade escolar e até mesmo de sala de aula e observar as razões do comportamento daqueles que fazem parte desses pequenos mundos (COULON, 1995).

Essa modalidade de olhar sobre a realidade sociocultural permite que observemos a relação professor-aluno em sua escola ou sala de aula, identificando as situações de conflito e negociação entre os dois tipos de atores e como elas se materializam no seu cotidiano. Com isso, podemos retratar as diferentes dimensões e modos de construção dos significados desse cotidiano, de acordo com a percepção docente, discente ou do corpo administrativo, dos responsáveis, da comunidade e dos empregadores (públicos ou privados) e seus representantes.





ATIVIDADE 1

Recolher relatos e depoimentos de professores e alunos sobre as suas relações na sala de aula durante um ano/período letivo escolar.

O COTIDIANO ESCOLAR E SUAS MATIZES

Numa determinada situação hipotética, podemos ver os elementos de uma subcultura escolar a partir do cotidiano de um conjunto de professores que pode existir e atuar na Barra da Tijuca, em Maricá, em Bangu, em Campo Grande ou em qualquer outro lugar.

Por exemplo, uma professora que tenha de se levantar todos os dias muito cedo para trabalhar distante de sua casa. Após deixar sua filha na casa de sua mãe, dirige-se ao ponto de ônibus que, por sua vez, demora a passar; ela leva mais de uma hora para chegar ao bairro onde fica a escola. Como se isso não bastasse, ainda tem de subir uma ladeira íngreme para chegar à escola, já bastante cansada. A professora que, à noite, faz um curso de especialização pedagógica em uma faculdade situada no centro da sua cidade, aproveita o tempo de viagem para revisar o assunto e o material de sua aula do dia, porque não teve muito tempo de fazê-lo antes.

Ela passa correndo pela sala de professores, cumprimenta rapidamente alguns dos seus colegas, também apressados e se dirige às suas classes. Essa professora avalia a turma como sendo muito “apática”, pois os alunos resistem a fazer com regularidade tarefas programadas e não demonstram muito interesse em sala. Ela se vê também com dificuldades para manter a ordem na sala, pois os alunos são bastante indisciplinados. Por isso, acha que “é muito difícil ensinar algo às crianças”. Elas preferem falar dos programas de televisão que vêem, cantarolar músicas que estão nos primeiros lugares das rádios, ou falar do jogo de futebol e das colocações de seus times na tabela do campeonato.

De repente, alguns comentam com a professora sobre o que aconteceu no dia anterior, quando a polícia e os bandidos do bairro trocaram tiros. Tal fato dificultou a chegada de seus pais em casa, à noite, porque as ruas estavam cercadas. A professora, apavorada, tenta então aproveitar o assunto para falar da importância de a comunidade se manter unida e cobrar do governo maior atuação na área de segurança pública e não apenas se preocupar em policiar as áreas nobres da cidade, visando a uma maior repercussão nos meios de comunicação da cidade, do estado, do país e do exterior. Assim, ela pede aos alunos que façam uma redação sobre a situação vivenciada para que possam expressar como vêem a questão da criminalidade/violência na própria vida e na de suas famílias e vizinhos.

Mais tarde, na hora do recreio, a professora relata o assunto para os colegas que estão lanchando juntos na sala de professores. A maioria trouxe a comida de casa, já que o salário está curto. Nesse momento, inicia-se a discussão sobre o plano de carreira e o reajuste salarial prometido pelo governo, mas que ainda não tem percentual nem data para entrar em vigor. No meio da conversa, chega a moça que vende produtos de beleza e *lingerie*; ela não obtém muito sucesso, pois muitos pedem para que passe na semana do pagamento, quando podem pagar (de preferência, em três vezes ou mais).

É hora de voltar, pois toca o sinal de retorno às salas; a funcionária vem avisar que a diretora pediu para todos entregarem os novos formulários de cadastro no dia seguinte, porque a Secretaria de Educação está exigindo pressa. Ela lembra ainda que, na semana seguinte, haverá reunião para tratar dos detalhes do novo planejamento pedagógico que a coordenadoria regional mandou fazer. Alguém aproveita a oportunidade e reclama que não há água na escola e os ventiladores de muitas das salas estão quebrados. Depois de retornar às aulas, todos ouvem um grande estrondo: foi um cabeção-de-negro que um grupo de alunos estourou no banheiro feminino. Enquanto isso, ela pensa que faltam, ainda, 16 anos para se aposentar e duas horas para voltar para casa correndo, porque é a “explicadora” dos filhos de sua vizinha. Ao final da tarde, sai correndo para o curso de especialização, chega atrasada sem ter lido o texto recomendado pelo professor cujo título é “A Profissão Docente”.

Essa é uma situação bastante distinta daquela vivenciada por um tipo de professor que trabalha na área nobre da sua cidade, que tem carro para ir à escola e empregada doméstica para ficar com seus filhos. Essa professora dá aulas para as turmas da terceira série do Ensino Médio, na qual os alunos estão motivados a aprender para passar no vestibular. Tal professora recebe seu salário reajustado e planeja viajar com a família para a Região dos Lagos, a fim de passar o feriado. Sai para o trabalho pensando em não se esquecer de fazer a reserva do ônibus para levar os alunos à Bienal do Livro e ao Planetário, a fim de recolher as informações necessárias à montagem da próxima feira de ciências da escola.

Em cada uma dessas realidades, um conjunto riquíssimo de significações sobre a escola, a carreira, os alunos, o patrão etc. está sendo construído em função das diferentes maneiras de interagir com os outros personagens que fazem parte da mesma trama. A percepção sobre si mesmos e os demais está relacionada ao tipo de comportamento que será estabelecido pelas professoras diante dos diversos grupos a que pertencem. A visão negativa ou positiva de seus alunos sobre a sua disciplina, a escola e a sociedade em que vivem poderá influenciar na maneira como elas os avaliam. Do mesmo modo, o excesso de exigência burocrática da administração escolar pública e o descaso com as condições de trabalho e estudo exigirão daquela professora um esforço redobrado para manter-se motivada a continuar trabalhando com dedicação e avaliar se vale tanto a pena gastar tempo e dinheiro para fazer seu curso de especialização.

Esse é um dos aspectos do estudo do cotidiano e das percepções construídas através da interação entre os indivíduos, no interior dos grupos em que atuam. Aqui, também poderíamos entender como os alunos, os responsáveis e as autoridades elaboram e atribuem significados sobre a mesma realidade educacional presente na escola, com a sua capacidade de adaptação, harmonização, conflito e resistência às ações uns dos outros (FOURQUIN, 1995).

RESUMO

Os indivíduos e grupos, enquanto atores sociais, agem de acordo com os significados que constroem sobre si e os outros numa determinada situação social. Isso configura a existência de um determinado modo de ser e pensar que é próprio de cada coletividade, tendo, assim, a sua constituição cultural própria.

Como uma comunidade específica, a escola é um ambiente microssocial que pode ser estudado, assim como tantos outros, a partir dos diferentes processos de interação que os indivíduos e grupos que dela fazem parte estabelecem no seu dia-a-dia.

ATIVIDADE FINAL

Classifique as principais características nas relações que estabelecem os conflitos e as resistências na atuação de professores e alunos no cotidiano escolar.

Exemplifique isso com uma situação corriqueira que ocorra em sala de aula.

PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Você entendeu que a cultura escolar se materializa nas relações cotidianas entre as pessoas, enquanto interações feitas entre professores, estudantes, responsáveis e funcionários? Percebeu também que cada contexto produz um tipo de cotidiano diferente dentro da estrutura social?

O espaço da sala de aula

Meta da aula

Contribuir para que o leitor deste texto enriqueça sua percepção do espaço da sala de aula.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Interpretar os diversos significados do espaço, sobretudo o da sala de aula.
- Identificar fatores que permitam ampliar a percepção do espaço da sala de aula.

Pré-requisitos

Para uma melhor compreensão desta aula, você deve relembrar os conteúdos apresentados nas Aulas 1 a 5 deste módulo.

INTRODUÇÃO

Para você, pode parecer uma redundância que a temática desta aula seja sobre o espaço da sala de aula. Ele é seu conhecido de todos os dias e faz parte, junto com seus alunos, de seu cotidiano. Por que, então, propor este tema que parece tão trivial, talvez até mesmo banal? É justamente na sala de aula que acontece o desenrolar do processo de ensino-aprendizagem em toda a sua complexidade. É também nesse espaço que as relações entre o professor e seus alunos se desenvolvem, evidenciando ser aí que se tecem aprendizagens, idéias, valores, desejos, atitudes. O professor tem, nesse espaço, a possibilidade de exercer sua atividade com autonomia. Ao fechar a porta da sala de aula, ele se encontra dentro de uma dimensão que constitui um mundo peculiar, carregado de experiências – das mais intensas às mais fluidas – e que poderão deixar marcas nas lembranças das crianças que por aí passaram, continuam passando e não de passar.

A sala de aula é, portanto, uma espécie de “laboratório” em que se encontram presentes amostras dos problemas contemporâneos, seja os que dizem respeito à comunidade onde você vive, seja os que estão ocorrendo no plano mundial. Ela é, sob certos aspectos, um espelho daquilo que todos vivenciam e, ao mesmo tempo, um espaço gerador de sentimentos e emoções e de idéias para os que fazem parte da comunidade humana.

A proposta desta aula é que você se torne mais capaz de “reconhecer” o espaço onde trabalha, para melhor identificar ou interpretar o universo que está no seu entorno. Tal exercício de reflexão poderá ajudá-lo a compreender melhor algumas questões que se apresentem, aparentemente, insolúveis ou insuperáveis no seu dia-a-dia. Constantemente, a profissão docente exige capacidades, tais como a inventividade e a sensibilidade, que constituem habilidades difíceis de ser trabalhadas num currículo acadêmico, embora sejam tão importantes nos dias de hoje.

Antes de começar a leitura desta aula, sugerimos que você faça o seguinte “exercício”:

**ATIVIDADE 1**

a. Procure se lembrar do tempo em que você freqüentava a escola. O que mais lhe agradava em sua sala de aula? O que lhe desagradava? Você sentia esse espaço como sendo seu? Ou ele lhe era estranho? A decoração (objetos, cartazes, desenhos etc.) da sala era criada pela professora? Os alunos podiam opinar sobre a decoração da sala? Como a sala era arrumada? Como eram suas mesas? Havia coisas escritas sobre as mesas? Havia possibilidade de os alunos manifestarem seus gostos e interesses? Esses gostos e interesses estavam expressos em sala de aula?

b. Responda às perguntas anteriores no que se refere à sua sala de aula atual.

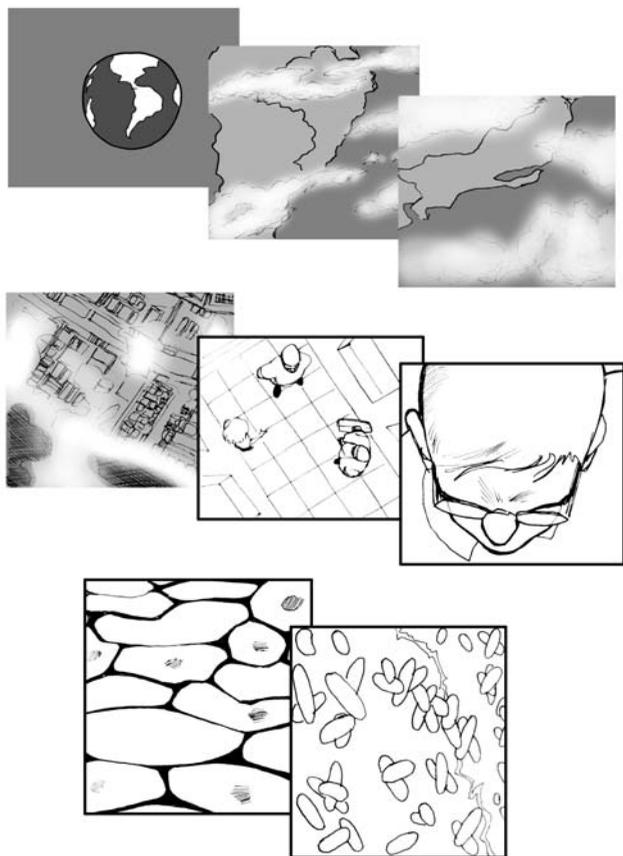
c. Produza um texto no qual estejam presentes as idéias aqui propostas e entregue-o ao seu tutor.

COMENTÁRIO

Esperamos que, ao terminar esta atividade, você tenha estabelecido relações entre sua experiência como aluno e sua prática como professor, a fim de formular um juízo crítico ao confirmar ou repensar suas práticas cotidianas em sala de aula.

A SALA DE AULA ESTÁ NO MUNDO

Antes de falar sobre a sala de aula propriamente dita, é necessário, em primeiro lugar, contextualizá-la. Para isso, é preciso que você imagine um binóculo ao contrário, isto é, imagine um recurso através do qual possa situar sua sala no mundo. Isso quer dizer que é sempre bom nos deslocarmos imaginariamente de onde estamos para termos uma visão mais ampliada, cujos limites ultrapassem os muros escolares. Sendo assim,



Imagine que você seja um astronauta olhando a Terra da sua nave e que, pouco a pouco, vai se aproximando: lá estão as Américas, depois, o Brasil se torna mais nítido; gradualmente, você reconhece o Estado do Rio de Janeiro e, finalmente, sua região e cidade. A escola em que você trabalha é um pequeno ponto dentro desse conjunto imenso de fatores.

Se você continuar usando a “lente” de aproximação verá que os habitantes desse mundo microscópico continuam a se multiplicar, já que você irá mergulhar num universo até então invisível aos nossos olhos, mas que se encontra pleno de vida e que estabelece relações tão intensas quanto os seres humanos o fazem.

Verifica-se, nesse pequeno exercício de imaginação, que estamos inseridos num complexo sistema de vida, e aquilo que se passa conosco é resultado de nossas ações e das ações das pessoas com as quais convivemos, e até daqueles que não conhecemos. Daí sermos todos responsáveis pelos nossos atos e decisões.

É interessante observar que a palavra responsável vem do latim e quer dizer *dar uma resposta a alguém*.

Pode-se considerar a sala de aula um espaço de gigantes, de acordo com a perspectiva adotada. Imagine quando uma criança entra na escola, a perspectiva dela é a de alguém que não tem as mesmas proporções que a dos adultos. O que para nós é de tamanho natural, para uma criança torna-se gigantesco ou, ao menos, muito grande. Esta observação tem como propósito sublinhar a idéia de que a perspectiva infantil é diferente da do adulto. Pode-se dizer também que a vida vivida pelas crianças dentro da sala de aula pode ser diferente da vivida pelo adulto.



Lá se vivenciam experiências, muitas delas invisíveis aos olhos do professor. Seria bom poder estar atento e sensível ao que se passa nesse universo para que ele se torne mais nítido e para ampliar a compreensão de quem são e como são os seus alunos.

A SALA DE AULA: UM ESPAÇO DE RELAÇÕES

Noel Rosa, famoso compositor carioca, já dizia que “samba não se aprende no colégio”. Em sua época, o samba não tinha o prestígio que tem atualmente; era nas ruas ou nos morros cariocas que se aprendia o samba. Hoje sabemos que os muros que separam a escola da cidade não devem separá-la do mundo e daquilo que os seres humanos criam e produzem no seu dia-a-dia. Sabe-se também que a vida “cá de fora” é levada para “dentro” da escola, já que não é possível se fazer uma separação tão rígida entre tais realidades.

Estão presentes no cotidiano escolar os interesses, as necessidades e os desejos de todos aqueles que habitam a escola. Tudo isso vai aparecer na sala de aula, nas conversas das crianças, em suas curiosidades ou perplexidades. Todos são “bombardeados” pela televisão através dos noticiários, das novelas e dos diferentes programas infantis ou adultos. As pessoas, incluindo as crianças, interpretam e vivem as imagens da telinha como se fossem suas vidas – o que em parte é verdadeiro – e aprendem um sem-número de idéias que a sala de aula nem sempre teria possibilidade de fornecer. Ao mesmo tempo, tais idéias são levadas para dentro da sala de aula passando a fazer parte das conversas, das brincadeiras e da imaginação das crianças.



ATIVIDADE 2

Como você costuma utilizar esses conhecimentos que seus alunos trazem para a sala de aula? Você costuma fazer uma ponte entre tais conhecimentos e o conteúdo a ser trabalhado durante a aula? Procure fazer uma lista de assuntos que sejam do interesse de seus alunos. Isto pode ajudá-lo a preparar suas aulas!

COMENTÁRIO

Através desta atividade, gostaríamos que você percebesse como suas aulas poderiam se tornar mais ricas partindo de um diálogo com os alunos.

Rubem Alves (Aula 1, livro de Fundamentos 1, volume 1) costuma dizer que o saber deve ter sabor. Pensando nessa interessante imagem, é possível fazer um paralelo entre ela e a atividade culinária que envolve uma grande quantidade de conhecimentos, tais como: proporções, mistura de sabores, relações de tempo e de ritmos, planejamento do que fazer e do quanto se deve preparar para uma refeição. Além disso, ler uma receita é sempre um exercício de interpretação de possibilidades. Numa culinária rica como é a brasileira, aprende-se que diferentes sabores como o amargo, o azedo ou os bem temperados podem tornar uma refeição simples e caseira em um banquete inesquecível.

O ambiente de uma sala de aula pode se assemelhar ao de uma cozinha, em que haja diferentes aromas e paladares. Nela se pode preparar quitutes sem que o passar do tempo seja percebido. O importante é que se saiba respeitar o tempo de cozimento dos alimentos, a quantidade de sal e de temperos que se deve utilizar, enfim; deve-se mergulhar nesse universo no qual se aprende e se inventa a cada colherada de ingrediente colocado na panela.

Essas imagens a respeito da cozinha têm como objetivo propor a você o seguinte:

1. O ambiente da sala de aula pode ser tão agradável quanto o de uma cozinha em que as pessoas se encontram, conversam e se alimentam, num ato social e coletivo importante.
2. A sala de aula pode ser vivida como um espaço de experimentações no qual são considerados ritmos, gostos, tendências e, principalmente, ações e práticas.
3. Para que se aprenda é necessário que o conteúdo tenha *significado* para aquele que aprende assim como para quem ensina. Todos aprendem quando atribuem significado e importância àquilo que está sendo transmitido. É inegável a importância e a necessidade da alimentação. Sendo assim, a hora da merenda escolar pode se transformar num bom momento para se planejar uma aula cujos conteúdos sejam em torno da Matemática, da Língua Portuguesa ou de Ciências.

Estes fatores apontam o que deverá servir de referência a todos os professores: a condição humana. O que isto quer dizer?

TODO ESPAÇO É HUMANO

Todo espaço ocupado por seres humanos apresenta indicações mais ou menos intensas de quem aí habita. Até nas celas, os prisioneiros deixam as marcas da sua presença revelando suas preocupações, necessidades e interesses. Desde a Pré-História, os habitantes das cavernas deixavam para o futuro desenhos muito interessantes reproduzindo suas percepções do mundo em que viviam. Portanto, uma sala de aula é também a expressão daqueles que nela estão presentes diariamente.



O ambiente de uma sala de aula pode nos dizer como vivem e como se sentem as crianças que freqüentam aquele espaço. É importante assinalar que nem sempre apenas um sinal pode nos induzir a tirar conclusões precipitadas. Uma sala em desordem não significa necessariamente que a turma seja indisciplinada. A desordem pode representar a expressão de atividades que exigiram das crianças muito movimento. Ela pode significar, também, que a turma não estaria sentindo a sala de aula como sendo sua, mas como um espaço estranho e distante de sua realidade. Isto quer dizer que a ordem ou a desordem, por si mesmas, não significam muita coisa a respeito de um grupo, mas é necessário que se estabeleçam relações com o que está sendo vivido nesse espaço.



O cuidado que se tem com objetos pessoais expressa bem não só a auto-estima como também a estima que se tem por eles. Sendo assim, se uma turma revela cuidado com os objetos que estão na sala de aula, ela está dizendo que gosta do que está ali disposto. Da mesma maneira que se cuida dos amigos, dos filhos, dos entes queridos, cuida-se daquilo que se tem um afeto especial. Uma casa poderá ser acolhedora e agradável independente de sua riqueza ou pobreza. Há casas de pessoas muito ricas que expressam frieza de sentimentos. Nelas, pode haver belos móveis e objetos de decoração que nos deixam uma sensação de vazio, como se tratasse de uma loja em que os objetos estão apenas expostos para que outras pessoas os vejam. Por outro lado, há casas nas quais entramos e tudo nos convida a ali ficar, tomar um cafezinho ou bater um bom papo. Nesta casa há a presença indiscutível de seus habitantes e, provavelmente, há um pouco de desordem já que só encontramos a ordem absoluta nos cemitérios.

A vida dentro da sala de aula aparece sob a forma de diferentes sinais nos seus diversos cantos e lugares: em pequenos recantos, nas paredes, nas mesas e cadeiras. Ao se observar somente a organização desse espaço, pode-se perder os sons e as intensidades, como desejos, necessidades, curiosidades ou conflitos que nele as crianças vicenciam no dia-a-dia.

No entanto, o espaço da sala de aula não traz consigo apenas os sinais e marcas da vida infantil. A sala de aula é também o espaço do professor, que, dentro desses metros quadrados, ao fechar a porta, tem para si um lugar onde pode exercer suas idéias e transmitir seus valores. Trata-se de um espaço que pode ser considerado de liberdade, no qual, cotidianamente, o professor constrói e reconstrói seus valores e experiências, onde é possível verificar até onde suas certezas podem ser postas em dúvida e onde suas dúvidas encontram respostas. É um espaço de conhecimento e de autoconhecimento, de trocas humanas e de descobertas que devem criar condições para aqueles que dali saírem levem consigo um universo de saberes capaz de lhes dar suporte para a vida.

A sala de aula abriga pessoas que estão em processo de transformação, o que envolve a idéia de que todos se encontram em movimento e, por isso mesmo, às voltas com novas descobertas. Professores e alunos, pois, encontram-se juntos num caminho que é feito a cada dia. Como dizia o poeta espanhol Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho, ele é feito ao caminhar”.

APENAS UM ESPAÇO COLETIVO?

Gaston Bachelard, importante filósofo francês, produziu uma grande obra dentre a qual se destaca “A poética do espaço”. Nela, ele chama a atenção para os vários significados assumidos pelos espaços. Considera a importância, para nossa vida dos recantos que trazem reconforto; do espaço do armário que reflete quem somos, afinal, nos estendemos no espaço do entorno que é nosso território; do sótão da casa de nossa infância – um espaço de devaneios e sonhos; dos cantos em que guardamos nossos tesouros ou nossos segredos de infância ou da vida adulta. Há espaços que representam um refúgio. Há outros que adquirem as feições de um palco de teatro, semelhante à sala de aula, ou ainda há cantos para onde nos recolhemos a fim de refletir ou simplesmente nos deixar ficar sós.

Pode-se dizer, então, que os alunos se apropriam de determinados espaços da sala de aula. Preste atenção na regularidade com que as mesas e cadeiras são ocupadas por determinadas crianças. Em geral, elas procuram sentar-se junto a seus amigos e assim estabelecem um território que é marcado por mochilas, por exemplo, indicando a quem pertence aquela região da sala de aula.

A mesa da professora ou do professor, maior e de frente para a turma, estabelece, pela posição que ocupa, seu valor hierárquico em relação aos alunos. Antigamente, marcava-se a posição superior do professor com a presença de um platô que deixava sua mesa acima dos alunos, numa nítida alusão ao respeito devido ao docente.

Um outro aspecto que caracteriza a organização da sala de aula é o enfileiramento das carteiras, fazendo lembrar a disciplina militar, demonstrada silenciosamente aos alunos desde o primeiro momento em que entram em sala de aula. Essa forma de organizar as carteiras é utilizada por muitos professores para estabelecer uma classificação que indica os “melhores”, os “medianos” e os “piores” alunos. É, também, muito comum reconhecer a “turma da bagunça”, sentada nas últimas fileiras de carteiras.

CONCLUSÃO

Cada grupo com o qual se trabalha é diferente dos anteriores, cada sala de aula tem suas características próprias, seu clima peculiar. O encontro de um professor com um determinado grupo de crianças faz nascer vínculos, necessidades e expectativas de diferentes intensidades. Cada dia que passa faz emergir diferentes curiosidades, perguntas e/ou conflitos. Não há dúvida de que é necessária uma rotina de trabalho; mas, se o professor estiver atento ao clima grupal, essa rotina será modificada em função das questões que emergem no cotidiano escolar, dentro da sala de aula, e que se compõe de uma grande diversidade de fatores de ordem afetiva, cognitiva, social ou cultural. Não são apenas as provas e exames que fornecem informações sobre as crianças. É importante considerar os elementos silenciosos ou aqueles que não se encontram no programa ou no conteúdo a ser ensinado durante o ano letivo.

RESUMO

Esta aula tratou do espaço da sala de aula, tendo como foco central a idéia de que nela estão presentes inúmeros sinais que ajudam a compreender as diferentes expressões da subjetividade grupal. São valorizadas diferentes manifestações, como a importância dos espaços escolhidos por grupos de alunos, a organização (ou desorganização) da sala, o ambiente criado no espaço da sala de aula.

ATIVIDADE FINAL

A partir do ponto de vista adotado pela aula que você leu, assinale com um x uma das alternativas:

1. Percebo a sala de aula como um espaço: () no qual o professor ensina e os alunos aprendem; () em que devem predominar a ordem e a disciplina; () em que ocorrem relações de ensino-aprendizagem de diversas ordens.
2. Deve-se considerar o espaço da sala de aula como; () qualquer espaço coletivo; () complexo e contendo peculiaridades do grupo que nele se encontra; () fechado em si mesmo.

COMENTÁRIO

Esta atividade tem como objetivo verificar se você compreendeu o conteúdo desta aula, as informações sobre a próxima aula e levou em conta a idéia de que no espaço da sala de aula ocorrem múltiplas e variadas interações.

AUTO-AVALIAÇÃO

Ao terminar a leitura desta aula, você compreendeu que o espaço da sala de aula é complexo, é palco onde se desenrolam diversas aprendizagens e contém peculiaridades do grupo que nele se encontra? Se compreendeu, você conseguiu atingir os objetivos desta aula, caso tenha tido alguma dificuldade procure o tutor no pólo e tente debater o assunto com seus colegas.

A organização interna das turmas e a construção do conhecimento

AULA 7

Meta da aula

Apresentar as diferentes possibilidades de tecnologias educacionais e suas aplicações no cotidiano escolar.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Entender como e em que sentido as diferentes tecnologias escolares (instrumentais, simbólicas e organizadoras) têm modelado a nossa compreensão e a nossa capacidade de ação.
- Compreender a organização das turmas como uma tecnologia escolar e a escola como uma tecnologia social.
- Analisar a concepção construtivista aplicada ao ensino.

INTRODUÇÃO

Nesta viagem percorreremos o interior da escola e veremos as salas de aula e as diferentes turmas e séries como partes integrantes do conjunto de dispositivos que compõem o universo da tecnologia da educação.

Como você já viu em aulas anteriores, as funções básicas da educação correspondem à necessidade, por um lado, de transmitir conhecimentos, habilidades e técnicas desenvolvidos durante anos e, por outro, garantir uma certa continuidade e controle social mediante a transmissão e promoção de um conjunto de valores e atitudes considerados socialmente convenientes, respeitáveis e valiosos.

Desde a segunda metade do século XIX, na maioria dos países, o conjunto de decisões e ações encaminhadas a proporcionar a um segmento importante da população um ambiente que permitisse realizar essas duas funções básicas levou à configuração do que atualmente se conhece como sistema escolar. Sob esse ponto de vista, parece óbvio que a educação escolar tem muito mais relação com o *que há de ser* do que com o que efetivamente *é*. Na verdade, “ministrar” educação a toda população entre os 6 e os 16 anos, além de ser um problema real e prático, também é um fenômeno socialmente construído. Assim sendo, podemos utilizar as palavras dos filósofos da teoria crítica da tecnologia: “a conquista da natureza (humana) não é um fato metafísico, senão que começa na denominação social”.

Mas voltemos ao problema prático de dar resposta às necessidades de proporcionar educação a todos os cidadãos de certa idade existentes em quase todos os países em que foi preciso desenvolver diferentes tecnologias, como métodos, artifícios e ferramentas pedagógicas. A escola é uma tecnologia da educação, assim como os carros são uma tecnologia do transporte. Devido à escolaridade maciça, afirma Mecklenburger (1990, pp. 106-07), as salas de aula constituem invenções tecnológicas, criadas com a finalidade de realizar tarefas educacionais – um meio de organizar uma grande quantidade de pessoas para que possam aprender determinadas coisas.

Mas como fazer funcionar uma sala de aula, com uma turma composta por alunos tão diferentes entre si; como organizar a turma no que se refere à aprendizagem dos conteúdos e, ao mesmo tempo, promover desenvolvimento cognitivo e social?

Durante muito tempo, a Psicologia enfatizou a idéia, quase exclusiva, de que a interação professor-aluno era garantia de aprendizagem bem-sucedida e que as relações estabelecidas entre alunos, no decorrer das atividades educacionais em sala de aula, tinham uma influência secundária no processo de aprender, e quando não-indesejável ou desagradável, também sobre o rendimento escolar. É óbvia a dependência dessa idéia de uma concepção de ensino que vê o professor como o agente educacional por excelência, encarregado de transmitir o conhecimento, e o aluno como um receptáculo mais ou menos ativo da ação transmissora do professor. Portanto, não é estranho que nessa concepção pedagógica tente-se reduzir à mínima expressão as relações aluno-aluno, sistematicamente neutralizadas como fonte potencial de condutas perturbadoras na turma, e que o planejamento das aulas repouse sobre a primazia do trabalho individual dos alunos e sobre a interação professor-aluno.

Sem pretender, em absoluto, ignorar a importância dessa interação professor-aluno, suficientemente respaldada do ponto de vista empírico, é possível também afirmar, sob a ótica da concepção construtivista, que as relações entre alunos – ou, o que é equivalente, a relação do aluno com seus companheiros, com seus iguais – influenciam, de forma decisiva, o processo de socialização, a aquisição de aptidões e de habilidades, o controle dos impulsos agressivos, o grau de adaptação às normas estabelecidas, a superação do egocentrismo, a relativização progressiva do ponto de vista próprio, o nível de aspiração e o rendimento escolar.

Entretanto, o impacto da interação com o grupo de iguais sobre as variáveis mencionadas não é evidentemente constante nem em intensidade, nem em sentido. Em outras palavras, não basta colocar os alunos uns ao lado dos outros e permitir que interajam para obter automaticamente, ou em um passe de mágica, alguns efeitos favoráveis. O elemento decisivo não é a quantidade da interação, e sim a natureza dessa interação. Ao tomar consciência desse fato, as pesquisas em Psicologia da Educação dirigiram sua atenção para as diversas modalidades de práticas pedagógicas, baseadas ou não na concepção construtivista, e também para os tipos de organização social das atividades de aprendizagem que possibilitariam pautas interativas entre alunos.

KURT LEWIN

Nasceu em Mogilno, Alemanha, e estudou em universidades de Friburgo, Munique e Berlim. Em 1914, doutorou-se em Psicologia pela universidade de Berlim, onde também estudou Matemática e Física. Fez pesquisas sobre a associação e a motivação e começou a desenvolver sua teoria de campo, que apresentou a psicólogos nos Estados Unidos, durante o Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Yale em 1929. Em seus trinta anos de atividade profissional, Lewin dedicou-se à área amplamente definida da motivação humana. Suas pesquisas enfatizaram o estudo do comportamento humano, em seu contexto físico e social total (LEWIN, 1936, 1939). A característica notável da Psicologia Social de Lewin é a dinâmica de grupo, a aplicação de conceitos relativos ao comportamento individual e grupal. Assim como o indivíduo e o seu ambiente formam um campo psicológico, também o grupo e o seu ambiente compõem um campo social. Os comportamentos sociais ocorrem no interior de entidades sociais simultaneamente existentes como subgrupos, membros de grupos, barreiras e canais de comunicação, e delas resultam. Dessa forma, o comportamento do grupo é uma função do campo total existente em qualquer momento dado.

Embora a tarefa tenha sido abordada por diferentes perspectivas teóricas, as excelentes revisões de Hayes (1976), Michaels (1977), Johnson e Johnson (1979), Slavin (1980) e Pepitone (1981), para citar apenas alguns, mostram que a atenção dos pesquisadores concentrou-se prioritariamente no estudo de três formas básicas de organização social das atividades escolares, denominadas: cooperativa, competitiva e individualista.

Na perspectiva da teoria de campo de **KURT LEWIN**, essas formas de organização foram operacionalizadas atendendo ao tipo de interdependência que existe entre os alunos, em relação à tarefa a realizar ou o objetivo a ser alcançado no decorrer das atividades de aprendizagem. Desse modo, seguindo formulações prévias de Lewin (1935) e de Deutsch (1949), Johnson (1981) definiu as três organizações mencionadas da seguinte forma:

– Numa situação *cooperativa*, os objetivos dos participantes estão estreitamente vinculados; assim, só é possível para cada um deles alcançar seus objetivos se, e apenas se, os outros alcançarem os seus – os resultados que cada membro do grupo persegue são, portanto, benéficos para os demais com os quais está interagindo cooperativamente.

– Numa situação *competitiva*, ao contrário, os objetivos dos participantes estão também relacionados, mas de forma excludente: um participante pode alcançar a meta a que se propôs se, e apenas se, os outros não alcançarem as suas – cada membro do grupo persegue, portanto, resultados que lhe trazem benefícios pessoais, mas que são prejudiciais aos demais participantes com os quais está associado competitivamente.

– Por último, na situação *individualista*, não existe qualquer relação entre os objetivos que os participantes pretendem atingir: ainda que um membro alcance ou não o objetivo fixado, isso não influi sobre o fato de os outros participantes alcançarem ou não os seus; ou seja, perseguem-se resultados individualmente benéficos, sendo irrelevantes os resultados obtidos pelos demais.

A abordagem teórica do condicionamento operante de Skinner também se propôs uma definição operativa da organização social das tarefas escolares. Os autores que se situam nessa linha definem uma organização *cooperativa* quando a recompensa que cada participante recebe é diretamente proporcional aos resultados do trabalho do grupo. Numa organização *competitiva*, pelo contrário, apenas um membro do grupo

recebe a recompensa máxima, enquanto os outros recebem recompensas menores. Finalmente, numa organização *individualista*, os participantes são recompensados com base nos resultados de seus trabalhos pessoais, com total independência do que alcançaram os outros membros. O critério fundamental nesse caso é, portanto, a maneira como se distribuem as recompensas entre os participantes da organização, em lugar do tipo de interdependência com relação à consecução dos objetivos.

De ambas as perspectivas, executaram-se inúmeras investigações com a finalidade de estudar a influência desses três tipos de organização social das atividades escolares sobre diferentes aspectos dos processos de ensino e de aprendizagem, em particular dos que se referem à interação que se estabelece entre os alunos e à sua relação com o nível de rendimento.

Quanto ao primeiro ponto, os resultados estão amplamente de acordo. As experiências de aprendizagem cooperativa, comparadas às de natureza competitiva e individualista, favorecem o estabelecimento de relações muito mais positivas entre os alunos, caracterizadas pela simpatia, atenção, cortesia e respeito mútuo, assim como por sentimentos recíprocos de obrigação e de ajuda. Tais atitudes positivas estendem-se, além disso, aos professores e ao conjunto da instituição escolar. Contrário ao que acontece nas situações competitivas, em que os grupos se configuram sobre a base de uma relativa homogeneidade do rendimento acadêmico dos participantes e costumam ser altamente coerentes e fechados, nas situações cooperativas os grupos são, em geral, mais abertos e fluidos e se constituem sobre a base de variáveis como a motivação ou os interesses dos alunos.

Quanto à influência dos tipos de organização social das atividades de aprendizagem sobre o nível de rendimento dos participantes, Johnson e seus colegas isolaram as variáveis supostamente responsáveis por uma incidência desigual e submeteram os resultados de 122 investigações – todas elas realizadas com amostras de alunos dos Estados Unidos – a uma **META-ANÁLISE**. Eis algumas conclusões que, pelas características do trabalho realizado pelos pesquisadores, podem ser consideradas um balanço dos conhecimentos atuais sobre o tema.

A **META-ANÁLISE** permite determinar a probabilidade de que os resultados de diferentes investigações possam ser atribuídos ao acaso, como que se obtivesse uma panorâmica de conjunto das tendências que surgiram pelos resultados disponíveis em um dado momento.

– As situações cooperativas são superiores às competitivas no que concerne ao rendimento e à produtividade dos participantes. Essa relação é verificada em qualquer grupo etário considerado (embora seja mais forte nos alunos do Ensino Médio) e na natureza do conteúdo – linguagem, leitura, matemática, ciências naturais, ciências sociais, psicologia, atividades artísticas, educação física. A superioridade manifesta-se também em tarefas de formação de conceitos e de resolução de problemas. Apenas no caso de tarefas mecânicas, as situações cooperativas não são superiores às competitivas. Em contrapartida, a superioridade aumenta quando a tarefa a realizar consiste na elaboração de um produto, quando há um estímulo mútuo entre os participantes, quando existe um intercâmbio fluido da comunicação e quando ocorre uma repetição verbal do material a ser aprendido.

– A cooperação intragrupo com competição intergrupos é superior à competição interpessoal quanto ao rendimento e à produtividade dos participantes. Nesse caso, a superioridade é maior quando a tarefa consiste em elaborar um produto e quando o número de participantes do grupo é pequeno.

– As situações cooperativas são superiores às individualistas quanto ao rendimento e à produtividade. Isso é verdade para todas as faixas etárias e para todos os conteúdos estudados. A superioridade é maior quando a tarefa a realizar não é de natureza mecânica, quando se produz uma relação tutorial entre os participantes e quando a tarefa não obriga a uma divisão do trabalho.

– A cooperação sem competição intergrupos é superior à cooperação com competição intergrupos quanto ao rendimento e à produtividade.

– Não se constatam diferenças significativas entre as situações competitivas e as situações individualistas quanto ao rendimento e à produtividade dos participantes.

Em resumo, as análises realizadas por Johnson e seus colaboradores mostram que, em conjunto, a organização cooperativa das atividades de aprendizagem comparada com organizações do tipo competitivo e individualista é nitidamente superior no que concerne ao nível de rendimento e produtividade dos participantes. Vejamos agora o que acontece nas organizações das turmas, com base nas concepções construtivistas e socioconstrutivistas.

– As formas de agrupamento propostas pelas distintas metodologias de ensino correspondem fundamentalmente a três razões: necessidades organizativas, necessidade de atender à diversidade dos alunos e importância atribuída pelas propostas metodológicas aos conteúdos escolares e comportamentais.

– Desde o século XVI, o trabalho em grandes grupos tem sido a forma mais habitual de organizar os alunos em turmas nas escolas. Essa forma de agrupamento dos alunos obedece a uma concepção – os alunos de uma mesma idade são fundamentalmente iguais, aprendem do mesmo modo e no mesmo tempo. O professor atua com o grupo como se este fosse um todo homogêneo; assim, o discurso geralmente é unidirecional e a forma de ensinar corresponde a um esquema que consiste em exposição, memorização do que foi exposto, verbalização do memorizado, por meio de uma prova oral ou escrita e sanção sobre o resultado.

Para poder atender à diversidade dos alunos e à aprendizagem de conteúdos de diferentes naturezas, é preciso haver estruturas organizativas complexas que atendam às potencialidades das distintas formas de agrupamento. É indispensável não desprezar nenhuma das possibilidades educativas oferecidas por cada uma delas: turma, grupos pequenos (fixos e móveis) e trabalho individual; e, em cada um deles, homogêneos ou heterogêneos.

A turma, além de ser a forma habitual de organizar os alunos na escola, oferece várias possibilidades, tanto organizativas como estritamente didáticas. Em uma perspectiva construtivista, o trabalho pedagógico com a turma é apropriado quando se trata de planejar conjuntamente as atividades, as exposições, a distribuição de tarefas, as explicações, a apresentação de modelos, os debates, a assembléia etc. Mas quando se trata de conteúdos procedimentais e atitudinais, cujo domínio exige que sejam prestadas ajudas específicas com relação à competência que cada aluno tem do conteúdo, é preciso procurar formas organizativas que permitam prestar ajudas pertinentes a cada um deles sem que o resto da classe fique à toa. A distribuição de alunos em pequenos grupos, quer sejam fixos ou móveis, homogêneos ou heterogêneos, permite atribuir a cada um deles tarefas concretas e estruturadas, possibilitando ao professor se deslocar e prestar as ajudas necessárias conforme o nível de realização das tarefas.

Ao citar no parágrafo anterior o deslocamento do professor, estava me referindo à ajuda que o ensino deve prestar ao processo de construção de significados e sentidos efetuados pelos alunos. Se a ajuda oferecida pelo professor não estiver conectada, de alguma forma, aos esquemas de conhecimento do aluno; se não for capaz de mobilizá-los e ativá-los e, ao mesmo tempo, forçar sua reestruturação, não estará cumprindo efetivamente sua missão. Para isso, a ajuda deve conjugar duas grandes características:

- levar em conta os esquemas tratados de conhecimento dos alunos, relacionados ao conteúdo da aprendizagem, e tomar como ponto de partida os significados e os sentidos de que os alunos dispõem em relação a esse conteúdo;

- deve provocar desafios que levem o aluno a questionar esses significados e sentidos e forcem sua modificação, e assegurar que essa modificação ocorra na direção desejada – aproximando a compreensão e a ação do aluno das intenções educativas. Isso significa que o ensino deve apontar, fundamentalmente, para aquilo que o aluno desconhece, não realiza ou não domina suficientemente.

Coll (2003) denomina esse processo de *ensino como ajuda ajustada*, e está associado à noção de *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP). A ZDP é definida como a distância entre o nível de resolução de uma tarefa que uma pessoa pode alcançar, atuando independentemente, e o nível que pode alcançar com a ajuda de um colega mais competente ou experiente nessa tarefa (VYGOTSKY, 1979).

A interação professor-aluno é, nas situações de aula, a fonte básica de criação da ZDP, pela própria natureza da educação escolar, como prática elaborada intencionalmente, com o objetivo de alguém (o aluno) aprender determinados saberes (os conteúdos escolares), graças à ajuda sistemática e planejada oferecida por alguém mais competente nesses saberes (o professor). No entanto, também a *interação cooperativa* entre alunos pode se tornar a base necessária para a criação de ZDP, e a origem das ajudas que podem fazer os participantes progredirem em suas aprendizagens através dessas ZDPs. Assim, por exemplo, a existência de pontos de vista divergentes entre os membros de um grupo de alunos, quando da realização de uma tarefa comum, pode ser

relevante como ajuda para a criação de ZDP. A divergência possibilita a criação de desafios e exigências para cada participante do grupo e os pontos de vista alternativos também proporcionam ajudas e apoios que forçam a reconstrução, em um nível superior, dos próprios esquemas de conhecimento como saída para o conflito de opiniões.

RESUMO

A escola é uma tecnologia da educação socialmente construída para dar conta do ensino das populações infantil e juvenil da maioria dos países. Existem diversas possibilidades de organizar a turma, o ensino e a aprendizagem. Cabe ressaltar que, no decorrer das situações cotidianas de ensino, os referenciais e teorias servem como marcos e guias, porém não determinam as ações docentes, pois estas devem contar sempre com os elementos presentes e as incidências previstas, e porque também estão sujeitas a todo um conjunto de decisões que não são de responsabilidade exclusiva do professor.

ATIVIDADES FINAIS

1. Refletir sobre o fato de que a forma de distribuir os espaços, o tempo, a elaboração dos horários, a distribuição dos grupos, não são questões meramente técnicas, à medida que essas variáveis podem influenciar decisivamente no desenvolvimento do ensino e na aprendizagem dos alunos.

2. Considerando que os professores, em sua imensa maioria, já recebem suas turmas prontas, como é possível organizá-las nos diferentes tempos de aula, garantindo que aconteçam os espaços do aprender, do brincar, dos relacionamentos entre iguais?

3. Como conciliar disciplina e aprendizagem na organização interna das turmas?

4. Será que devem ficar claramente estabelecidas as formas de participação para que os alunos as conheçam e contribuam para melhorá-las, para trocá-las ou anulá-las, se for o caso?

5. A participação e o intercâmbio entre alunos e alunas para debater opiniões e idéias sobre os diferentes aspectos que dizem respeito à sua atividade na escola contribuem para a organização interna das turmas?

COMENTÁRIO

Quando propomos atividades em grupos, em sala de aula, estamos respaldados por um ou mais objetivos de aprendizagem, direcionando o ensino – nesse caso, configurado como uma tarefa de grupo – para que os alunos possam construir um conhecimento autônomo e significativo.

Podemos agrupar os alunos de diferentes maneiras: por afinidades de interesse, por níveis de capacidade intelectual (por exemplo, aqueles que consideramos “mais espertos”), por gênero e assim por diante. Entretanto, tais agrupamentos não devem ser imutáveis, senão correremos o risco de homogeneizar a diversidade, regulamentar os intercâmbios entre alunos e sufocar a possibilidade de operação intelectual compartilhada entre alunos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Max Weber afirma que as coisas só podem ser compreendidas se forem observadas a sangue-frio e em profundidade, apreendendo sua objetividade. Acredito que compreendemos melhor a realidade quando a observação se dá “ao longo do processo”, conferindo-lhe uma perspectiva. No caso da organização da sala de aula, ao dar-lhe uma nova perspectiva, nos tornaremos melhores educadores e mais otimistas em relação à aprendizagem de nossos alunos. Compreenderemos melhor nossas turmas se, em primeiro lugar, abordarmos as mudanças no comportamento de nossos alunos que atualmente precederam seus modos de ser. Então, procure percorrer a história de sua turma através das etapas de sua aprendizagem, como uma história das invenções infantis.

A subjetividade presente na sala de aula

AULA 8

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Refletir sobre a arte de formar crianças e adolescentes.
- Explorar a dimensão imaginária dos processos cognitivos.
- Analisar o poder da palavra no cotidiano da sala de aula.

Em Fundamentos da Educação 3, na aula sobre o mal-estar na profissão docente, percorremos uma pequena trilha aberta pela Psicanálise. Nesta viagem, retomaremos esse caminho e visitaremos o território do inconsciente. Como a Psicanálise mantém estreitas relações com a literatura (aliás, Freud considerava a obra literária uma arte), vamos começar nossa viagem com um pequeno trecho do livro *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, um dos autores prediletos do fundador da Psicanálise.

Mas tudo isso fica à margem do nosso assunto. Ou talvez nem tanto, já que a questão é saber se é possível traçar uma divisão clara, segura, entre o mundo nobremente pedagógico do espírito e aquele outro mundo dos espíritos, do qual só com perigo nos avizinhamos, faz decididamente, por demais decididamente, parte do meu tema. Que campo do humano, mesmo supondo que se trate do mais puro, do mais dignificadamente generoso, ficará totalmente inacessível ao influxo das forças infernais? Sim, cumpre até acrescentar: qual deles não necessitará nunca do fecundador contato com elas?

Na aula sobre mal-estar docente, entre outras temáticas, você viu o conceito da transferência e como ele funciona nas relações interpessoais, em especial, na relação analista/analizando e professor/aluno. Você viu também que o ofício de formar mobiliza angústias e desejos capazes de convocar um exército de defesas, afastando o professor da imagem de serenidade (como um monge budista em meditação), cujo único desafio seria o de preparar-se para receber a transferência do ser em formação. A não ser que, nessa preparação, estivéssemos dispostos a incluir sua própria transferência em relação à educação. Se o conflito é inerente ao ofício de formar pessoas, reconhecê-lo é uma exigência básica da formação. Mas, vamos ver mais um pouco de teoria psicanalítica para entendermos melhor o conflito presente na formação e na ação do educador.

A SEXUALIDADE VAI À ESCOLA

A experiência clínica com pacientes histéricas levou Freud a formular uma questão que será decisiva para o futuro da Psicanálise: por que motivo a maioria de suas pacientes se referia a uma história de sedução, atribuída a um adulto, e que teria ocorrido em suas infâncias? A princípio, Freud acreditou que essas histórias de sedução

eram experiências reais, mas devido à quantidade e à intensidade das referidas experiências, começou a desconfiar de que se tratavam, de fato, de fantasias. Assim, deveria haver algo nas experiências infantis que fizesse emergir tais fantasias, e essa alguma coisa deveria ser de natureza sexual. Na época em que Freud estava formulando essas questões, a tese sobre sexualidade humana postulava que sua ocorrência acontecia na puberdade, fase em que o organismo se torna apto para procriar. Ele acreditava que essa tese deveria ser revista. E foi o que fez.

Em 1905, Freud escreve *Três ensaios para uma teoria sexual*; um deles é intitulado *A sexualidade infantil*. Nesse trabalho, Freud mostra que o impulso sexual humano – a pulsão sexual – pode ser dividido em pulsões parciais, que, como veremos mais adiante, é uma questão muito importante para a Educação.

Freud demonstra que a pulsão sexual, da maneira como a percebemos em ação em um adulto, é composta de pulsões parciais, e podemos vê-las nas preliminares de qualquer ato sexual. Antes do advento e do domínio do interesse genital, tais pulsões parciais são vividas livremente pela criança, cujo interesse pela cópula ainda não despertou.

Assim, podemos deduzir que essas pulsões ainda não dispõem de um objeto preciso para o qual possam se dirigir. A criança conduzirá seu impulso para um objeto sexual só quando puder reunir todas as pulsões para conformar a genitalidade. Antes desse momento, cada pulsão poderá se ligar, no máximo, ao prazer que puder extrair do órgão a que estiver vinculado, como, por exemplo, olho, no caso da contemplação; boca, no caso da sucção do polegar etc. Como podemos ver, a criança dirige sua sexualidade para o próprio corpo e só buscará outro corpo quando estiver em pleno desenvolvimento da genitalidade.

Freud afirma que as pulsões parciais possuem um caráter errático, ou seja, não se fixam como o instinto e são capazes de intercambiar os objetos que lhes satisfazem, portanto, de uma certa maneira, a pulsão sexual pode trilhar vias socialmente úteis. E esse é um ponto que interessa à Educação: a pulsão sexual é passível de desvio para outras finalidades que não as propriamente sexuais, logo, pode ser sublimada. Daí Freud apontar que a Educação terá papel fundamental no processo de sublimação.

Em síntese, o processo de sublimação se constitui da seguinte forma: a pulsão vagueia em busca de um objeto e, nesse momento, pode acontecer uma “dessexualização desse objeto”. Como nos explica Kupfer,

a energia que empurra a pulsão continua a ser sexual (seu nome, já consagrado, é libido), mas o objeto não o é mais (...) De modo aproximado, Freud menciona em alguns textos a seguinte idéia: há uma espécie de excesso libidinal, algo como uma reserva, que não é usada para fins diretamente sexuais e deve ser, então, de alguma maneira reaproveitada. Haveria, por isso, a possibilidade de uma certa reciclagem dessa energia, através da “dessexualização” do objeto e da inibição. Com isso, torna-se possível que o indivíduo se volte para atividades “espiritualmente elevadas”, segundo a expressão usada por Freud. São elas a produção científica, artística, e todas aquelas que promovem um aumento do bem-estar e da qualidade de vida dos homens (1992, p. 42).

Mas como se estabelece a sublimação e como ela funciona no cotidiano da sala de aula? Como os educadores podem levar seus alunos para atividades “espiritualmente elevadas”?

Um dos exemplos fornecidos por Kupfer diz respeito à pulsão parcial anal e ao prazer que as crianças encontram na manipulação das próprias fezes, o que qualquer adulto de bom senso tratará de impedir. Isso acontece porque a criança concentra sua atenção em tudo o que concerne a essa região do corpo e aí descobre que há certas matérias que dele se desprendem, como é o caso das fezes. Portanto, parece-lhe natural pegar esse material e brincar com ele. A autora nos aponta que,

caso o desenvolvimento da criança seja bem-sucedido, o que vai ocorrer é um conjunto de movimentos: parte dessa pulsão será reprimida (a criança deixará de manipular fezes), parte irá compor a sexualidade genital (estará presente nas preliminares do ato sexual através de prazer anal) e parte será sublimada. Ou seja, poderá se transformar, por exemplo, na atividade de esculpir em argila. Nesse último movimento, não existe mais objeto sexual, mas apenas um objeto dessexualizado, a argila (1992, p. 43).

Trazendo o exemplo para o cotidiano da Educação Infantil, vemos que, em vez de gritar com as crianças que estão nesse ponto de desenvolvimento, podemos lhes oferecer diariamente objetos como: argila, massinha, tinta, água etc. e deixar que elas façam suas experiências e delas retirem o prazer da criação artística, não importando se vão se

sujar nessa tarefa. Aliás, nunca entendi por que as crianças não podem se sujar na escola, já que isso faz parte do brincar e o ato de brincar promove desenvolvimento. Esta proibição em relação ao ato de se sujar parece ser uma das regras escolares obsoletas, mantidas pelo puro prazer que o adulto sente em se ver obedecido pelas crianças. Muitas vezes, e sem se dar conta, os professores deixam seus alunos submetidos a diversas proibições inúteis e prejudiciais à formação, desenvolvimento e construção de conhecimento.

Freud usou o conceito de sublimação para pensar a função da Educação e, em seu texto de 1913, que trata do interesse educacional da Psicanálise, aponta que os educadores precisam ser informados de que a *tentativa de supressão das pulsões parciais não só é inútil como pode gerar efeitos como a neurose*. Isso porque ele sempre desconfiou de que a hostilidade da civilização se manifestava na forma de uma educação repressora, que só poderia estar convidando os alunos a se tornarem neuróticos.

A hipótese freudiana de uma “vocação neurótica” da humanidade, embora descarte, por um lado, a ação política como uma causa fundamental da repressão, por outro lado, acredita que as classes sociais no poder utilizam, em benefício próprio, a repressão já em uso por outros meios.

Veja as aulas anteriores de Fundamentos, que trataram da relação escola, estado e sociedade e, ainda as que se referiram ao poder em nível macro e micro.

Mas a desconfiança de Freud vai mais longe ainda por entender que a sublimação não é um mecanismo consciente, não podendo, portanto, ser controlada de fora para dentro do sujeito. Como ele mesmo afirma, *excessos não se curam com bons conselhos*. Sendo assim, o uso exagerado de bons conselhos em sala de aula não promove o bem-estar no território do psiquismo dos alunos, já que as bases necessárias à sublimação são fornecidas pelas pulsões sexuais parciais e claramente perversas, como no exemplo da argila.

Nem conselhos e nem supressão das pulsões parciais levam a sublimação? O que fazer então? Em um texto de 1907 – Esclarecimento sexual das crianças –, que Freud afirma claramente que as crianças devem receber educação sexual assim que demonstrarem algum interesse pela questão. Não há porque negar ao aluno as informações através das quais ele poderá dominar, no plano intelectual, o que já conhecia no plano da vivência. E o que é mais interessante nesse artigo é a forma elegante com que Freud aconselha os pais a não se ocuparem do esclarecimento sexual das crianças, dando a entender que essa tarefa seria mais bem desempenhada por outro adulto. Isso porque ele acreditava que os pais teriam sido vítimas do esquecimento (amnésia infantil) da própria infância. Para a Psicanálise, se houve esquecimento é porque houve repressão e há motivos para que tal repressão continue atuando. Logo, não é à toa que Freud sugere descartar os pais dessa tarefa, pois eles, provavelmente, ainda que involuntariamente, colocariam empecilhos nessa empreitada. Mas será que os professores também não são vítimas do esquecimento?

Certamente. É essa questão que retorna na obra de 1930, *O mal-estar na civilização*, em que Freud esclarece que as práticas educativas são determinadas pelos recalamentos sofridos pelo educador, que incidem sobre a parte infantil de sua sexualidade. Afirma ele, então, que "só pode ser pedagogo aquele que se encontrar capacitado para penetrar na alma infantil, já que nós, os adultos, não compreendemos nossa própria infância".

Segundo Freud, é à escola que cabe fornecer as explicações sexuais, e isso deve ocorrer no contexto do ensino. A sexualidade há de ser tratada no mesmo plano que as outras matérias, de maneira que a criança não tenha o sentimento de que é oferecido um lugar diferente a tais questões. Por que, pergunta-se, a insistência freudiana no esclarecimento sexual às crianças e aos adolescentes?

Ora, Freud percebia que as perguntas formuladas pela criança (se já não está intimidada demais para se atrever a questionar) são quase sempre respondidas pelo adulto com uma fábula, quando não, por uma reprovação. Na sua visão, é essa uma atitude extremamente nociva ao desenvolvimento da criança, constituindo a

primeira ocasião de um conflito psíquico, na medida em que certas opiniões, através das quais as crianças vivenciam uma preferência de natureza pulsional, mas que não são “boas” aos olhos dos adultos, entram em oposição com outras baseadas na autoridade das pessoas maiores, mas que não lhes convêm. Este conflito psíquico pode se converter precocemente em uma cisão psíquica.

Aí percebemos claramente um dos aspectos do mecanismo psíquico do recalque, especialmente em sua relação com a palavra. A origem do recalque não se encontra na proibição imposta ao agir, e sim na que é imposta ao dizer. O que não pode ser dito, também não pode ser pensado conscientemente: para a criança, o outro conhece todos os seus pensamentos – e estes se tornam tão culposos e perigosos quanto as palavras ou os atos. Mas os pensamentos não se deixam suprimir facilmente e continuam subsistindo, mesmo sendo banidos do consciente. Assim, o inconsciente seria aquilo que o outro não deve saber, e o motivo mais seguro de obter isso é dissimulando-o para si mesmo. Então, a criança é obrigada a recalcar seus pensamentos pelo fato de o adulto desconhecer sua própria sexualidade, particularmente em suas raízes infantis.

A censura exercida sobre a palavra – quer dizer, o ocultamento da verdade, a mentira por omissão – constitui o erro educacional mais pleno de conseqüências, ao provocar a formação de sintomas neuróticos através dos quais a verdade recalçada retornará; compromete também a independência do pensamento, ou seja, o exercício da função intelectual. É o próprio Freud que afirma: “sem dúvida, se a intenção do educador é sufocar o mais cedo possível qualquer tentativa da criança de pensar com independência, em benefício da tão apreciada “honestidade”, nada ajudará mais do que desorientá-la no plano sexual e intimidá-la no domínio religioso”.

No livro *O futuro de uma ilusão*, Freud trata de “educação para a realidade”, o que consiste em conduzir a criança a levar em conta não apenas a realidade externa, material e social, e suas exigências, mas também a realidade psíquica. Porém, é sobretudo o reconhecimento de tal realidade por parte do educador, que será a melhor garantia para o educando de que ele mesmo terá acesso a ela. A vontade do educador de nada querer saber (sobre suas própria infância) dá origem a seus esforços para reprimir as manifestações do desejo da criança.

Freud afirma ainda que a educação,

(...) até o presente não se propôs outra tarefa que a dominação, ou, mais precisamente, a repressão dos instintos: o resultado não é nada satisfatório, e onde esse processo triunfou, não o fez senão em benefício de um pequeno número de homens privilegiados, cujos instintos nunca passaram pelas exigências da repressão. Ninguém tampouco perguntou por que vias e a preço de que sacrifícios se deu tal repressão dos instintos modestos.

As práticas educacionais, portanto, tiveram como única meta a repressão das pulsões. Seu caráter irracional, suas raízes passionais são assim denunciadas: nem o interesse do educando, nem o da coletividade, são levados em conta por elas. “Estar em paz”, ou seja, não ver questionado seu próprio equilíbrio libidinal por levar em consideração os desejos da criança – eis o que aparenta ser a principal motivação do educador, que nada quer saber da criança que foi. O reconhecimento dos desejos da criança e de sua sexualidade ameaça comprometer a conservação dos próprios recalques, protegidos pelo véu da amnésia infantil. No mesmo texto anteriormente citado, Freud explica que

se esta tarefa é substituída por outra, a de tornar o indivíduo capaz de cultura e socialmente útil, exigindo-lhe o menor sacrifício possível de sua atividade própria, os esclarecimentos que a psicanálise nos deu sobre a origem dos complexos patogênicos e o núcleo de qualquer neurose podem pretender ser considerados pelo educador como indicações inestimáveis para a conduta que se deve ter com as crianças.

Assim, se o objetivo da educação é garantir um desenvolvimento máximo ao indivíduo, no quadro da coletividade social, os dados trazidos pela psicanálise podem, então, se mostrar úteis. E é graças a eles que o educador poderá, antes de qualquer coisa, reconciliar-se com a infância, particularmente com suas manifestações perversas.

RESUMO

A psicanálise registra a “preciosa contribuição à formação do caráter dada pelas pulsões perversas e não-sociais da criança, se estas não forem submetidas ao recalque e desviadas de seu fim primitivo, graças ao processo conhecido pelo nome de sublimação, em direção a fins mais válidos”. Não é pela coerção que se pode atingir tal fim, e menos ainda reprimindo pela força as pulsões. Segundo Freud, “nossas mais altas virtudes se elevaram, mediante formações reativas e sublimações das nossas piores disposições. A educação deveria evitar escrupulosamente o sufocamento de tão preciosos mecanismos de ação, e limitar-se a estimular os processos através dos quais essas energias tomam rumos mais sadios”.

A definição dos fins da educação fornecida aqui por Freud nada tem de original. A idéia de que todo empreendimento educativo deve obter a conciliação dos direitos do indivíduo com as exigências da sociedade não lhe é própria. Cabe à educação resolver as eventuais contradições entre seus respectivos fins. Contudo, compete ao educador fazer justiça às reivindicações de seus alunos (indivíduos), como a de não ver limitadas, além do necessário, suas possibilidades de ação e de satisfação.

ATIVIDADES FINAIS

1. Observe mais atentamente os comportamentos de seus alunos em sala de aula que lhe causam desconforto e/ou constrangimento. Faça uma lista deles.

2. Ao lado de cada comportamento listado, escreva o porquê de cada uma dessas condutas indesejáveis, segundo sua opinião.

3. Agora, pense em estratégias para reverter cada um desses comportamentos que você considerou inadequados. Será que o ataque frontal é a melhor solução para transformá-los?

4. Quais os comportamentos que você considera “bons” e “adequados” em sala de aula? Faça uma segunda listagem e compare com a primeira, repetindo os mesmos procedimentos.

5. Veja, agora, as estratégias que você utilizou para alcançar os “bons” resultados dessa segunda listagem e se estas podem ser usadas para os comportamentos inadequados.

As dimensões esquecidas da sala de aula e da escola

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar os automatismos e as repetições que ocorrem no cotidiano da sala de aula e da escola.
- Fazer uma leitura dos ritos de passagem presentes na realidade escolar.
- Analisar as conseqüências dos automatismos, repetições e ritos no desempenho acadêmico dos alunos e no exercício do magistério.

Começamos mais uma viagem dentro do território da Psicologia da Educação. Nas estações anteriores, percorremos algumas trilhas abertas pela Psicanálise e vimos as contribuições que essa área do conhecimento oferece à prática educacional e ao exercício do magistério. Agora, vamos explorar novos caminhos e retornar nossas observações da escola como um espaço social de articulação de diversas atividades – lugar de confronto e de encontro entre professores e alunos.

Como nos assinala Perrenoud (1995), que o professor exerce um ofício é um fato inegável; a questão está na ordem do dia, que versa sobre a natureza das competências mobilizadas por esse ofício, sobre sua evolução possível e desejável, a sua profissionalização e seu reconhecimento social. Pergunta-se então: podemos falar também do ofício do aluno? Estaremos cometendo algum abuso de linguagem se assim o fizermos? Melhor consultar o *Novo Aurélio do século XXI* e ver os significados da palavra *ofício*.

Destaco, da lista de 10 acepções possíveis, apenas as três primeiras, por responderem a nossa questão:

Ocupação manual ou mecânica a qual supõe certo grau de habilidade e que é útil ou necessária à sociedade: *ofício de dona de casa; ofício de carpinteiro; ofício de escultor; Liceu de Artes e Ofícios.*

Ocupação ou trabalho especializado do qual se podem tirar os meios de subsistência; profissão: *o ofício de bancário; o ofício de vitrinista.*

Ocupação permanente de ordem intelectual, ou não, a qual envolve certos deveres e encargos ou um pendor natural: *o ofício de rei; o ofício de magistrado; o ofício de escritor.*

As três definições confirmam a existência do ofício dos alunos exercendo habilidades manuais, afinal manipulam objetos, livros, folhas, cadernos etc. Têm uma ocupação permanente de ordem intelectual – realizam aprendizagens e construção de conhecimentos e se ocupam de um trabalho especializado: o escolar. Quanto aos meios de subsistência, Perrenoud (1995) argumenta ainda que:

Os meios de sobrevivência não se limitam à questão material. Para existir dependemos dos outros de uma forma ainda mais fundamental: temos necessidade que nos reconheçam uma identidade, uma utilidade, o direito de ser o que somos, de fazer o que fazemos. Ora, estes meios de sobrevivência, tanto a criança como o adolescente, retiram-nos essencialmente do seu ofício de alunos (p. 15).

Agora, podemos ver mais de perto as características que configuram a originalidade desse ofício do aluno:

- não foi escolhido pelo sujeito;
- é dependente de um terceiro, não somente nas suas finalidades e condições principais, mas nos seus detalhes e, sobretudo, na sua fragmentação e na sua relação de tempo;
- está sob o olhar e o controle permanente de terceiros – não só em relação aos resultados, mas também quanto às modalidades;
- está sujeito a uma avaliação das qualidades e dos defeitos da pessoa, da sua inteligência, da sua cultura e do seu caráter.

Pode-se contra-argumentar que alguns ofícios de adultos são tão constrangedores como o ofício do aluno – trabalhos forçados, escravidão, prostituição etc., e outros que são estritamente controlados e constantemente fiscalizados. Entretanto, raramente encontramos todas essas características conjugadas em um único ofício imposto pela escolarização obrigatória por lei e/ou pela vontade dos pais. Vocês já pararam para pensar para onde iria, durante todos os dias úteis da semana e por anos seguidos, a população infantil e juvenil de uma cidade, de um país, se não fosse para a escola? Pois é, a escolaridade constitui uma longa travessia no tempo de vida de uma pessoa; é um ofício que, apesar de não contar com remuneração, é tão rotineiro quanto muitos empregos assalariados. Vejamos as rotinas diárias do trabalho escolar:

- assistir calado e, se possível, imóvel às aulas expositivas durante um tempo predeterminado pelo professor;
- fazer, muitas vezes, exercícios em aula que serão retirados do livro didático;
- lanchar, almoçar ou merendar;
- fazer fila e/ou entrar na fila;
- copiar o dever de casa;
- fazer provas, testes ou avaliações;
- levar bilhetes, recados ou avisos para casa;
- levar broncas;
- responder à chamada;
- prestar atenção etc.

A lista poderia continuar por muitas páginas, mas paremos por aqui porque já está de bom tamanho. Cabe perguntar agora: quais são as estratégias de sobrevivência que os alunos (como trabalhadores desqualificados) criam para se defender contra o poder da instituição. A mais conhecida de todas é o fingimento – adotar uma atitude de quem está atento, de quem está interessado, de quem está pensando, de quem está trabalhando. Outra possibilidade é tentar passar despercebido, jogando com os limites da tolerância, no que tange ao absenteísmo, à disciplina e aos trabalhos que têm de entregar. Perrenoud acrescenta outras indagações:

Quem poderá questionar-se, prosseguir especulações interiores, deter-se diante dos obstáculos, se é constantemente interrompido, guiado, interpelado pelos outros, particularmente pelo professor, e se este pode ler, espreitar o que o aluno escreve, folhear os seus cadernos, rabiscar o texto ou o desenho, retificar as suas frases, a sua acentuação ou a sua postura? (p. 18)

Pode-se incluir uma outra questão fundamental: como é possível aprender quando se é constantemente vigiado e todo e qualquer erro cometido durante o processo de aprendizado é passível de punição, seja por admoestações verbais, seja por humilhações públicas, sarcasmo, bilhetes para casa e/ou direção da escola? Não há quem consiga aprender “direito” de uma vez só, pois o processo pressupõe um tempo de construção de conceitos, tempo variável de acordo com as singularidades dos alunos, mas pleno de tentativas e erros, porque o erro, como nos aponta Piaget, é construtivo.

Quantas vezes ouvimos os professores se queixarem do pouco interesse dos alunos pelos conhecimentos e pela cultura. Lastimam o fato e afirmam que só com a promessa de dar trabalhos valendo pontos a mais para compor a nota bimensal, conseguem um pouco de motivação para a realização das atividades escolares. Reclamam dessa relação utilitarista dos alunos com o saber – não será a própria instituição escolar que a fomenta? O rito educacional de concessão de pontos e notas precisa urgentemente ser revisto, assim como o seu oposto: reter alunos que ainda não completaram suas aprendizagens e recebem como castigo a reprovação. Ou seja, desconsidera-se todo o caminho já percorrido e obriga-se o “condenado” a repeti-lo da mesma forma e desde o início, zerando o marcador de aprendizagem da disciplina em que foi reprovado e todas as outras, por tabela.

Diante dos ritos escolarmente instituídos, só resta ao aluno aprender o mais rápido possível a arte do disfarce, da mentira e da hipocrisia – “ficar esperto” e ver qual a melhor maneira de enganar seus professores, fornecendo-lhes as respostas que, de antemão, sabe que serão “as certas”, embora não acredite nelas e não tenha esse conceito construído.

Muitos autores têm denunciado o caráter destruidor da pressão escolar – é o caso de Ferrière, quando cria as escolas ativas; de Claparède, quando apela para a “educação funcional”; de Freinet, quando entra em dissidência contra a instrução pública massificada; de Neil, quando funda Summerhill; de Pain, quando faz a crônica da escola-caserna e de psicanalistas como Bettelheim, Dolto e Manoni, quando analisam a violência e o tédio da escolaridade cotidiana. Isso significa que o problema não é novo; como afirma Perrenoud,

desde que a escola existe que, de mil e uma maneiras, alguns já demonstraram que esta criava para muitos condições de aprendizagem contrárias às regras elementares de um funcionamento intelectual fecundo (p. 19).

Uma das dimensões mais esquecidas pela escola, por incrível que possa parecer, é o tempo presente. Não vivemos esse tempo na escola, estamos sempre preparando os alunos para o futuro e dizendo isso a eles. Por conta desse esquecimento do presente, vemos o aluno passar dez ou quinze anos de sua existência sentado nos bancos escolares, ameaçado ao longo de todos esses anos de fracassar na vida se não trabalhar o suficiente, se não estudar o suficiente, se não se interessar o suficiente etc.

Acredito que é dessa lógica invertida do tempo que decorre a desenfreada corrida dos alunos pelas notas, já que o essencial é sobreviver até o próximo bimestre, semestre, ou, próximo ano letivo. Ao internalizar que os valores educacionais estão colocados no futuro, os alunos tratam de criar estratégias para sobreviver às regras presentes, incluindo as menos recomendáveis, do ponto de vista pedagógico ou ético – colar nas provas, copiar seus trabalhos de livros e/ou de outros colegas, decorar os textos didáticos em vez de estudar ou tentar compreendê-los etc. A preocupação com os artifícios e as aparências tem um lugar privilegiado no ofício dos alunos, e os pais, como nos aponta Perrenoud, “olhos postos no diploma final e no emprego, reforçam muitas vezes esta tendência”.

Assim como Perrenoud, acredito que a escola seja o lugar de uma vida relacional intensa e, de certa forma, completamente avessa à lógica do ensino e da aprendizagem escolar. Isso provoca sérias conseqüências pedagógicas, por exemplo: se um professor nem sempre consegue mobilizar a atenção e as energias, se as atividades que propõe nem sempre são tão significativas como gostaria, não é porque as crianças e os adolescentes sejam apáticos e não se interessem por nada; é porque eles têm outros desafios, outros projetos e desejos que os mobilizam muito mais e que lhes parecem bem mais importantes que os exercícios de Matemática ou a redação de Português que lhes é proposta.

Quando ignoramos essa vida relacional – outra das dimensões esquecidas – e principalmente a comunicação intensa e constante entre alunos, podemos chegar a paradoxos espantosos: professores interrompendo, mais de dez vezes por dia, as conversas entre colegas, para convidar os alunos a se expressarem. É bastante óbvio que o professor está lutando por instaurar uma outra comunicação, sobre um tema que ele considera evidentemente mais legítimo, do seu ponto de vista. Mas, é evidente também que ele não ocupa um lugar de liderança nessa rede comunicativa que é o espaço da sala de aula. Ou não é? Sempre me pergunto quais são as aprendizagens efetivas que acontecem nesses momentos que exemplifiquei. Só sei dizer que elas não correspondem às intenções de seus planejadores e não são passíveis de avaliação escolar. Continuam submersas em um mar de esquecimento institucional.

Entretanto, como afirmam os sociólogos, por ser a escola uma organização social, ela põe em funcionamento um sistema de ações: atribui aulas aos professores e aos alunos, concede-lhes um espaço e recursos materiais, dá-lhes direitos e obrigações, impõe-lhes regras de conduta, modelos de referência, métodos de trabalho, normas de avaliação e horários. Tudo leva a crer, portanto, que ao passarmos diversos anos de prática em um tipo definido de organização escolar, arrastaremos conosco a formação de um conjunto de esquema de ações, de pensamentos, de avaliação, de antecipação – um *HABITUS*, como seria designado em sociologia. Uma vez adquirido esse *habitus*, tais esquemas que o compõe não se transformarão facilmente e comandarão uma parte das nossas novas experiências, tanto na construção de uma imagem da realidade como nos comportamentos concretos que adotaremos em relação ao nosso trabalho, aos nossos colegas, à nossa carreira profissional, à nossa formação, às nossas filiações políticas etc.

Bourdieu (1967, p. 373), a propósito desse *HABITUS*, esclarece: “Força formadora de hábitos, a Escola dota aqueles que direta ou indiretamente foram submetidos à sua influência não tanto de esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas desta disposição geral, geradora de esquemas particulares susceptíveis de serem aplicados em diferentes domínios do pensamento e da ação, que podemos designar por *habitus* culto”.

Se aceitarmos esse tipo de análise sociológica, muito próxima da Psicologia Social e da psicanálise, podemos admitir que o tipo de funcionamento que, há tantos anos, favorece a organização escolar condiciona profundamente as competências e as estratégias que os alunos, ao tornarem-se adultos, mobilizarão no interior de outras organizações. Isso nos leva a uma outra questão: que modos de relacionamento a organização escolar nos impele a internalizar?

Uma forma de tentar responder a essa questão é identificar o currículo oculto nas rotinas cotidianas escolares que geram, segundo Eggleston (1977) sete tipos de aprendizagens que favorecem regularmente o funcionamento da escola sem figurar nos objetivos oficiais do ensino. De maneira esquemática, podemos resumir as sete aprendizagens da seguinte forma:

– O aluno aprende a “viver na multidão” – vive constantemente sob o olhar dos outros, em um espaço relativamente exíguo para a concentração de indivíduos que comporta; em contrapartida, aprende também a isolar-se, a ignorar e/ou tolerar os diversos tipos de interrupções.

– Aprende-se a “matar o tempo”, a esperar, a acostumar-se ao aborrecimento e à passividade como um ingrediente inevitável da vida escolar.

– Aprende-se a submissão à avaliação do outro – do professor e dos colegas da turma.

– Junto ao aprendizado visto, o aluno saberá como satisfazer as expectativas de professores e colegas, para deles obter a estima, os elogios ou qualquer outra forma de recompensa.

– Também acontece o aprendizado de vida em uma sociedade hierarquizada e estratificada – aprende-se a ver como “normais e legítimas” a desigual distribuição do poder e a existência de indivíduos ou grupo de indivíduos com *status* diferenciados.

– Aprende-se a controlar ou, no mínimo, a influenciar junto aos colegas, o ritmo do trabalho escolar e a progressão dos conteúdos em aula, através de diversas estratégias: fazer novas perguntas, mostrar que não entendeu as explicações fornecidas pelo professor, pedir mais prazos para o trabalho etc.

– E, por fim, aprende-se a funcionar em grupo restrito, a partilhar e a utilizar os valores e os códigos de comunicação para convivência nesse grupo (pp. 110-113).

Perrenoud acrescenta mais três tipos de aprendizagens à lista de Eggleston: relação com o tempo; relação entre o espaço privado e público; relação com as regras e os saberes.

Estamos acostumados a conceder toda nossa atenção ao currículo formal da escola, o que nos impede, muitas vezes, de ver que, tal qual outras organizações sociais, a escola possui sua própria cultura e quer conservá-la e segregá-la a suas novas gerações. Como organização, a escola tem seus próprios desafios culturais e cada estabelecimento de ensino tende também a transmitir uma cultura que lhe é própria. O que também é verdade para cada professor no interior de sua sala de aula. Tudo isso nos leva a refletir sobre o significado relativo do sucesso escolar, como nos sinaliza Perrenoud:

É por isso que o sucesso escolar, abstratamente definido como a apropriação do currículo formal, se identifica, na prática, mais com o exercício qualificado do ofício do aluno. A avaliação informal consiste, pois, em larga medida, em garantir que o aluno aprende e exerce convenientemente o seu ofício (p. 65, grifos do autor).

Em Fundamentos da Educação 3, você viu aulas dedicadas ao tema da cultura escolar, cultura docente etc.

Evidentemente isso não está descolado de um certo domínio dos saberes e do saber-fazer inscritos no currículo da escola. Mas como esse domínio junta as formas e os conteúdos de um trabalho escolar que necessita de um conjunto de rotinas, a exemplo de qualquer atividade regular em uma organização burocrática, corremos sempre o grave perigo de que as rotinas assumam maior valor na hora de avaliarmos nossos alunos.

RESUMO

Nesta aula fizemos uma visita às rotinas escolares e a sua função organizadora dentro da longa marcha da escolaridade. Trabalhamos com o conceito de ofício de aluno, currículo oculto e cultura escolar, sempre sublinhando as articulações desses conceitos com a avaliação dos alunos, as aprendizagens conquistadas, embora clandestinas, e o sentido do trabalho escolar. O objetivo principal era dar visibilidade as dimensões esquecidas da sala de aula e do cotidiano da escola, vividos por professores e alunos em constante interação.

ATIVIDADES FINAIS

1. Quando você escuta dizer que crianças e adolescentes já não têm “gosto pelo estudo”, “não valorizam mais” a escola ou “não se esforçam mais”, a que fatores escolares você atribui maior influência na determinação desses comportamentos?

2. Você acredita que existem aprendizagens regularmente geradas pela escola sem terem qualquer registro no currículo oficial, nem nas finalidades globalmente imputadas à instrução pública pelo discurso político? Por quê?

3. Como seus alunos aprenderam o ofício de aluno?

4. Que rotinas escolares poderiam ser extintas e quais deveriam ser mantidas?

5. A aprendizagem do senso comum, afirma Perrenoud, é talvez o componente mais bem escondido do currículo oculto. Terá o professor consciência de levar os seus alunos a partilhar o senso comum, os esquemas e as categorias fundamentais do pensamento que predominam na nossa sociedade?

As relações presentes na sala de aula

AULA

10

Meta da aula

Descrever um estudo de caso como recurso para se pensar as práticas cotidianas em sala de aula.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Descrever as diferentes interações que podem ocorrer em sala de aula.
- Propor possíveis soluções para o estudo de caso.

INTRODUÇÃO

Ao entrar pela porta de uma sala de aula, encontra-se uma grande diversidade de subjetividades, ou seja, de seres singulares, que interagem em efervescência, em intensidades diversas e que passeiam por diferentes caminhos que se manifestam através de diferentes comportamentos. As curiosidades infantis estão sempre carregadas de perguntas cujas respostas requerem cuidado por parte de quem responde; em outras palavras, aquele que responde torna-se responsável (a palavra *responsável* quer dizer: aquele que responde por) pelo que diz ou mesmo pelo que omite.

As crianças estão sempre procurando saber até onde lhes é permitido ir e se a relação que têm com o professor e colegas poderá lhes dar sustentação para o que deseja conhecer ou saber.

A sala de aula, assim como a família, constituem os universos nos quais as crianças estão inseridas e é daí que elas retiram saberes para interpretar o mundo que as circunda. É de muita importância a forma pela qual são recebidas em sala de aula pelos seus pares e pelo professor. Além disso, há diversas formas de interação entre os grupos de crianças e delas brotam relações de liderança em brincadeiras que podem significar, por exemplo, como estão vivendo o cotidiano familiar e escolar.

Nesta aula, serão apresentadas idéias que discutem a complexidade das relações que ocorrem na sala de aula em seu cotidiano.

UM CASO PARA SE PENSAR

A sala de aula é um dos pontos de encontro de diferentes pessoas. Para lá elas levam suas histórias, suas experiências, seus conflitos, suas dúvidas. É lá que podem ser reconhecidos os desejos, medos e expectativas. O olhar e a compreensão de um adulto nem sempre dão conta do que se passa com uma criança. Vejamos, então, uma história inspirada em um fato verídico, na qual foram modificados os nomes, o local e alguns detalhes. Leia com atenção.

Uma gatinha selvagem

Na escola

A professora da turma de educação infantil recebe uma nova aluna em classe. Rostinho lindo e sério, a menina de quatro anos se recusa a participar das atividades propostas que provocam o imediato entusiasmo das crianças. Nossa gatinha se isola de todos e mostra forte

negativismo, afastando-se dos colegas e tentando de todas as maneiras determinar as próprias regras, como a hora do lanche ou o local da escola onde preferia ficar. Por vezes, agride um colega batendo nele. Quando a professora exige que peça desculpas, ela o faz chorando, com raiva, e se dizendo injustiçada. A gatinha se mantém isolada dos colegas sem interagir com adultos e crianças.

Os profissionais do estabelecimento não acreditam que a gatinha selvagem possa superar as “dificuldades” e vir a interagir normalmente com seus companheiros de turma. No entanto, a professora percebe nela uma expressão de tristeza, quase de depressão. Ela decide então marcar um encontro com os pais para conversar e procurar saber mais sobre a história da menina. A **ANAMNESE** feita pela escola não continha informações suficientes.

Fica-se sabendo, então, que a gatinha selvagem vinha freqüentando várias escolas até que chegou àquela em que se encontrava. Nenhuma das instituições foi capaz de lidar com o “problema”; o resultado, pois, era sempre “pedir que a criança não voltasse a se matricular”.

A família

Quanto às relações familiares, a situação era a seguinte: os pais tinham um casamento considerado estável, com uma boa situação financeira, aparentemente sem conflitos conjugais graves. O pai atualmente viaja com muita freqüência para atender às demandas de trabalho; isso lhe rende um bom salário, o que permite à família um padrão de vida confortável. No entanto, no passado, quem cuidou do bebê foi o pai, já que na época ele se encontrava desempregado e cabia à mãe o sustento da casa. A “gatinha” alimentou-se com mamadeiras perfeitamente bem até que, por volta dos oito meses de idade, o pai começou a trabalhar, e a mãe assumiu a posição que ele ocupava, ou seja, a de cuidar da menina. Esse período coincidiu com o aparecimento de fortes gripes no bebê, acompanhadas de febre alta; depois de alguns meses, porém, desapareceram quase por completo.

A mãe mostrou-se extremamente cuidadosa e preocupada com a saúde da filha, no entanto, até os dias de hoje, a menina dorme no quarto dos pais, pois tem muitos pesadelos quando passa a noite em seu próprio quarto. Além disso, o pai mostra-se muito amoroso com a filha e é incapaz de dizer “não” a ela.

ANAMNESE

Histórico descritivo feito com base nas lembranças e vivências da família, relativas à história de vida do aluno.

Ultimamente, a menina tem apresentado algumas manifestações de medo excessivo (fobia) de ambientes fechados e escuros, tanto na escola quanto em casa.

A professora

A professora observa e acompanha a “gatinha selvagem” com atenção, procurando, de todas as formas, criar condições para que a pequenina participe das atividades, de maneira interativa com os colegas. Durante os dois primeiros meses do ano letivo tudo parecia ser infrutífero. Nada repercutia na determinação da menina de se manter distante e isolada; o diálogo com os pais, os convites para participar de brincadeiras ou a leitura de histórias não a motivavam. Nada ou aparentemente nada era aceito e nada parecia indicar o caminho que pudesse gerar uma relação educativa naquele espaço escolar. Havia uma barreira difícil de transpor.

A professora se preocupava com as possíveis conseqüências futuras na vida de sua linda aluna. Sabendo que “beleza não põe mesa”, ela é dotada de uma profunda consciência do importante papel da escola, que não se resume apenas à transmissão de conteúdos. A escola é, para ela, um espaço de socialização, de aprendizagem de valores, de transformação, de novas perspectivas e de preparação para lidar com o que o mundo e a vida propõem e irão propor às crianças. A professora se preocupa com o que a “gatinha” sofreu por não ter sido aceita nas escolas pelas quais passou. Ela sabe também que as crianças são extremamente perceptivas e que, por outro lado, dispõem ainda de poucos recursos cognitivos e afetivos para enfrentar os erros que os adultos também cometem.

A professora tem grande clareza sobre seu papel profissional. Ela sabe que o processo de ensino-aprendizagem não pode ser visto isoladamente, já que os seres humanos constituem-se num todo, no qual a cognição, os afetos e as emoções não se encontram separados como partes de um jogo de montagem.

Até que...

O que você faria?

Sabemos que existem muitas possibilidades de intervenção para cada situação vivida em sala de aula. Cada professor tem sua maneira própria de estabelecer relações com seus alunos e busca soluções de acordo com seus conhecimentos pedagógicos e suas experiências profissionais (TARDIF, 2002).

No entanto, vamos propor duas alternativas, tendo consciência, porém, de que elas não seriam as únicas possíveis.

Uma primeira alternativa para se pensar a “gatinha selvagem”

O primeiro caminho proposto repousa sobre a noção de *disciplina*. Nele, parte-se do pressuposto de que o estabelecimento escolar tem regras e normas a serem cumpridas e seu funcionamento está baseado nesses princípios. Pressupõe-se, também, que a escola tem uma hierarquia que deve ser obedecida, não importando o que aconteça. Essa maneira de conceber a escola envolve a idéia de que a ordem é o elemento que permite seu bom funcionamento. Todas as manifestações que firam tais princípios devem ser impedidas ou reprimidas com vigor. Sendo assim, tudo aquilo que fugir às regras estabelecidas deverá ser adaptado ao modelo instituído. Esse modelo de escola não admite qualquer questionamento ou dúvida. Nele só existem certezas e aqueles que não as toleram ou não as aceitam são considerados *incapazes* de aí permanecer.

Esse modelo pode ser encontrado em escolas que seguem o regime militar ou em escolas militares mesmo cuja *hierarquia* tem uma posição privilegiada. Aliás, é importante sublinhar que as instituições militares são pautadas na hierarquia, condição que molda sua existência e funcionamento.

Quando a *hierarquia* e a *disciplina* constituem as bússolas de um estabelecimento escolar, tais fatores irão contribuir em muito no clima e nas relações em sala de aula. Pode-se dizer que estaríamos descrevendo uma escola tradicional, já que as instituições tradicionais têm essas referências como centro de sua concepção educativa.

Como seriam as relações em sala de aula em tais escolas? Muito provavelmente seriam de caráter *bancário*, como diz Paulo Freire. Isso quer dizer que o professor se conceberia como aquele que “possui” o conhecimento e que o aluno seria aquele que deverá “aprender”, isto é; o professor sabe e o aluno não. Nesta escola é necessário, portanto,

estar imbuído da idéia de que o aluno é vazio, que não sabe e deverá ser nutrido pelo professor, tido como a fonte do saber, modelo para o futuro cidadão que será cultivado e moldado para a *ordem* e o bom funcionamento da sociedade.

Nela não há por que exercer um pensamento crítico, pois o propósito é modelar os indivíduos para que se adaptem – no sentido de se submeterem – às regras e às normas instituídas.

De acordo com essa concepção educativa, a solução possível seria encaminhada através de elementos que pudessem indicar preocupação com a manutenção da *ordem*, considerando a menina a única responsável por suas ações. Citamos como exemplo:

- No âmbito da linguagem falada: “você não sabe se comportar”, “você precisa aprender a se comportar”, “você é a única que faz essas coisas”, “seja uma boa menina”, “você não é uma boa menina”, “porque você não é igual aos outros?”, “você é malvada”, “você é desobediente...”.
- No âmbito das relações: tendência a criar um ambiente de discriminação, acentuando o isolamento da menina através de diversas punições disciplinares; tendência a se reforçar uma imagem do “aluno problema”, alimentando o mecanismo conhecido como “profecia auto-realizadora”. Esse mecanismo é observado com frequência nos diferentes grupos sociais, assim como nas escolas, apresentando-se da seguinte maneira: quando alguém se mostra diferente do que se espera ou do que se imagina, de imediato se estabelece uma palavra ou expressão que definiria essa pessoa (estereótipo). Sendo assim, para uma pessoa mais reservada, por exemplo, alguém que passa por um período de vida mais difícil pode ser reconhecida como “a complicada”, ou “a tímida”. A profecia auto-realizadora provoca, no grupo, o surgimento e o reforço de atitudes preconceituosas, gerando sofrimento para aquele que as sofre além de realimentar o comportamento apresentado pela pessoa em questão.

Podemos supor que as soluções inspiradas em valores como a *disciplina* e a *ordem* podem criar soluções aparentes. No caso da “gatinha selvagem”, o resultado obtido poderia ser, por exemplo:

- A impossibilidade de a menina se tornar “uma boa menina” (o que exatamente é “ser uma boa menina?”) e ser convidada a se retirar da escola.
- Adaptar-se ao modelo, tornar-se aceitável pelo estabelecimento escolar e desenvolver outros meios de manifestar suas dificuldades e dúvidas relativas a ela mesma, às pessoas com quem convive e ao mundo que a cerca. É bom lembrar que se os adultos mais próximos (família e profissionais da escola) não se mobilizaram para decifrá-la, dificilmente a menina desenvolverá meios aceitáveis para se expressar socialmente.

Uma segunda alternativa para se pensar sobre a “gatinha selvagem”

A segunda alternativa que iremos lhe propor implica uma concepção que leva em consideração os seguintes aspectos:

- A escola é considerada um espaço no qual se produzem e se elaboram conhecimentos e valores de inúmeras ordens, como enriquecimento da socialização, troca de saberes, compreensão mais ampliada do mundo, respeito mútuo, noção de que o erro é um caminho para o acerto, dentre outros.
- A escola é um importante espaço de onde emergem experiências que permitirão à criança reconhecer o mundo como o lugar que ela habita, que ela pode ser e estar junto a outros seres semelhantes e diferentes ao mesmo tempo, em vez de ter como perspectiva uma única possibilidade que é a de se submeter a um modelo já pronto e fechado.
- A escola é um espaço no qual as muitas perguntas que fazemos são recebidas como propostas para que sejam pensadas, respondidas ou não, quer dizer, a escola tem possibilidades, mas tem seus limites. Ela não é a fonte da verdade.
- A escola é um espaço onde todos têm importância e significado, merecendo o cuidado (BOFF, 2000) e a sensibilidade de cada ser que aí se encontra. O seu objetivo não é eliminar as diferenças. As diferenças entre os seres humanos são percebidas como uma das fontes das múltiplas possibilidades de sermos neste mundo.
- A escola não se concebe como instrumento de uniformização nem de homogeneização.

Para ilustrar as ponderações feitas anteriormente, consulte os sites: www.rubemalves.com.br e www.eb-1-ponte-n1.rcts.pt. Nele você terá a oportunidade de entrar em contato com uma escola, a Escola da Ponte, onde todos estão voltados para uma educação que não se preocupa apenas com o vestibular, com os exames e, portanto, com um modelo que deve ser copiado.

Tendo em vista a forma de pensar a educação como foi proposta, voltemos para o estudo de caso cuja discussão envolve a “gatinha selvagem”.

Uma história sem final feliz porque não tem final

Até que...

A professora da “gatinha selvagem” continuava determinada a decifrar o comportamento desafiador de sua pequenina aluna. O desafio era não “domesticar” a criança, era não torná-la absolutamente dócil e meiga, como uma “boa menina” ou “como as meninas devem ser”. O desafio, enfim, era descobrir como apaziguar a dor que lembrava a dos animais feridos e que, por causa disso, tornam-se mais violentos. O desafio, enfim, era poder saber onde doía para tocar a ferida e tentar cicatrizá-la.

A professora cuidava da menina sem se esquecer de seu papel profissional e de sua condição de adulta.

Certo dia, a gatinha, mais uma vez, recusava-se a atender aos pedidos da professora e começava a correr pela escola dizendo-se mais forte e mais veloz. A professora, então, passou a correr atrás da menina, dizendo-lhe: “eu sou maior que você e vou pegá-la”. Iniciou-se uma brincadeira de “pega” fazendo com que, em poucos minutos, a menina comesse a rir, feliz, junto à professora. As duas riam alegres da situação inusitada e que exigia da professora um bom fôlego. Finalmente, a professora alcança a menina segurando-a entre os braços com firmeza e delicadeza. A menina ria de satisfação e, para surpresa da professora, aceitou ir para a sala de aula junto a seus colegas. Pela primeira vez, naquele ano, a gatinha participou das atividades grupais e da vida cotidiana da escola.

O que terá acontecido?

Apresentaremos algumas possibilidades que não se excluem:

1. A professora foi capaz de se tornar criança para brincar com a menina sem, no entanto, esquecer a condição de adulta e responsável. Ela se deu conta de que, enquanto pedisse à menina que viesse para o mundo da sala de aula, nada mudaria. Resolveu, então, entrar no mundo da menina, ou seja, passou a brincar a brincadeira proposta pela “gatinha”, sem com isso se perder no jogo comandado por ela própria. Quer isso dizer que a professora abandonou, por alguns instantes, sua condição de adulto, permitindo-se assumir um papel infantil. Tal atitude permitiu à menina sentir-se respeitada e percebida como pessoa.

2. A professora funcionou como *mediadora* ou como *facilitadora*, permitindo à “gatinha” sentir-se segura para se arriscar a conhecer a realidade escolar. Dessa forma, também foi possível à menina compreender que havia alguém que cuidava dela, sem que isso implicasse punição ou excessivo controle.

3. A brincadeira funcionou como um momento em que predominou a *liberdade*: não havia papéis predeterminados, não havia regras impostas a serem cumpridas. Os poucos instantes de atividade lúdica foram suficientes para mostrar à menina que não havia um perdedor e um ganhador. Na realidade, as duas, professora e “gatinha”, ganharam. Em outras palavras, aquele instante lúdico permitiu criar um vínculo no qual predominou a confiança e a alegria entre as duas.

Você pôde observar que para a primeira solução toda a argumentação ficou centrada na criança, fazendo dela o foco da atenção e mesmo da responsabilidade de seu próprio comportamento. Não foram feitas perguntas, nem se duvidou das medidas a serem tomadas. As respostas já existem antes mesmo de se questione o que quer que seja.

Quanto à segunda solução, o foco da atenção foi lançado sobre o estabelecimento escolar, o que significa que foi valorizado o contexto no qual a menina estava inserida. Além disso, não havia respostas ou certezas absolutas. A professora mostrou-se consciente de sua concepção sobre o que é a ação educativa, conjugando tais valores com uma sintonia “fina”, ou seja, agir para buscar as respostas que ainda não conhecia.

CONCLUSÃO

O estudo de caso que propusemos nesta aula permite-nos apreciar o quanto as relações em sala de aula são reveladoras de toda a dinâmica escolar. O espaço escolar tem sido objeto de inúmeros estudos em diversas áreas das Ciências Humanas como a Sociologia, a Pedagogia, a Psicologia, a História e a Arquitetura. A grande quantidade de conhecimento que brota da escola indica que esse universo é múltiplo quanto a seus problemas e a suas possíveis soluções. Nessa medida, os seres que aí vivem não podem ser considerados como os únicos responsáveis por suas ações.

Ao nos defrontarmos com situações que nos desafiam dentro da escola, é sempre interessante ampliar o foco de nossa atenção, o que permite estabelecer relações entre fatos e, assim, compreendermos melhor aquilo que se passa a nosso lado.

É prudente reafirmar que as soluções propostas para o caso apresentado não devem ser consideradas as únicas. Você, aluno, pode apresentar suas próprias soluções, pois se considera que existem novas e interessantes maneiras de enfrentar desafios dentro do ambiente escolar.

ATIVIDADE FINAL

Descreva e justifique sua própria maneira de buscar soluções para o caso da gatinha selvagem.

RESPOSTA COMENTADA

Lembre-se de que sua reflexão e postura pessoal deverão, principalmente, demonstrar coerência. Ser um professor que exige disciplina não é um “pecado” ou um erro. O propósito desta aula é mostrar que uma atitude radical e sem crítica pode ser geradora de novos problemas no comportamento dos alunos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Ao final desta aula você deve ter compreendido a importância de considerar diferentes abordagens – disciplinadora e compreensiva – para que se possa desenvolver o senso crítico em relação às práticas cotidianas em sala de aula. Se você sentir necessidade, converse com seu tutor, pois o diálogo é um caminho que nos ajuda a melhor compreender os fenômenos complexos que ocorrem no nosso dia-a-dia.

Cultura e cotidiano escolar – A sala de aula Ética e Educação

AULA

11

objetivo

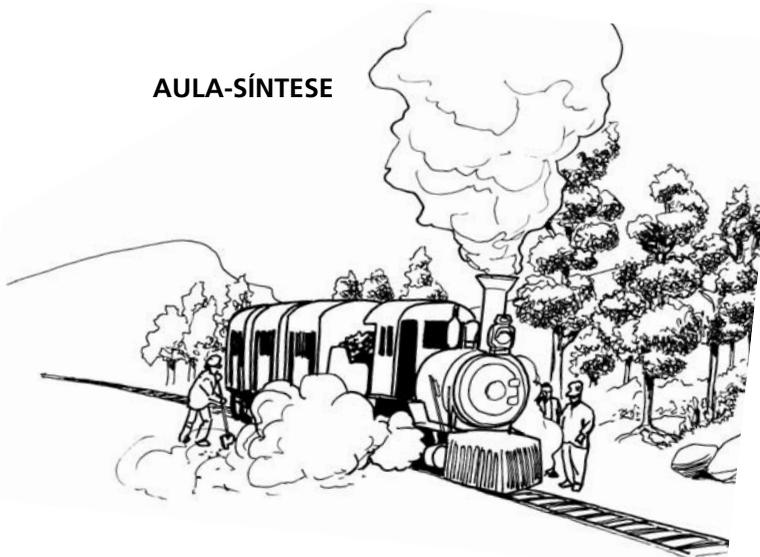
Ao final desta aula, você será capaz de:

- Rever concepções, conceitos e noções explorados nas aulas anteriores com abordagens sobre a idéia de cultura, sua tipologia e exteriorização; a organização da escola e o cotidiano escolar; as dimensões esquecidas da escola e da sala de aula; a subjetividade, as relações, a construção do conhecimento, a organização de turmas no espaço de sala de aula.

Pré-requisito

Esta aula contém uma síntese das dez aulas passadas. Para uma efetiva revisão, retome o material de estudo, condição essencial para solidificar as aquisições já feitas.

AULA-SÍNTESE



Por que parou...
parou por quê?
(autor desconhecido)

O trem saiu da estação e, veloz, foi se deslocando para a parada seguinte. A paisagem montanhosa quase que era um borrão se delineando cada vez mais precisamente em seus contornos. Pouco a pouco, o trem foi diminuindo a marcha, foi diminuindo e... estancou. Parou de verdade.

Aproveite a interrupção da viagem na Terra dos Fundamentos. Relembre os avanços decorrentes de seus estudos anteriores. Releia os resumos e refaça as avaliações. Após, mãos à obra. Há uma aula-síntese com novas atividades. Então... BIS!

AULA 1

TEMA: DEFINIÇÃO DE CULTURA

Os comportamentos das pessoas expressam formas diferentes de pensar, ser e agir e são característicos do espaço-tempo social em que vivem. Continuamente, os homens criam normas, valores, idéias, hábitos, saberes e costumes e, deste modo, reorganizam, modificam e acrescentam normas e práticas ao ambiente social. Transmitem aos mais jovens este acervo, e estes reiniciam o processo de inovação. A realidade é constantemente reconstruída no sentido de si mesmo, dos outros e do mundo. A diversificação da organização interna de cada sociedade possibilita ao indivíduo pertencer a vários grupos com culturas específicas. São as subculturas.

Como forma de aplicação dos conhecimentos dominados, tente completar o quadro a seguir:

PESSOAS	LOCAL	AÇÃO/PRODUÇÃO	SUBCULTURAS
Artesãos	Feira na praça	Bonecas de pano	Artistas populares
Espectadores	Teatro Municipal	Espectáculo de dança	
Assinantes de TV paga		Final de campeonato colegial de <i>handball</i>	Desportistas
Pais de alunos de Escola Fundamental		Festa junina	Pais representantes

A aprendizagem dos aspectos fundamentais da cultura de uma sociedade compõe a socialização primária, enquanto a aprendizagem correspondente a cada grupo social é chamada socialização secundária. A escola produz trabalhos com os dois níveis de socialização ao explorar conteúdos na dinamização de sua estrutura curricular no processo de formação dos indivíduos componentes de dada cultura, dada realidade. Compatibilizam-se currículo e realidade.

O etnocentrismo supõe a superioridade de um padrão cultural qualquer, apesar de identidades e culturas guardarem a mesma condição de igualdade. Discriminação e exclusão são efeitos do comportamento etnocêntrico. Ao contrário, tolerância e igual aceitação da diversidade cultural promovem a configuração democrática de uma sociedade.

O tratamento da multiplicidade cultural se constitui em missão da escola ao relacionar e integrar saberes e práticas.



ATIVIDADE

1. Agora, desenvolva uma atividade de raciocínio matemático. Fique esperto.

Se o etnocentrismo supõe a superioridade de um padrão cultural sobre outros padrões, então, supondo Deus brasileiro, o Brasil contaria com o privilégio de _____

AULA 2

TEMA: TIPOS DE CULTURA

Caracterizar a produção cultural auxilia muito no entendimento da cultura. A estrutura de classes sociais determina níveis hierárquicos de expressão cultural. Assim, temos a cultura erudita com produção e manifestação direcionadas à camada social mais elevada, entendida esta como composta pelos mais ricos, poderosos e educados, com hábitos, gostos e estilos de elevado refinamento. O consumo da elite pressupõe a produção dos “clássicos”, pilares da produção artística.

Já a camada inferior da população, produz e consome a denominada cultura popular. São seus representantes artistas altamente criativos e improvisadores, com pouca formação escolar. O Folclore brasileiro, produto anônimo de pessoas e grupos, tem sua origem ligada ao campo. A cultura popular urbana é produção das minorias étnicas oriundas dos moradores dos bairros mais pobres.

O desenvolvimento dos meios de comunicação ocasionou o aumento da produção e difusão dos bens culturais e artísticos. Novas técnicas de reprodução foram criadas e as informações propagadas para a população em geral. A televisão passou a ser o veículo mais influente da cultura de massa. Estado e iniciativa privada investiram em meios de comunicação na busca de objetivos políticos e econômicos, processo amplo e complexo. Como efeito, a porção de sentido “cultura de massa” é substituída por “indústria cultural”, entendida por organismos empresariais como mercadoria a ser consumida em altas proporções. Influência estrangeira, por conta de EUA e Europa, faz-se presente ativando o processo de desenvolvimento cultural em razão da internet e outros avanços de produção e difusão da cultura.

O fenômeno da circularidade das culturas decorre de elementos e traços culturais pertinentes a diferentes classes/níveis sociais interagindo.

Conclusivamente, é incerta a correspondência exata de certo nível cultural e certa classe social.

O caldeirão cultural brasileiro recebe extensa influência dos meios de comunicação e dos padrões disseminados pela família, religião, escola e mídia.

Os padrões disseminados pela família, religião, escola e mídia e a influência extensa dos meios de comunicação são condicionantes de configuração do caldeirão cultural brasileiro.

O sistema de ensino é componente da dinâmica de produção e difusão cultural, tendo a escola sujeitos, matizes e identidades culturais diferenciados. Há que se entender, no processo de aprendizagem escolar, saberes e currículo também como produtos de um processo sociocultural.

A consagração de toda esta ponderação deve estar presente no pensar e fazer de cada projeto pedagógico elaborado.



ATIVIDADE

2. Um exemplo de cultura popular é o hábito de contar histórias de bruxas que as crianças residentes na região da Lagoa da Conceição, Florianópolis, têm. As tardes de sábado são dedicadas a isto. São feitos relatos sobre lobisomens, pessoas que se transformaram em árvores, histórias de pescadores e muito mais. Leia uma destas histórias:

Um homem bate à porta, a mulher atende, o homem com dentes poderosos dá-lhe uma mordida. A blusa dela se rasga e um pedaço de fazenda é perdido. De manhã, ao acordar, olha para o marido. Seus dentes guardam fiapos e tecido de sua blusa amarela rasgada. O próprio lobisomem.

AULA 3

TEMA: CULTURA PATENTE E CULTURA LATENTE

A historicidade das normas culturais é a ferramenta para compreender os elementos e padrões em sua transitoriedade no seio da cultura de uma sociedade. O processo de criação e recriação constante é, em si, a dinâmica de transformação social. Padrões e artefatos constituídos e constituintes servem para vislumbrar a escola como cultura patente e cultura latente.

A cultura patente está instituída por normas, valores, idéias e práticas vigentes em dimensão real e atual na ordem societária, sendo adequada a determinado contexto social. Sob esta ótica, percebe-se a escola como organização conservadora em alguns traços do seu cotidiano:

No plano do conhecimento: os saberes, a rigidez curricular, as práticas, a autoridade docente e a concepção sobre o aluno;

No campo da avaliação: a valorização da nota, a ênfase em moldes quantitativos e a aprovação ou reprovação;

Na área material: o aprender/registrar no papel, o uso de caderno e quadro-de-giz, o preenchimento e atualização de diário de classe e a consagração do livro-texto;

No domínio do comportamento: a expectativa relacional referente a padrões de normalidade no que tange a roupas, adornos e modelos estéticos;

Na linguagem: a significação de “aluno” e a significação de “estudante”.



ATIVIDADE

3. A escola é o espaço do não-saber. Saber o quê? Os pensadores de educação para este milênio enfatizam a idéia de aprender o processo de aprender. Relacione esta afirmativa com os esclarecimentos contidos no texto da aula e conceitue "estudante". Troque opiniões com um colega.

A cultura latente está por se fazer. Quando em construção, inova e edifica outras normas, idéias e valores. Ela torna possível, no âmbito das relações sociais, a criação, a transformação e a renovação da realidade.

A escola, se renovada, reconstrói-se em moldes de pensar e fazer, incorpora novos valores e práticas, é formadora da cidadania, desenvolve as diversas capacitações dos indivíduos, estimula a organização, a mobilização e a participação populacional. Também proporciona qualidade à educação, respeita a diversidade cultural, considera os aspectos informais e de construção do conhecimento, não confunde autoridade docente com autoritarismo, institucionaliza-se fundamentada em cooperação e no diálogo, não se equivoca a respeito de liberdade e criatividade discente em prol de individualismo, utiliza os meios de comunicação em sua lógica para a informação e produção de conhecimento, propõe nova disposição do espaço escolar disponível, promove a metaaprendizagem, mantém hábitos de leitura de textos e livros, informa e forma para a vida social como um todo.

No seu vir-a-ser institucional, a escola ratificada como serviço público, tem condições de pensar e agir para transformar padrões e cada vez mais promover a integração econômica, política e cultural dos indivíduos na sociedade.

ATIVIDADE

4. Imagine uma escola intencionalmente promotora de criação, transformação e renovação da realidade circundante. Que nome ela teria? Tomemos, por hipótese, "Centro de Formação de Pessoas Plenas". Este não está valendo. Crie outra denominação.

COMENTÁRIO

Se você pensou em autoritarismo, poderia ter produzido algo como “Núcleo Educacional de Democratização”, mas, se trabalhou com a idéia de criatividade, que tal “Posto de Criatividade Avançada”?

AULA 4**TEMA: ORGANIZAÇÃO ESCOLAR**

A produção cultural da sociedade, em particular a da escola, abarca elementos materiais ligados ao mundo físico e concreto. Os elementos não-materiais são representados simbolicamente por processos em andamento identificados pelos prismas da interação escolar e da importância conferida ao funcionamento da instituição em consonância com objetivos por ela propostos.

A cultura escolar cria e legitima um conjunto de formas de pensar e agir. Sua finalidade é reproduzi-la e assegurar a manutenção das relações sociais. Algumas instituições escolares granjeiam na sociedade mais prestígio que outras. A escola, os meios de comunicação e os grupos religiosos enaltecem a veia utilitarista da Educação. Valores e costumes alicerçam a preponderância de disciplinas e cursos como escolha e preferência. O saber humanístico dado como “inútil” é relevante para o controle político, econômico e cultural dos indivíduos pelas instituições sociais. O crivo sobre o sistema social utiliza-se de processos reflexivos que consideram a organização e o funcionamento sistêmico tendo em mira a formação da cidadania.

Não só a formação consciente e crítica, mas também a adequação do sujeito às determinações sociais são favorecidas pelo domínio das Humanidades. Regras meritocráticas, construção de modelos, estabelecimento de estereótipos são formas de desprezo às multiculturas e identidades diferenciadas presentes na cultura escolar. Cultura escolar e cultura popular se contrapõem pela valorização do saber erudito e/ou intermediário, respectivamente originários da classe alta e da classe média.

Numa feição de serviço público, o potencial pedagógico da mídia ainda não entrou na pauta da escola para análise e debate.



ATIVIDADE

5. Por que o autor, no último parágrafo do texto de estudo original, que você encontra na Aula 4 desta disciplina, afirma ser necessário questionar e reinventar a cultura escolar e suas finalidades? Aponte, por tópicos, as idéias que você utilizaria para compor um discurso final acerca da reinvenção da cultura escolar. Se você desejar, registre esta síntese por escrito e compare-a com o registro de um colega ou converse com seu tutor.

AULA 5

TEMA: AS DIFERENTES FORMAS DE COTIDIANOS ESCOLARES

Uma forma de se refletir acerca da ordem social é sob a ótica do conjunto de determinações coletivas que estabelecem os padrões de comportamento e pensamento dos indivíduos e grupos sociais.

Os indivíduos e grupos sociais imersos na realidade dão a ela sentido. Utilizam, para isto, suas percepções e definições ao fazerem parte de circunstâncias. Quando assim estão agindo, os indivíduos são considerados atores sociais, na vivência de papéis. Esta é outra maneira de se perscrutar a ordem social.

No contexto social, os atores interagem em rede e mútua reciprocidade e influência ao compartilhar idéias, hábitos e costumes, formando-se assim a comunidade. É possível a existência de comunidades diferenciadas compostas por indivíduos que migram de outros grupos.

Pelo processo de interação social, os atores constroem representações sobre si mesmos e os demais com os quais convivem.

As dimensões grupais e comunitárias são essenciais para a compreensão da diversidade social, correspondente a um foco microssociológico, e assim estruturadas sem que prescindam da visão do todo.

Pode-se lançar o olhar sobre qualquer realidade sociocultural. Na escola ou sala de aula, os atores da relação professor-aluno cotidianamente materializam situações de conflito e negociação. Entender as dimensões e os modos de construção dos significados no dia-a-dia escolar, segundo a percepção deste dois atores e dos que estão ao seu redor, abre portas ao discernimento amplo e preciso concernente ao plano real da subcultura escolar.

As significações a respeito da escola decorrem da percepção que os atores escolares adotam como expressão comportamental na interação individual e grupal. A visão estabelecida por professores em relação a seus alunos influenciará sobremaneira suas percepções docentes.

A mesma realidade educativa é tida pelo grupo/escola com significações múltiplas, fruto de percepções construídas nos processos interativos estimuladores das capacidades de adaptação, harmonização, conflito e resistência às ações uns dos outros.

Na aula em questão, você realizou a tarefa de recolhimento de relatos e depoimentos. Utilizando os registros, sublinhe tudo que pareça importante, mas só considere *referências para a área emocional e a idéia de reconhecimento pessoal*.



ATIVIDADE

6. DESCOBRINDO...

Que capacidades e atitudes parecem estar presentes nos relatos e depoimentos?

Você conseguiu contemplar aspectos referentes a ambos, aluno e professor?

AULA 6

TEMA: O ESPAÇO DA SALA DE AULA

É de forma altamente complexa que o processo ensino-aprendizagem sucede na sala de aula com presença viva de idéias, valores, desejos, atitudes e aprendizagens. Lá também é estabelecida a relação dos professores com seus alunos e deles entre si, firmando-se em ponto menor um sistema de vida. Este sistema é resultante da teia de ações e reações dos que ali estão e de outros que nem sequer conhecemos. O espaço “sala de aula” faz parte do mundo. É bastante característico e, fisicamente, ocupa uma área.

Veja, a seguir, que espaço é este:

- O ambiente da sala de aula se exprime em ato social e em ato coletivo.
- Na sala de aula, as ocorrências se dão ao sabor de ritmos, gostos, tendências, ações e práticas.

- A aprendizagem na sala de aula deve ter sentido, importância e significado, tanto para quem aprende, quanto para quem ensina.
- Os registros humanos presenciais de ocupação da sala de aula expressam a condição humana ali existente.
- As relações estabelecidas com o que está sendo vivido e sentido na sala de aula é de mais valia que ordem ou desordem.
- O cuidado tido com a sala de aula em seus aspectos materiais e humanos revela o nível de estima instalado.
- Na sala de aula, em clima de liberdade, o professor constrói e reconstrói seus valores e experiências.
- As pessoas presentes na sala de aula estão imersas em processo de transformação, em incessante movimento, às voltas com novas descobertas.
- A sala de aula possibilita conhecimento e autoconhecimento, favorece trocas humanas, permite achados, condicionantes para a aquisição de saberes.
- O espaço territorial pertencente a alunos e a professores está nitidamente demarcado na sala de aula.
- A organização física da sala de aula é um elemento sinalizador de múltiplos aspectos, dentre eles a diagnose classificatória.
- Há particularidades tangíveis na sala de aula e ainda nuances silenciosas não explícitas encontradas em programações e abordagens de conteúdo.
- A feição da sala de aula é de “laboratório” ao lidar com amostras dos problemas contemporâneos, em esfera da comunidade ou ocorrências mundiais.



ATIVIDADE

7. Escolha qualquer das características apontadas acima.

Você se lembra de alguma situação exemplificadora do que foi indicado como traço do espaço “sala de aula”?

Quer um exemplo? Alunos trabalham em grupo. Ao perceberem a aproximação do professor, ficam calados e deslocam as ilustrações para que não sejam vistas de imediato. Conclusão: no momento de produção de tarefas, é melhor trabalhar mais à vontade, sem crivo supervisor ou analítico, guardando distância do mestre.

AULA 7

TEMA: A ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS TURMAS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

As funções básicas da escola são: transmitir conhecimentos, habilidades e técnicas; e, ainda, garantir uma certa continuidade e controle social pela transmissão e promoção de um conjunto de saberes e atitudes. A educação, fenômeno socialmente construído e efetivado nas escolas, tem muito mais relação com o que há de ser do que com o que é. Cabe ao sistema escolar realizar as funções básicas de educação. A escola, como tecnologia da educação, tem invenções tecnológicas criadas para a realização de tarefas educacionais: as salas de aula. Seu pleno funcionamento ocorre pela organização de cada turma no sentido da aprendizagem dos conteúdos e desenvolvimento cognitivo e social.

No presente, as relações entre alunos e formas cooperativas de trabalho substituem a ênfase maior na figura do professor e em trabalhos individualizados. Alicerçadas por pesquisas da Psicologia da Educação, as atuais práticas pedagógicas privilegiam atentamente a natureza da interação aluno-aluno e a organização social e atividades de aprendizagem implementadoras de pautas interativas de cunho discente.

São três as formas básicas de organização social, para o alcance de objetivos, durante a realização de atividades de aprendizagem atendendo ao tipo de interdependência entre os alunos.

Numa situação cooperativa, há vinculação estreita dos objetivos e cada aluno atinge os seus ao mesmo tempo em que os demais. A recompensa é diretamente proporcional aos resultados do trabalho do grupo.

Numa situação competitiva, embora os objetivos dos participantes estejam relacionados, somente a meta proposta é alcançada – benefício pessoal, se os demais participantes não alcançarem o almejado. Um membro recebe recompensa máxima e os demais recebem recompensas menores.

Numa situação individualista, são perseguidos resultados de benefício pessoal, não sendo relevantes os demais resultados individuais obtidos, pois não é guardada relação entre os objetivos dos participantes. A recompensa resulta das realizações pessoais independentemente dos resultados dos outros membros.

A seguir, são apontadas conclusões das investigações sobre a influência destes tipos de organização social das atividades escolares a respeito dos processos de ensino e de aprendizagem, a relação interativa dos alunos e o nível de rendimento.

- Relações mais positivas entre os alunos se estabelecem quando são realizadas aprendizagens cooperativas, sendo professores e toda a instituição escolar também afetados por elas.
- Em situações cooperativas, os grupos são mais abertos e fluidos e seus membros caracterizados por motivação e interesse.
- As situações cooperativas promovem rendimento e produtividade superior aos participantes se comparadas às situações competitivas.
- De igual forma, há superioridade em tarefas de formação de conceitos e resolução de problemas.
- A superioridade aumenta na elaboração de um produto pela estimulação mútua entre os participantes, intercâmbio fluido de comunicação e repetição verbal do material a ser aprendido.
- Os grupos pequenos, que elaboram produtos, têm o rendimento e a produtividade dos participantes ainda mais elevados em circunstância de cooperação intragrupo do que em competição intergrupos.
- Há mais rendimento e produtividade quando a cooperação não é explorada em situações de competição intergrupos.
- As situações cooperativas são superiores às individualistas quanto ao rendimento e à produtividade dos participantes.

ATIVIDADE



8. Crie três quadrinhos. Um para exemplificar, em sala de aula, uma situação cooperativa; outro que seja característico de competição grupal entre estudantes; e um último em que a recompensa seja obtida por um só indivíduo.

Sabe desenhar? Se não sabe, sempre há o recurso de recorte e colagem utilizando revistas em quadrinhos.

Três razões determinam as formas de agrupamento: como organizar os trabalhos, como tratar alunos diferentes e atuação na área de conteúdos e comportamentos.

As estruturas organizativas complexas não contemplam as potencialidades das várias formas de agrupamento. Tal ocorre em razão da diversidade dos alunos e da aprendizagem de conteúdos de natureza diversa. Turma, grupos, trabalho individual e critério de homogeneidade e heterogeneidade serão considerados.

A turma tem caráter organizativo e didático, numa perspectiva construtivista em trabalhos conjuntos e no trato de procedimentos e atitudes, com ajudas pertinentes e específicas na direção da competência do aluno. A ajuda pelo professor considerará:

- Os esquemas de conhecimento dos alunos a partir dos significados e dos sentidos que já possuíam em relação ao conteúdo em questão.
- A provocação de desafios no questionamento de significados e sentidos e sua modificação numa direção desejada.

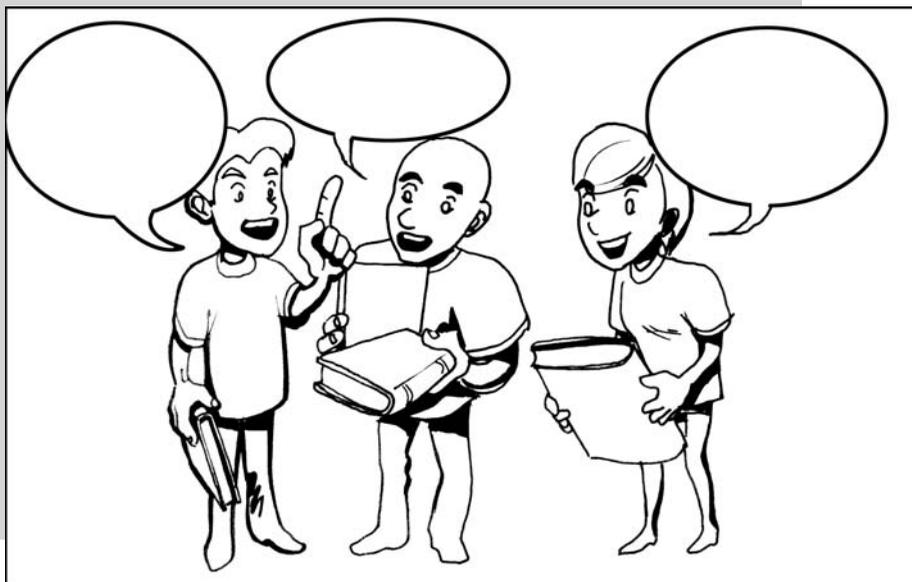
Tanto a ajuda sistemática e planejada prestada pelo professor, quanto a interação cooperativa entre os alunos favorecem a criação do ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), distância entre o nível de resolução de uma tarefa alcançada de forma independente e o nível alcançado com a ajuda de um colega.

Eis algumas das respostas que podem ser dadas ao se proporcionar educação, recorrendo-se a diferentes tecnologias: métodos, artifícios e ferramentas pedagógicas.

ATIVIDADE



9. Encontro pedagógico. A discussão é sobre trabalho individual ou coletivo. Sete presentes (universitários CEDERJ) argumentam de forma consistente sobre as vantagens do trabalho cooperativo. Arrasam. Reproduza as falas deles com suas próprias palavras. Use os balões.



AULA 8

TEMA: A SUBJETIVIDADE PRESENTE NA SALA DE AULA

O conflito e o ofício de formar pessoas são indissociáveis. O conflito também está presente na formação e ação do educador. A teoria psicanalítica tem contribuições para que melhor o entendamos.

Há fantasias infantis de natureza sexual. Há pulsões sexuais desmembradas em pulsações parciais, estas vividas livremente pela criança. As pulsões parciais não selecionam um objeto preciso, são vinculadas ao prazer, e a criança aproveita-se do próprio corpo como fonte prazerosa e expressão de sua sexualidade. As pulsões parciais buscam os objetos que lhes satisfazem e, assim, a pulsão sexual pode trilhar vias socialmente úteis, desviando-se para outras finalidades, podendo, neste prisma, ser sublimada.

A energia impulsionadora da libido-pulsão sexual é excessiva, constitui-se em reserva e pode ser reaproveitada. Esta energia é aplicada em atividades outras de produção científica, artística e/ou promotoras do aumento de bem-estar e da qualidade de vida dos homens.

A educação tem peso considerável no processo de sublimação. No cotidiano da sala de aula, as pulsões sublimadas sofrerão transformações refletindo-se na atividade do aluno em práticas e produtos que deveriam trazer-lhes enlevo e alegria, enquanto pulsões dedicadas ao prazer.

A supressão das pulsões parciais gera neurose, um dos efeitos da educação repressora em campo restrito. Em campo lato, a ação política e as classes sociais no poder igualmente a promovem.

A sublimação é um mecanismo inconsciente, não sujeita a controles de fora para dentro, e, portanto, a conselhos e outras tentativas de direcionamento. A sublimação se deriva das pulsões sexuais parciais.

Nos adultos, compreendidos nesta oportunidade pais e professores, o esquecimento se dá por recalque – repressão da infância sexual. O enfrentamento desta dificuldade pela escola, neste caso o pessoal de magistério, expressa-se pela decisão de que tão logo os alunos demonstrem interesse pelo assunto, deverão obter da escola, no contexto de ensino, as informações pertinentes. As anteriores práticas lúdicas infantis de cunho sexual (vivências) já estruturaram um campo fértil para o interesse neste domínio.

O professor, um adulto recalçado sexualmente, tem dificuldade para responder às perguntas formuladas pelos alunos e responde com divagações e até censura. É o início precoce de um conflito psíquico, pois a referência de natureza pulsional infantil não é declarada, em virtude dos julgamentos e conveniências dos adultos amparados por sua autoridade.

A origem do recalque se alicerça mais na proibição imposta no dizer e menos na proibição imposta no agir. Aquilo que não se diz não pode ser pensado conscientemente. Fica instalada a censura sobre a palavra, e este erro educacional trará como consequência, em última instância, o comprometimento da independência, ou seja, o exercício da função intelectual.

As práticas educacionais de repressão das pulsões não consideram os interesses da coletividade, os interesses individuais, os desejos da criança. O processo de educação para a realidade fica comprometido ao desconsiderar a realidade psíquica. As indicações fornecidas pela psicanálise podem se tornar contribuições de porte para a conduta do professor em prol da formação do indivíduo.



ATIVIDADE

10. Você já teve contato com esta expressão: “Freud explica”?
Faça como Freud. Explore a aplicação teórica do texto no ambiente da sala de aula.

AULA 9

TEMA: AS DIMENSÕES ESQUECIDAS DA SALA DE AULA E DA ESCOLA

A escola se constitui em lugar de confrontação e encontro entre professores e alunos. Lá, o professor exerce um “ofício” e o aluno também. Em razão do ofício dos alunos, identifica-se o uso de habilidades manuais, a realização de aprendizagens e a construção de conhecimentos durante a execução de um trabalho especializado: o trabalho escolar. É um trabalho não escolhido pelo sujeito, depende de um outro, ocorre sob a visão e o controle permanente de terceiros e ainda fica submetido a uma avaliação. A escolaridade, período longo de tempo, é composta de muitas rotinas diárias. O aluno, em razão delas, coloca em ação estratégias de sobrevivência ao ver-se sob o jugo do poder institucional escolar. Em prol da aprendizagem, ora utiliza o fingimento, ora tenta passar despercebido na relação com o professor que o espreita, corrige, guia, interrompe e tudo ocorre diante de interpelações de outros.

O caráter destrutivo da pressão escolar, expressa pela vigilância constante, a ameaça de punição pelo erro cometido e o castigo da reprovação, induz os alunos a reações e comportamentos carregados por disfarces, mentiras e hipocrisias. Dão as respostas desejáveis, recebem a nota necessária e ponto.

Diante das regras presentes e as sombras ameaçadoras do fracasso na vida, resta ao aluno adotar comportamentos relativos a artifícios e aparências. São reações próprias do ofício dos alunos.

Desta forma, a escola reveste-se de uma lógica avessa ao ensino e ao aprendizado escolar. A via relacional fica comprometida. Estabelece-se o conflito envolvendo desejos, propostas e expectativas do professor, a pressão exercida para a consecução dos objetivos docentes e o mundo do aluno. O espaço de encontro transforma-se em lugar de confrontação.

O esquema de ações (*habitus*), internalizado na vivência escolar, influenciará a construção de uma imagem da realidade e comportamentos cotidianos no trato com pessoas e em outras organizações. Os modos de relacionamento internalizado se dão por aprendizagens como “viver na multidão”, isolamento, passividade, submissão à avaliação do outro, mobilização de recompensas, controle do ritmo do trabalho escolar, experiência em grupos restritos e contato com hierarquia, estratificação, distribuição de poder e convívio com pessoas ou grupos

com *status* diferenciado. Acrescente-se, ainda, as aprendizagens de relação com o tempo, relação entre o espaço privado e público e relação com as regras e saberes.

A escola possui uma cultura que lhe é própria. É um lugar de confrontos e encontros, e um espaço para o exercício qualificado do ofício do aluno.

O panóptico

É um olho invisível à nossa visão, mas que tudo observa. Tudo vê e não é visto. Coisa pensada por Foucault. Os “pardais” de trânsito, câmeras de segurança e tal são aplicações disso.

Façamos a suposição de que Foucault olhou, falou e disse:

– **A escola parece, mas ainda não é.**

Como comentar esta fala? Troque idéias com seu tutor ou um colega.

AULA 10

TEMA: AS RELAÇÕES PRESENTES NA SALA DE AULA

Na escola, a sala de aula é composta por uma gama de subjetividades. São estabelecidas relações de alta complexidade no encontro de diferentes pessoas. O tomar posse dos saberes escolares é uma das vertentes de interpretação no mundo circundante.

Há estabelecimentos regidos por hierarquia, disciplina e ordem. Nesta concepção educativa, predomina a recorrência a modelos previamente instalados, punições, ambiente discriminatório, atitudes preconceituosas, desvalia da auto-imagem, desestimulando os seres que ali estão a explorar capacidades internas de reorganização e, assim, forçando-os a adaptarem-se a modelos concebidos.

O espaço escolar elaborativo de conhecimentos e valores de inúmeras ordens, de disposição e experiências relacionais múltiplas, de propostas, de diferenças, de reconhecimento da importância e significado de cada pessoa é *lugar do cuidado*, verdadeiramente espaço do processo de desenvolvimento e projeção humanos.



ATIVIDADE

11. Releia, na Aula 10, o estudo de caso. Lance mão de todo o material de estudo referente a esta aula. Desenhe o prédio de cada uma das escolas dos casos. Personifique o estudante de uma e outra ao final do processo escolar. Se necessário, recorra outra vez a revistas em quadrinhos.

Esperamos que você tenha aproveitado esta parada extraordinária do trem.

Para evitar o tédio, algumas atividades foram solicitadas no corpo desta aula-síntese. Se surgiram dúvidas, devem ter sido dissipadas pela consulta aos textos de origem, nas Aulas 1 a 10. Elas são ferramentas poderosas para propiciar verdadeiro domínio e aprofundamento da aprendizagem.

O trem já recomeça seu movimento característico.

Lá vamos nós...

Os desafios éticos da Educação

AULA

12

Meta da aula

Compreender a importância da ética para o aprofundamento das questões educativas.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Esclarecer o papel da escola que não se limita a transmitir conteúdos teóricos, mas estimula a indagação sobre a conduta do homem em sociedade, suscitando a reflexão ética nos educandos.
- Analisar o discurso ético na escola como determinante na formação da consciência cidadã do aluno.
- Estimular o convívio democrático e tolerante entre os alunos, fomentando o respeito às diferenças individuais.

A pobre ética não veio ao mundo para dedicar-se a escorar ou a substituir catecismos... pelo menos não o deveria fazer (...)
A reflexão moral não é apenas mais um assunto especializado para quem deseje fazer cursos superiores de filosofia, mas é uma parte *essencial* de qualquer educação digna desse nome (SAVATER, 1996, pp. 9-10).

INTRODUÇÃO

Fernando Savater, importante teórico espanhol, em *Ética para meu filho*, alude à importância da ética. Não se trata apenas de um assunto especializado destinado àqueles que estudam Filosofia, mas de uma disciplina que nos leva a refletir sobre o sentido da conduta humana. Portanto, a ética compete a todos; a Educação, por sua vez, não pode deixar de ativar os alunos à discussão sobre os valores, o comportamento, as diversas atitudes que devem ser adotadas ao longo de suas vidas.

Contudo, se nos fosse perguntado qual é uma das principais funções da escola, responderíamos, sem dúvida, que seria a que consiste em buscar desenvolver o potencial dos alunos por meio do aprendizado de disciplinas específicas como Português, Matemática, História, Ciências etc. Essa resposta, apesar de também correta, está diretamente ligada a outros aspectos igualmente importantes. Não se poderia deixar de mencionar a tarefa de qualificar os alunos para o ingresso no mercado de trabalho, de estimulá-los à convivência em grupo ou de aprimorarem sua capacidade comunicativa. Todas essas características, no entanto, ainda se mostram insuficientes, se não levarmos em conta o aspecto ético da atividade pedagógica.

Porém, antes de continuar esta questão, devemos propor algumas perguntas fundamentais para a compreensão desta aula: Você sabe o que é Ética? Já discutiu sobre questões éticas com seus amigos? Já disse “Tal político não tem ética.”? Você já se perguntou o que esse termo significa?

Sem dúvida, deve ter levantado essas questões. Por isso, esta aula será muito importante para esclarecer situações que você aborda no seu dia-a-dia, embora não conheça claramente o conteúdo daquilo que você está falando. Começemos, portanto, com uma pergunta fundamental:

O que é ética?

ÉTICA: ORIGEM E CONCEITUAÇÃO

A palavra ética remonta ao termo grego *êthos*. Esse termo significava habitação, moradia. Tal definição remete à idéia de um lugar de onde se sai e para o qual se regressa. Alude, assim, ao *caráter* geral do homem, às suas atitudes e posturas mais estáveis, aos parâmetros que norteiam sua conduta. Desse modo, uma reflexão ética precisa levar em conta a plenitude da vida humana.

Para nos aprofundar ainda mais na questão estudada, um dicionário filosófico e um de Língua Portuguesa fornecem importantes subsídios. Assim Abbagnano define Ética:

Em geral, ciência da conduta. (...) ciência do *fim* para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos *meios* para atingir tal *fim*, deduzindo tanto o fim quanto os meios da *natureza* do homem (...) ciência do *móvel* da conduta humana que procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar tal conduta (1999, p. 380).

Já Houaiss caracteriza Ética como:

(...) parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito da essência de normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social (2001, p. 1.271).

Conforme as definições apresentadas, podemos dizer que a Ética reflete a conduta do homem, seus *fins*, os *meios* e as motivações do comportamento, assim como indaga sobre a própria *natureza* do homem. Como disciplina filosófica, a Ética também caracteriza-se por estudar as normas que regem a conduta das pessoas em sociedade. Para isso, busca-se identificar tanto a origem dos juízos morais quanto os princípios racionais que os justifiquem.

A Ética estuda a conduta do Homem: seus fins, meios e motivos do seu agir, refletindo sobre sua própria natureza. Analisa normas, valores e regras que orientam o comportamento do homem no convívio social.

No entanto, quando nos referimos ao discurso ético inerente à escola, ressaltamos que ela é uma instituição que reflete diretamente as relações sociais vigentes em determinado momento histórico. Não se trata, pois, de determinar quais os princípios gerais que levam os indivíduos a determinada conduta, princípios esses que variam em função de fatores religiosos, étnicos, familiares ou do conjunto de informações de que os indivíduos dispõem. Perceber isso coloca o educador – e todos os que participam do universo pedagógico – diante do desafio de não somente formar cidadãos, mas de capacitá-los a conviver numa sociedade pluralista e democrática.

ATIVIDADE

1. Reflita sobre as questões éticas presentes nas três matérias a seguir; as duas primeiras são do jornal *O Globo*, de 20/1/2005, e a seguinte você pode acessar no site www2.rnw.ni/rnw/pt.

Bispo defende camisinha contra AIDS mas volta atrás.

A Conferência Episcopal Espanhola tentou ontem pôr fim à polêmica criada por seu porta-voz, o bispo Juan Antônio Martínez Camino, que afirmara que os preservativos têm seu papel na prevenção da Aids. Em nota, a Conferência explicou que seu uso é imoral (p. 1).

Ministério vai distribuir 11 milhões de preservativos durante o carnaval. Com o slogan “Vista-se, use sempre camisinha”, a campanha custa R\$ 5 milhões.

BRASÍLIA. O Ministério da Saúde vai distribuir nos dias de carnaval 11 milhões de preservativos em todo o país, um milhão a mais que nos anos anteriores. A informação foi dada durante o lançamento da campanha do combate à AIDS para o carnaval deste ano. (...) o governo gastou R\$ 5 milhões em cartazes, panfletos, camisetas, abadás, bandanas e porta-preservativos, além das camisinhas para convencer o público das classes C, D e E a se prevenir” (p. 11).

Aids: perigo continua (Raymundo Prett, 6 de julho de 2004).

O vírus da AIDS continua se alastrando e ainda constitui uma grande ameaça para a sociedade em todo o mundo. Essa é a advertência feita pelo secretário geral da ONU, Kofi Annan, no relatório da agência das Nações Unidas para a AIDS, Unaid, publicado no dia 6 de julho. Os cálculos indicam que no ano passado cerca de 4,8 milhões de pessoas contraíram o HIV, o vírus causador da AIDS, uma cifra recorde em relação a anos anteriores.



40 milhões de pessoas vivem com HIV/AIDS*



*Dados de 2003 - UNIAIDS

Após a leitura desses trechos e uma breve análise do mapa (que você pode encontrar no [site www.agenciaaids.com.br](http://www.agenciaaids.com.br)), analise a postura ética da Conferência Episcopal Espanhola: Por que seria imoral o uso de camisinhas? Quais seriam as normas éticas que estariam sendo feridas ao apregoar o seu uso? Por que a religião se opõe ao uso das camisinhas, se são úteis para a prevenção da AIDS? Reflita também sobre a postura do Ministério da Saúde do Brasil: Quais os motivos que o levam a incentivar o uso de camisinhas e, inclusive, a distribuí-las gratuitamente? Esse dinheiro público é gasto adequadamente? Não se trata de uma questão individual? Trata-se de um problema social que leva ao controle da conduta individual? Você acha que a escola deve abrir espaço para discutir questões de sexualidade, como as levantadas nas matérias lidas?

Esclareça, por escrito, no máximo em 15 linhas, os argumentos da Conferência Episcopal Espanhola e os do Ministério da Saúde do Brasil. Depois, organize em tópicos os argumentos identificados por você, preenchendo a tabela a seguir:

ARGUMENTAÇÃO CATÓLICA	ARGUMENTAÇÃO INSTITUCIONAL (Ministério da Saúde do Brasil)	SUA ARGUMENTAÇÃO

Caro aluno, para entender o que se passava naquela época, lembremos a descrição feita por Marilena Chauí (2000):

percorrendo praças e ruas de Atenas (...), Sócrates perguntava aos atenienses, fossem jovens ou velhos, o que eram os valores nos quais acreditavam e que respeitavam ao agir. Que perguntas lhes fazia ele? Indagava: O que é a coragem? O que é a justiça? O que é a piedade? O que é a amizade? A elas os atenienses respondiam serem virtudes. Sócrates voltava a indagar: O que é a virtude? Retrucavam os atenienses: É agir em conformidade com o bem. E Sócrates questionava: Que é o bem? (p. 339).



Figura 12.1: Na Grécia Antiga, o aprendizado dos costumes socialmente aceitos estava diretamente relacionado com uma reflexão de cunho filosófico.

O método socrático tinha por objetivo fazer com que seus concidadãos se dessem conta do que levava algo a ser considerado bom ou mau. Em outras palavras, a preocupação fundamental de **SÓCRATES** era esclarecer as questões éticas.

Nas sociedades modernas, cabe ao processo educativo fomentar a questão dos valores. Isso se dá por dois motivos: inicialmente, a atividade pedagógico-didática está atravessada por um determinado contexto cultural. A escola é uma espécie de reflexo da sociedade, de modo que o processo de interação entre ambas faz com que elas se determinem mutuamente. Dito de outra forma, a instituição escolar não está dissociada de seu contexto cultural: está diretamente articulada com o mundo externo do qual faz parte. Não se trata propriamente de complementaridade, mas de sobreposição da esfera escolar à esfera social. Nesse sentido, o espaço escolar não somente é responsável por reavaliar a prática de ensino, como pode servir também de palco para repensar a prática ética.



SÓCRATES (470 OU 469 A 399 A.C.)

Eminente filósofo ateniense que dedicou toda sua vida a pregar o aperfeiçoamento ético dos seus discípulos e concidadãos. Para maiores esclarecimentos sobre o autor, ver Fundamentos da Educação 1, Aula 3 (p. 30), e Fundamentos da Educação 3, Aula 18, onde se analisa com detalhe a sua postura ética.

A escola e os valores: o espaço escolar deve ser lugar de reflexão sobre os parâmetros gerais que orientam a sociedade.

Além disso, na escola convivemos com uma diversidade de referenciais religiosos, étnicos, culturais e, até mesmo, políticos. Isso reforça, mais uma vez, a idéia de que o trabalho ético desenvolvido na escola está calcado num determinado contexto social. No entanto, como você viu no exemplo de Sócrates, os juízos de valor são incorporados sem que haja reflexão prévia sobre eles. Acabamos esquecendo que os valores são criados, isto é, não são eternos e modificam-se com o passar do tempo.



ATIVIDADE

2. Proponha, na sua escola, um debate sobre problemas de cidadania. Discuta especificamente a questão da propaganda eleitoral gratuita. No ano passado foram realizadas eleições: Qual foi a sua atitude e a de seus colegas? Desligaram o aparelho, porque essa propaganda é “muito chata e mentirosa”? Acompanharam e analisaram as propostas? Tiveram outras reações? Realize uma síntese, por escrito, das diversas atitudes sustentadas pelos integrantes da sua turma. Leve as respostas ao tutor do seu pólo.

Sabemos que ao longo da história de um país, ou mesmo da civilização humana, houve uma série de revoluções sociais, políticas e econômicas. A diversidade de pontos de vista que convivem no interior de uma escola a torna lugar privilegiado para abordar as diferenças e problematizar as condutas dos indivíduos ou dos grupos.

A partir desse contexto, ao mesmo tempo de aprendizagem e de formação ética, é possível articular o espaço privado de cada um de nós com o espaço público no qual todos convivemos. Esse ideal pedagógico poderá contribuir, a longo prazo, para o surgimento de uma sociedade mais consciente, onde prevaleçam os princípios de respeito mútuo, justiça, solidariedade e diálogo.

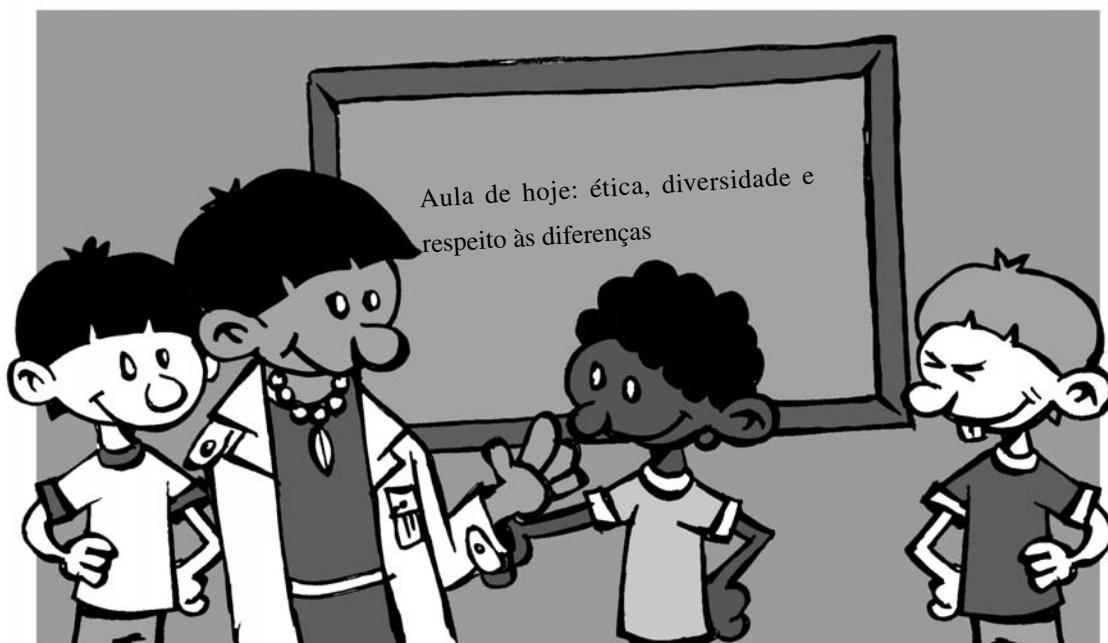
Escola, diversidade e respeito às diferenças: na escola convivem sujeitos singulares, diferentes. Essa convivência permite cultivar o respeito mútuo.

O APRENDIZADO DA CIDADANIA

A abordagem de conteúdos éticos na escola não requer necessariamente a criação de uma disciplina específica, já que se trata de uma atividade que está comprometida com o próprio aprendizado da cidadania. Mas, como é possível implementar na prática esse tipo de ética pedagógica?

Recentemente, tivemos no Brasil uma experiência muito interessante nesse sentido. Em 1998, o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) elaborou, depois de um longo debate envolvendo educadores de várias partes do país, os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que serviriam como referência para a realização de alterações no modelo pedagógico brasileiro. Ocorreu, com isso, uma espécie de mudança de paradigma nas metas do ensino. Conforme salienta Garcia, “a Educação, que se dá em múltiplos e diversos locais, tem de ser disseminada no campo social, a fim de que as experiências possam ser trocadas em um processo criativo de mútua realimentação” (GARCIA, 1994, p. 63).

A grande novidade introduzida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais foi considerar a Ética como um tema transversal do processo educativo brasileiro.



Essa demanda por mudanças, concretizada pela elaboração dos PCN, deu conta de quanto era importante estabelecer um projeto pedagógico que estivesse voltado para o desenvolvimento de um pensamento ético:

A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e ante elas, quanto a dimensão das ações pessoais. Trata-se, portanto, de discutir o sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, o trabalho, o consumo, a sexualidade, a saúde (BRASIL. MEC, 1998, p. 25).

Uma das preocupações fundamentais dos PCN foi justamente a de tornar a escola um instrumento eficaz, dentro dos princípios democráticos e imbuída de espírito de tolerância, para a formação de indivíduos que não apenas se sintam integrados socialmente como cidadãos, mas que possam, também, contribuir ativamente para o estabelecimento de uma sociedade humana mais feliz e realizada. É claro que para que esses objetivos sejam alcançados, faz-se necessário repensar a atuação do corpo docente:

Propor que a escola trate questões sociais na perspectiva da cidadania coloca imediatamente a questão da formação dos educadores e de sua condição de cidadãos. Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional (*Ib.*, pp. 31-32).

O principal desafio ético da Educação consiste em pensar a vida em grupo a partir de uma reflexão contínua sobre os valores. Isso envolve uma participação ativa, tanto de professores quanto de alunos. Somente a partir do momento em que se percebe que a escola não deve estar dissociada do contexto social em que está inserida, é

que se torna possível o aprendizado da cidadania. Isso exigirá a formação de um ambiente escolar no qual todos estejam cientes de seus direitos e deveres e que as diferenças sejam respeitadas.

Em suma, um projeto pedagógico comprometido com o fortalecimento dos processos de humanização e democratização das relações sociais requer, como pressuposto, o aprofundamento do diálogo entre o par aluno-professor, “condição fundamental”, de acordo com Paulo Freire, “para a verdadeira educação” (FREIRE, 1975, p. 98).

ATIVIDADES FINAIS

1. Identifique, na matéria de jornal a seguir, um dos principais valores que norteiam a vida em sociedade no mundo atual: a exaltação do individualismo, do consumismo, do triunfo pela bela aparência. Analise, especificamente, a hipervalorização da beleza, da notoriedade e da fama dos modelos cultuados pela mídia. Reflita sobre o culto ao individualismo e a necessidade de se criar uma consciência solidária na escola.

Leia esta matéria do *Jornal do Brasil* (21/1/2005, Caderno B, p. 1):

Gisele Bündchen, Alinne Moraes e Daniella Cicarelli são constantemente chamadas de deusas. Para além da inegável beleza, pelo menos uma característica de divindade essas mulheres têm: onipresença. Elas estão em todo lugar. É quase impossível hoje sair de casa e não encontrar com elas, em capas de revistas e outdoors. Ao chegar em casa, você liga a TV e dá de cara com Gisele em um comercial de filtro solar (...).

Agora, liste quais poderiam ser as propostas concretas para fomentar um espírito solidário na escola e uma reflexão crítica a respeito do consumismo e da hipervalorização da bela aparência:

RESPOSTA COMENTADA

Você pode ter pensado que a mídia, principalmente através dos modelos que estão em contínua exposição, exaltando sua beleza e triunfo individual, deixa de lado valores como o espírito de cooperação e a solidariedade. Você pode ter listado diversas propostas para serem realizadas na escola, visando a fomentar a consciência cidadã dos alunos, como: realizar debates, na turma, sobre direitos, deveres, cidadania etc.; criar um jornal em que todos os alunos se manifestem sobre diversas questões da atualidade; promover palestras, com professores convidados, sobre direitos humanos, ecologia, exclusão social etc. Você pode ter listado essas ou outras propostas, mas o importante é que tenha percebido a importância da escola para desenvolver a consciência cidadã dos alunos.

2. Reflita sobre a questão da diversidade e o respeito às diferenças na sua escola. Você já viu alguém, no seu âmbito escolar, ser discriminado pela cor, sexo, religião, etnia etc.? Comente este caso específico de discriminação racial: você lembra da artista negra que há alguns anos foi obrigada, por causa da cor, a usar o elevador de serviço num prédio no Flamengo? O que você acha dessa situação? Utilize as cinco linhas seguintes para sua resposta.

RESPOSTA COMENTADA

Você pode ter refletido sobre casos específicos de discriminação que aconteceram com você ou com alguém que conhece. Ao comentá-los, você deve fundamentar sua opinião nos conceitos trabalhados na aula, como o de que a escola pode e deve estimular comportamentos éticos baseados no respeito às diferenças e na tolerância mútua.

RESUMO

A escola não se restringe à atividade pedagógica; através dela é possível pensar a cultura dentro de uma perspectiva ética, levando em conta as diferenças, fomentando o compromisso comum de promover uma vida em sociedade, baseada na tolerância e no respeito mútuo. A proposta de uma educação guiada por valores éticos só é possível por meio do diálogo e do entendimento de que as diferenças são inerentes à vida em grupo, principalmente em sociedades fundamentadas em princípios democráticos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você compreendeu que a escola não possui apenas uma função pedagógica, no sentido de transmitir conhecimentos? Ficou claro também que um dos principais desafios éticos de uma instituição educacional consiste justamente na sua capacidade de estabelecer um diálogo entre as diferentes formas de avaliar o mundo e as coisas? Você está ciente de que educar passa pelo desafio de criar cidadãos a partir de uma discussão ética que envolva, num único movimento, a vida escolar e a vida social? Se suas respostas foram positivas, vá em frente; em caso contrário, releia os conteúdos da aula e procure o tutor no seu pólo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A Aula 13, Ética na Sala de Aula, propõe uma reflexão sobre o papel ético do professor, cuja missão, além de passar conhecimentos, é contribuir na formação moral dos alunos.

Leituras recomendadas

Para ampliar seus conhecimentos sobre o tema tratado nesta aula, sugiro as seguintes leituras:

Ética e cidadania, de Sílvio Gallo (Coord.). São Paulo: Papirus, 2002.

Ética, de Adolfo Sánches Vázquez. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

Apologia de Sócrates. In: *Diálogos de Platão*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Desta forma, você poderá aperfeiçoar ainda mais sua prática profissional. Boa leitura!



MOMENTO PIPOCA

Assista, com seus colegas, a *Nenhum a menos*, filme chinês do famoso diretor Zhang Yimou (que dirigiu o clássico *Lanternas vermelhas*). Trata-se da história de uma jovem de apenas 18 anos que, na época da denominada Revolução Cultural, tem que assumir uma turma de crianças, num povoado muito pobre de uma cidade interior da China. Ela carece totalmente de experiência para lecionar, mas aos poucos, com uma persistência inquebrantável, consegue cativar todos os alunos. Porém, seu papel não se restringe a isso: muitas das crianças devem abandonar a escola para conseguir dinheiro, a fim de subsistir. Assim, a pequena professora vai atrás de todas as crianças, para que possam continuar na escola e ter uma formação melhor para batalhar na vida. O que acha do papel ético e da atitude cidadã da professorinha chinesa?

Ética na sala de aula

AULA

13

Meta da aula

Esclarecer o papel ético do professor, cuja interferência é marcante para a formação moral dos alunos.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Entender que o modo como o professor atua em sala de aula é essencial para que os alunos tenham acesso a uma reflexão ética, independente de haver uma disciplina tratando exclusivamente dessa temática.
- Compreender que cabe à atividade educativa favorecer iniciativas comprometidas com a formação de indivíduos autônomos.

Pré-requisito

Para melhor entendimento desta aula, sugerimos que você reveja a Aula 12, Os desafios éticos da Educação.

INTRODUÇÃO

Realizar escolhas é eleger objetos para o desejo. O critério das escolhas é sempre racional. O motivo é sempre emocional, ou seja, impulsionados pelo desejo, movemo-nos em direção aos objetos. Nesse sentido, a capacidade racional de realizar escolhas permite-nos afirmar nossa condição de liberdade. O exercício da liberdade é a capacidade de escolher. Nisso os humanos podem se desviar do determinismo que rege o mundo da natureza. (...) É a escolha que define o caráter de um ser humano. Suas virtudes se manifestam nas escolhas que realiza no curso de sua condição mortal (GALLO, 2002, p. 55).

O homem permanentemente realiza escolhas, conforme afirma Gallo. O desejo e a emoção nos impulsionam a procurar determinados objetos, a realizar determinadas ações. Porém, somos livres para atender, ou não, a esses desejos e emoções. Temos a capacidade de dizer sim ou não ao desejado; não somos determinados por esses sentimentos. Nesse ponto, nos diferenciamos dos animais, que não realizam escolhas, apenas seguem os seus condicionamentos instintivos. Nossa capacidade racional nos permite a escolha, embora muitas vezes nos abstermos de obter algo que queremos muito. Por exemplo, não “colamos” durante a prova, mesmo que precisemos de nota; aceitamos nosso erro numa circunstância determinada, mesmo que sejamos censurados; deixamos de comprar uma roupa da moda, pois preferimos adquirir um livro para nosso curso de informática etc. As decisões implicam realizar avaliações, estipular valores, declinar de algumas coisas e privilegiar outras. Eis o terreno da Ética que, sem dúvida, tem importância fundamental em todas as atividades desenvolvidas na sala de aula.

O professor deve estimular, na sala de aula, a reflexão sobre condutas e valores, assim como estimulará uma conduta ética por parte dos alunos.

À medida que almeja promover uma educação crítica e libertária, a escola está diretamente envolvida com a formação ética dos alunos. Independente da questão do conteúdo a ser transmitido, a tarefa de refletir sobre as condutas e os valores faz parte do cotidiano de uma instituição pedagógica. Para implementar o debate ético em sala de aula, somos levados a pensar tanto na existência de uma disciplina específica quanto no desenvolvimento de estratégias que estejam presentes no exercício cotidiano do magistério. Uma opção não invalida a outra, mas faz-se necessário que fiquemos atentos para alguns fatores.

Em primeiro lugar, o educador, além de ser responsável por facilitar a aquisição de conhecimentos, também acaba funcionando, inevitavelmente, como um agente transmissor de valores morais, notadamente de modo implícito, seja na forma de expor seu saber, seja tomando a sua conduta como parâmetro a ser seguido, ou expressando juízos a respeito da conduta dos alunos (o que ocorre em termos disciplinares ou, simplesmente, na avaliação do desempenho de cada um). Assim, a tarefa de apregoar os bons costumes ou o respeito à autoridade não esgota as implicações éticas da postura do educador.

Em segundo lugar, não basta apresentar as diretrizes que norteiam determinada teoria ética, querendo, com isso, inculcar os fundamentos de uma reflexão sistemática. Nos dois casos, corre-se o risco de fornecer elementos puramente teóricos, ou seja, estranhos à experiência concreta dos alunos. É necessário que o ensino da ética se vincule à realidade vivenciada pelos alunos. Será pouco proveitoso transmitir, por exemplo, a ética de Sócrates, Platão, Kant etc., se esses conhecimentos não se articularem com a vida dos estudantes. É muito mais interessante promover debates, em torno dessas teorias, que aludem às vivências dos discentes.

Pensemos no caso dos sofistas, como **PROTÁGORAS**, que ensinavam que “o homem é a medida de todas as coisas”. Com isso, sustentavam que não havia uma verdade universal, que cada indivíduo, conforme a sua necessidade, perspectiva ou situação, podia escolher a versão dos fatos que fosse de sua maior conveniência. Assim, por exemplo, se temos necessidade de passar na prova, devemos escolher “colar”, já que é o mais proveitoso para nós. Porém, não há outros valores que devem ser respeitados? Não haverá normas, de interesse geral, que devam ser acatadas? Se todos “colassem”, teria algum sentido dar prova? No caso, poderíamos suprimir as provas?

É importante que os alunos possam se colocar diante desse exemplo concreto, tão presente no seu cotidiano, promovendo uma reflexão ética que não se reduza a um raciocínio abstrato.

Sugerimos, então, que discuta com seus colegas do pólo sobre o problema ético envolvido no fato de “colar” ou não “colar” nas provas. Sintetize os argumentos a favor e contra.



PROTÁGORAS

Filósofo natural de Abdera, contemporâneo de Sócrates, famoso por sua tese relativista do *homo-mensura*.

Na Aula 18, A origem da profissão docente, de Fundamentos da Educação 3, você pode rever posturas sofísticas, aprofundadas detalhadamente.

A escola deve promover a autonomia dos alunos, estimulando a sua capacidade de pensar livremente e decidir por si próprios.

Transformar a sala de aula em um espaço apropriado para estimular situações que levem à reflexão, à cooperação e ao diálogo requer que o trabalho de organização e de avaliação das tarefas de aprendizagem tornem-se um projeto coletivo. Esse procedimento permite o desenvolvimento de uma rotina capaz de criar condições para que os alunos venham a se tornar sujeitos autônomos, no sentido de serem capazes de pensar livremente, de decidir por si próprios, de respeitar e reconhecer a importância daqueles que compartilham de um espaço comum.

A autoridade do professor, por sua vez, além de estar assentada em valores de competência, também deve procurar ser respaldada em atitudes que demonstrem disponibilidade afetiva e incentivo ao crescimento moral dos alunos.

O COMPROMISSO ÉTICO DO EDUCADOR

Já houve épocas em que a atividade pedagógica era entendida como o encontro entre duas formas de consciência independentes e heterogêneas, onde caberia a uma delas transmitir preceitos prontos e acabados para que a outra os assimilasse de forma gradual. No entanto, essa antiga concepção retrata uma forma simplificadora de definir a relação professor/aluno.

Atualmente, esse esquema calcado na divisão polarizada, entre um lugar reservado à atividade e outro lugar atribuído à passividade, foi substituído pelas idéias de complementaridade e de mútua interação. No entender de Paulo Freire (1987):

O objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva de um dos sujeitos que fazem o conhecimento, de uma das pessoas envolvidas no diálogo. No caso da educação, o conhecimento do objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva do professor, que concede o conhecimento aos alunos num gesto benevolente, em vez dessa afetuosa dádiva de informação aos estudantes, o objeto a ser conhecido é colocado na mesa entre os dois sujeitos cognitivos. Em outras palavras, o objeto a ser conhecido é colocado na mesa entre os dois sujeitos do conhecimento. Eles se encontram em torno dele e através dele para fazer uma investigação conjunta (p. 12).

A partir do século XX, a instituição escolar passou a ser vista como instrumento de mudança dos indivíduos. Com isso, sua função ética ficou, cada vez mais, evidente.

Essa consideração, aplicada especificamente ao problema da produção e da transmissão do conhecimento, também se mostra bastante eficaz para o caso do ensino da ética, tendo em vista que não basta o professor determinar previamente o que é certo ou errado, para que os alunos sejam, num segundo momento, capazes de distinguir o que é moralmente correto do que não é. Limitar-se a esse tipo de atuação pode ser tido como uma forma de doutrinação, que facilmente conduziria à rigidez ou, o que seria pior, à transformação do discurso docente em um punhado de palavras vazias.



O educador cria condições para o desenvolvimento de ações éticas ao manifestar um comportamento coerente e **DIALÓGICO**. Da mesma forma que há uma assimilação dos conteúdos por meio do que é dito, também há uma assimilação decorrente do modo como o educador age diante de situações cotidianas.

Em ambos os casos, não há como deixar de lado a tarefa de repensar continuamente, e na medida do possível, a própria inserção na prática pedagógica.

Para o professor, a escola (...) é, também, lugar de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades (BRASIL. MEC, 1998, p. 32).

Tomando como fio condutor um comportamento calcado em valores como pontualidade, responsabilidade, dedicação, honestidade, cooperação etc., cabe ao educador valorizar regras de convivência que promovam um bom ambiente de ensino. Aqui não há espaço para neutralidade ou imposições. Nesse sentido, definir o que é bondade e justiça ou o que é moralmente aceitável não se resume a ensinar um conjunto de valores tidos como corretos por aquele que os profere, ou seja, pelo educador. Essa seria uma postura doutrinária, na qual está ausente qualquer traço de senso crítico. Estaríamos assim, mais uma vez, incorrendo no equívoco de adotar o discurso cindido entre o que é falado e o que é efetivamente feito.

DIALÓGICO

Relativo ao diálogo; em forma de diálogo. A educação dialógica implica troca permanente entre professor e alunos.

A EDUCAÇÃO ÉTICA

Para **SARTRE**, a liberdade é o próprio fundamento do ser do homem. Ela está na raiz de seu comportamento, porque sempre temos de escolher. Nesse sentido, o homem é essencialmente livre, não pode abdicar da liberdade, como disse Sartre, “o homem está condenado a ser livre” (GALLO, 2002, p. 77).

Como você viu, tornar-se um indivíduo ético não é algo que pode ser simplesmente ensinado. O aprendizado da ética está diretamente relacionado com a possibilidade de intensificar o grau de participação ativa dos alunos. Daí se poder afirmar que, para que isso ocorra, faz-se necessário transformar o ambiente de sala de aula num espaço que favoreça a manifestação do diálogo, criando a possibilidade de elaborar conjuntamente o saber. Recorrendo mais uma vez a Paulo Freire: “a situação do ensino constrói não apenas o aluno, mas também o professor, pois (...) ele também é um sujeito em construção no processo” (SILVA; TUNES, 1999, p. 45).

O principal objetivo de uma pedagogia orientada eticamente consiste em proporcionar o desenvolvimento tanto da autonomia intelectual quanto do pensamento crítico:

A educação ética é uma formação do gosto e da sensibilidade, em direção a determinadas atitudes: a criação e a aquisição de um *ethos*, no sentido originário de ‘caráter’ e conjunto de ‘hábitos’, sem permitir que se caia na inércia do ‘habitual’. Com tal finalidade, a educação deve tender também a formar a razão autônoma, que assume a responsabilidade de deliberar, argumentar e justificar seus pontos de vista. Sem dúvida alguma, a melhor via não dogmática para se conseguir esses dois objetivos — educação de atitudes e educação na autonomia — é o exemplo; também na retórica clássica a personalidade moral do orador constituía um elemento importante para atrair a atenção e a adesão do público. O exemplo persuade do valor intrínseco a certas atitudes e a certos modos de julgar. As idéias se impõem quando se sabe defendê-las, e a defesa que revela suas próprias perplexidades e ambigüidades — e se mostra capaz de ponderar sobre elas — pode ser mais convincente que uma firme e segura declaração de princípios (CAMPS, 1995, p. 52).



**JEAN PAUL
SARTRE**
(1905-1980)

Filósofo francês que colocou a liberdade como uma questão fundamental da filosofia.

O ensino da Ética é visto como um aspecto que se confunde com a própria tarefa pedagógica da escola. Agir eticamente é um tema que surge a todo momento na sala de aula, notadamente quando se trata de refletir sobre o contexto sociopolítico em que vivemos atualmente no Brasil.

Conforme assinala Camps, cabe à formação ética educar o gosto, o caráter, os hábitos e o raciocínio dos alunos. Mas, não deve tratar-se de um ensino dogmático que simplesmente determine o que deve e o que não deve ser feito. Cabe ao educador, através do seu exemplo, das suas atitudes, da sua capacidade de comunicar a importância de cultivar os valores, o papel de transmitir modos de ser e de agir. Promover uma ampla discussão, por exemplo, sobre a importância da participação política em que os argumentos sejam minuciosamente avaliados pelos alunos e pelo professor, será muito mais *formativo* que longos e tediosos monólogos, recheados de citações e referências eruditas sobre a importância da democracia. Assim, os alunos não absorverão *dogmas éticos*, mas acompanharão a *construção* de uma *reflexão ética*.

É nesse sentido que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ressaltam que a prática educativa não deve estar desvinculada da teoria ética:

A discussão sobre ética necessita ser constantemente contemplada e acompanhar de perto o trabalho que se faz com os alunos, uma vez que se trata de uma proposta nova, como processo sistemático e explícito, necessitando aprofundamento, leituras e discussões, levantando situações a serem experienciadas com os alunos etc. (BRASIL. MEC, 1998, p. 32).

Ao estimular a cooperação, a autonomia e a livre expressão em sala de aula, o educador estará contribuindo diretamente para o desenvolvimento de uma reflexão de cunho ético.

Cabe à escola promover o ambiente para que os alunos possam discutir abertamente, expor opiniões, participar intensamente das atividades em sala de aula. Isso só se torna possível a partir do momento em que a interação entre alunos e professores seja feita de forma dinâmica, onde todos se sintam diretamente envolvidos no que está sendo trabalhado. Trata-se de um processo no qual o educador se permite assimilar as informações e definições manifestadas pelos alunos e que estes se sintam estimulados ao pleno desenvolvimento da criatividade e da autonomia.

ATIVIDADES FINAIS

Esta atividade é muito importante para que você atinja os objetivos desta aula. Realize-a com afinco e dedicação.

1. Provavelmente, você conhece, em sua cidade, alguma escola que possa ser visitada: a escola de seus filhos, sobrinhos ou mesmo aquela em que você estudou. Elabore um roteiro de entrevistas no qual os seguintes assuntos sejam abordados:

- Tratamentos de conteúdo na escola.
- Projetos interdisciplinares.
- Projeto político-pedagógico da instituição.
- Cotidiano escolar.
- Relação escola/comunidade.
- Relação professor/aluno: autoritarismo ou democracia na sala de aula.

Agora, redija dez questões para o seu roteiro.

COMENTÁRIO

Se você abordou a maioria destas questões em seu texto, você conseguiu alcançar os objetivos desta aula. Parabéns!

2. Leia esta matéria da *Folha de S. Paulo* e reflita sobre a postura ética de uma professora que, em sala de aula, colocou fita crepe na boca dos seus alunos para que se mantivessem calados; analise também a postura ética do diretor, que encontra atenuantes para essa conduta, afirmando que a docente agiu “por brincadeira”.

Em Várzea Paulista, crianças dizem que tiveram boca fechada. Professora é acusada de calar aluno com fita crepe.

A mãe de uma criança de sete anos registrou boletim de ocorrência no qual acusa uma professora de usar fita crepe para calar o aluno em sala de aula, na escola estadual Natanael Silva, em Várzea Paulista (SP).

Outras duas mães de alunos da mesma classe – 1ª série de ensino fundamental – afirmam que seus filhos também tiveram a boca fechada com fita crepe no mesmo dia (...) A professora, identificada apenas como Maria Ivone, admitiu, por meio da diretoria da escola ter usado a fita crepe, mas diz que agiu por brincadeira. Ela afirmou que os três alunos permaneceram três minutos com a fita.

O diretor da escola, Eduardo Mafassoli, disse ontem que a professora admitiu a ele ter feito a punição por brincadeira. ‘Não posso tolerar esse tipo de atitude. Mas ela alega que fez por brincadeira, e não podemos crucificá-la’. A professora disse que, mesmo depois de ter ‘calado’ os alunos, eles continuaram zombando dela. Alegando à reportagem que errou, Maria Ivone afirmou que o caso ocorreu em ‘um momento que a classe extrapolou’” (*Folha cotidiana*. São Paulo, Terça-feira, 7 de dezembro de 2004).

Faça os seus comentários sobre a atitude ética da professora e do diretor, elaborando um texto de, no máximo, 10 linhas.

RESUMO

No ensino tradicional, havia um nítido descompasso no relacionamento professor-aluno. Ao primeiro cabia o papel exclusivo de transmitir conhecimentos, ao segundo era atribuída uma função “receptiva”. Num modelo pedagógico democrático, que cultua o respeito mútuo, faz-se necessário compartilhar responsabilidades. A reflexão sobre os valores deve estar presente no dia-a-dia da sala de aula. A dimensão ética da atividade de ensino permeia o contato entre alunos e professores, numa troca permanente. O espaço da sala de aula mostra-se crucial para o pleno exercício da capacidade de dialogar e de aprimorar em conjunto a reflexão ética. Para que o aluno compreenda o que significa agir eticamente, é preciso estimulá-lo a tornar-se um indivíduo autônomo. Isso ocorrerá ao se fomentar um ambiente propício para que as opiniões sejam expressas livremente, permitindo o desenvolvimento de uma ética calcada no princípio de autonomia.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você percebeu que no ensino da ética é importante que o professor esteja disponível para interagir de forma aberta e sincera com os alunos? O quanto lhe pareceu correto que tomar essa diretriz como objetivo a ser alcançado, sempre que possível, evita não apenas que as decisões sejam tomadas de forma isolada, o que gera inevitavelmente arbitrariedades, como também permite que haja humanização das relações entre alunos e professores? Ficou claro que introduzir a reflexão ética no processo pedagógico implica desenvolver a capacidade criativa e incentivar os alunos a agirem de forma livre e autônoma? Se essas questões ficaram claras para você, vá em frente!

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

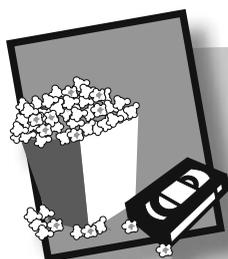
A Aula 14, A ética na escola, propõe analisar a importância da reflexão ética na escola, que visa a fomentar o diálogo e o convívio democrático entre todos os integrantes da instituição.

Leituras recomendadas

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2002.

LINHARES, Célia. *A escola e seus profissionais*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Leia este instigante texto, em que o autor espanhol se dirige a seu filho, de uma forma simples e direta, para transmitir parâmetros éticos vinculados às experiências cotidianas.



MOMENTO PIPOCA

Ao mestre com carinho, famoso filme com o ator negro Sidney Poitier no papel de um professor que, mesmo discriminado pela sua cor, consegue, por causa de seus conhecimentos, conduta, postura ética inquestionável e com grande afeto pelos alunos, influenciar profundamente uma turma que inicialmente o rejeitava.

Sociedade dos poetas mortos, de Peter Weir, no qual Robin Willians interpreta um singular professor que consegue, não só com suas posturas teóricas, mas com suas atitudes, interferir nos valores, condutas e idéias de toda uma turma. O filme mostra o papel ético do professor; esclarece como as atitudes do docente, na sala de aula, são marcantes para a formação ética dos alunos.

Cazuza. O tempo não pára, de Sandra Werneck e Walter Carvalho, destaca a atitude ética, transmitida por Cazuza. O filme mostra como ele cultuou valores como a luta pela liberdade, pela criação e pela autonomia do indivíduo.

AULA 14

A ética na escola

Meta da aula

Esclarecer a importância da reflexão ética na escola, que visa promover o diálogo e a convivência solidária e democrática entre todos os seus participantes.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Definir a função da reflexão ética na escola, que visa instaurar um debate democrático entre todos os que convivem nela: professores, alunos, pais, diretores, funcionários etc.
- Compreender que a atitude coerente e solidária do educador, na sua prática pedagógica, é a base para que os alunos reflitam sobre a importância de cultivar valores participativos.

Pré-requisitos

Para melhor compreensão desta aula, sugerimos que você reveja as Aulas 12, Os desafios éticos da Educação, e 13, Ética na sala de aula, os conceitos de Ética, Paidéia, diferença, diversidade, pluralidade e dialógico, dentre outros.

INTRODUÇÃO

Relembrando que viver é acima de tudo *con-viver*, a esfera pública sempre vai existir. Se sempre existirá, alguém estará se ocupando dela. Quanto menos as pessoas participarem da política mais os interesses daqueles que se ocuparem da esfera pública irão prevalecer. As decisões a serem tomadas serão baseadas nesses interesses particulares, e não visando aos interesses coletivos. (...) As questões públicas são responsabilidade de todos nós e, mesmo que alguns indivíduos tenham sido eleitos para cuidar delas, não basta que eles ajam, é necessário que cada um de nós, como membro dessa sociedade, faça a sua parte – por menor que seja (GALLO, 2002, p. 31).

Você viu, nas aulas anteriores, a idéia de que uma das principais funções da escola reside em preparar os indivíduos para a vida em sociedade. Essa tarefa requer a instauração de um processo gradual de conscientização dos alunos, de tal forma que eles sejam levados a refletir sobre a sua inserção no mundo que os rodeia. Um modo eficiente de promover esse aprendizado reflexivo consiste em incentivar o desenvolvimento da capacidade de raciocínio crítico. Tendo em vista que a escola se mostra como o lugar, por excelência, do debate e da criação de pensamento, ela inevitavelmente ocupará o papel de laboratório da experiência ética.

A problematização dos valores requer também que seja discutido como ocorrem as relações pessoais no interior do estabelecimento escolar. Essa proposta pedagógica está centrada, sem dúvida, num primeiro momento, na relação entre professor e aluno, mas também não pode deixar de lado diretores, coordenadores e funcionários ligados, direta ou indiretamente, àquele espaço físico, incluindo os pais dos alunos, cuja influência é fundamental no processo pedagógico. Todos estão envolvidos, em maior ou menor grau, quando se trata de pensar questões éticas que estejam relacionadas com a mútua dependência entre liberdade e responsabilidade e com o desenvolvimento das noções de cidadania e solidariedade. O sucesso desse empreendimento depende diretamente do desenvolvimento de relações harmoniosas e do estreitamento do vínculo afetivo entre todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Você também não pode se esquecer de que o ensino da ética precisa ser contextualizado, isto é, ele só faz sentido se estiver inserido em situações direcionadas a resolver problemas que se mostrem fundamentais

ou urgentes para o bom andamento da vida em grupo. A seqüência: escutar o professor, anotar o que ele diz, decorar o que foi registrado e passar tudo devidamente organizado para a prova exclui do ato de pensar a livre reflexão e a capacidade de avaliar. De certo modo, a ética não é simplesmente ensinada, ela é construída passo a passo. Como resultado final desse processo conjunto e transformador, o aprendizado de uma cidadania ativa e responsável, na qual todos estejam aptos para manifestar os seus pontos de vista, é viabilizado. O exercício do pensamento democrático é imprescindível para a constituição de um ambiente plural e sem exclusões. Daí a importância da escola no mundo contemporâneo.

A escola democrática deve ser *plural*: todos devem ser ouvidos, todos os pontos de vista devem ser respeitados; os que pensam de forma diferente não devem ser *excluídos*.

A DIMENSÃO ÉTICA DO ESPAÇO ESCOLAR

O projeto pedagógico da instituição escolar deve estar atravessado pela necessidade de promover o debate e mesmo, eventualmente, a mudança de posturas. Trata-se de criar um espaço de construção e aprendizado de valores, no qual as rotinas e os modos de as coisas serem feitas não são aceitos de forma incondicional. Como assinala Gallo: “Convivendo com outros homens, os conflitos de vontades e interesses são sempre inevitáveis” (2002, p. 27). Não basta apregoar o ideal de uma escola democrática, comprometida com o estabelecimento de práticas igualitárias. A mera alusão a palavras como dignidade, liberdade, solidariedade, justiça etc. mostra-se totalmente insuficiente para aprimorar a qualidade ética das relações entre as pessoas.

A convivência no espaço escolar em muito se beneficia, sem dúvida, quando ocorrem comportamentos e atitudes de cooperação, de respeito mútuo e de interesse por objetivos comuns. Esses procedimentos, quando devidamente internalizados, permitem o fortalecimento de hábitos reflexivos no indivíduo, o que só se torna possível à medida que se vai interrogando e avaliando continuamente cada situação vivenciada. É nesse sentido que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem que a escola possa tornar-se um instrumento capaz de habilitar o aluno para as seguintes competências:

- respeitar o “outro” e exigir para si o mesmo respeito;
- “utilizar o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”;
- “construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país”;
- posicionar-se “contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia e de outras características individuais e sociais”;
- contribuir “ativamente para a melhoria do meio ambiente”;
- “agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania”;
- proceder “com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva”;
- atender “a diferentes intenções e situações de comunicação”;
- “adquirir e construir conhecimentos”;
- utilizar “o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação” (BRASIL. MEC, 1998, pp. 7-8).

Sem permitir a livre expressão do pensamento, a atividade pedagógica fica impossibilitada de formar indivíduos críticos e responsáveis.

O ambiente escolar serve de ponto de partida para conscientizar todos — sejam alunos, pais de alunos, professores ou funcionários — dos benefícios de estabelecer uma convivência calcada em valores que reforcem a importância do respeito mútuo, do agir comunicativo, do patriotismo, da preservação dos recursos naturais, da justiça social, do bem-estar físico e mental, e da argumentação. Essas diretrizes envolvem, na prática, o estabelecimento de um espaço de reflexão ética na escola. Deste modo, a tarefa de adquirir conhecimentos encontra-se numa situação de complementaridade, e mesmo de indissociabilidade, em relação ao desenvolvimento de comportamentos eticamente fundamentados.

ATIVIDADES



RAUL SEIXAS

Cantor popular que apresentou, nas suas músicas e atitudes, uma postura chocante e rebelde. Você acha que ele era realmente um “maluco beleza” ou tratava-se simplesmente de um sujeito excêntrico, inadaptado às normas e convenções sociais?

1. Escute a música *Maluco Beleza*, de RAUL SEIXAS. Reflita sobre os conteúdos apresentados na canção e defina se a comunidade com a qual você interage respeita aqueles que são “diferentes”, incluindo os que são considerados “malucos”. Em sua opinião, essa aceitação ou rejeição dos diferentes tem influência na convivência escolar? Realize uma síntese final, por escrito, de sua reflexão, utilizando as linhas disponíveis abaixo.

2. Na Aula 13, você teve a oportunidade de visitar uma escola e entrevistar alguns de seus integrantes. A partir desta vivência, reflita sobre o tema *participação política*. A escola estimula a reflexão sobre questões sociais ou esses problemas não são valorizados por serem considerados alheios ao currículo escolar? As questões de racismo, engajamento político, cidadania e ecologia são valorizadas e abordadas ou, ao contrário, são esquecidas por serem consideradas extracurriculares? A partir de sua percepção, realize uma síntese escrita dos argumentos apresentados com, no máximo, 10 linhas.



GERSON

Craque da Seleção Brasileira de Futebol. Campeão no México, em 1970. Atualmente, é comentarista esportivo.

3. Analise a famosa frase proferida num comercial de cigarros pelo jogador de futebol Gerson, integrante da seleção brasileira tricampeã mundial, no México, em 1970: “A gente quer sempre levar vantagem em tudo, certo?”. Elabore um comentário, por escrito, analisando a relação da frase com posturas individualistas e não-solidárias; reflita, também, se a frase pode ser vinculada à ideologia neoliberal. Como essa frase repercute numa sala de aula? Comente, finalmente, se na sua escola são fomentadas as práticas solidárias. Realize uma síntese por escrito, de 10 a 15 linhas, sobre essas práticas estimuladas pela sua escola.

AS ATITUDES MANIFESTADAS NO COTIDIANO

O que foi dito anteriormente reforça a idéia de que a atividade de ensino estaria incompleta se deixasse de lado a necessidade de promover o respeito ao outro e o diálogo entre aqueles que dela fazem parte. Para isso, torna-se fundamental repensar como ocorre o relacionamento cotidiano entre a direção, os que trabalham na escola, os que aprendem e os que ensinam. A questão mais importante nesse aspecto diz respeito às atitudes que são efetivamente manifestadas. Mais do que fornecer exemplos de como agir em situações reais ou hipotéticas, é preciso ter uma postura que retrate claramente o respeito no modo de se relacionar com os demais.

Neste sentido, o professor geralmente é um modelo de conduta a ser seguido. Ele deve tratar de ser coerente com aquilo que prega teoricamente. Assim, se ele fala em virtudes democráticas, em tolerância e em aceitação das diferenças, seria incongruente que se exaltasse com

alunos barulhentos ou desatentos. Nesses casos, antes de puni-los ou falar duramente com eles, o docente deve tratar de discutir suas condutas, mostrar que há possibilidades melhores de agir e que esses alunos, ao abandonarem essas atitudes, podem ser mais valorizados pelos próprios colegas e por todos os que convivem nesse espaço educativo.

Em outras palavras, cabe àquele que é educador manter atitudes coerentes com os valores de uma convivência entre cidadãos livres e conscientes. Nada mais natural e espontâneo do que tratar de forma educada os funcionários; conversar sempre de maneira civilizada e coerente em situações de conflito; pedir favores com gentileza e saber agradecê-los em seguida; ser responsável pela devida manutenção e

arrumação do local utilizado (por exemplo, guardando brinquedos, tampando canetas, organizando os materiais da sala de aula e mesmo seus próprios pertences etc.); contribuir com a limpeza (principalmente limpando o que sujou) e ser solidário com o companheiro em situações difíceis (nos momentos de tristeza ou de dor). Também os momentos de alegria devem ser partilhados: festas, aniversários, datas comemorativas, final de ano etc.



Figura 14.1



Figura 14.2: A escola democrática deve estimular o encontro solidário entre todos os seus integrantes: alunos, pais de alunos, professores, funcionários, diretores etc.

Essas atitudes solidárias, todavia, não esgotam o problema da convivência. Às vezes, podemos nos deparar com situações que exijam algumas decisões que possam gerar controvérsias, tendo em vista que nem sempre é possível se chegar a um consenso quando se trata de questões morais. Para determinado grupo (familiar, étnico ou religioso), algo pode ser considerado bom e correto, mas não se aplica necessariamente a outro grupo que tenha filhos na mesma escola. Queremos apontar, com isso, para a complexidade que norteia as relações humanas, principalmente tendo em vista que determinados valores nem sempre desfrutam de alcance ou aceitação universais. Estamos diante de uma encruzilhada que tem suscitado inúmeros debates e impasses no mundo contemporâneo, particularmente na cultura ocidental.

Para esclarecimento desta questão, sugerimos rever a Aula 12, de Fundamentos da Educação 3, Volume 1, p. 122 e seguintes, onde analisamos as questões da *diferença* e da *diversidade cultural* na escola. Nessa aula, perguntamos: “O que significa DIFERENÇA?” Significa que há diversas formas de ver o mundo, a vida, os costumes, os valores; há múltiplas formas de estar no mundo. A nossa forma de viver e pensar não é a única, não invalida as outras” (BARRENECHEA, 2004, p. 123). Também frisamos que, no âmbito escolar, ao lidarmos com sujeitos diferentes, os conflitos são inevitáveis: “O encontro e a aceitação das diferenças, justamente por lidar com sujeitos que sentem e pensam diferente, não deve anular os conflitos, ao contrário, é preciso encará-los de frente e tentar resolvê-los” (BARRENECHEA, p. 126).

Determinadas decisões na escola exigem, muitas vezes, *contrariar alguns interesses*; não é possível satisfazer, o tempo todo, os diversos integrantes da instituição educacional.

Uma possibilidade, que tem sido apresentada como capaz de atenuar as diferenças de opinião e de crenças, consiste em relativizar os valores. Tem-se aqui o argumento de que diferentes culturas ou comunidades adotam critérios diversos sobre o que é bom, o que exigiria que todos eles fossem validados, tendo em vista que fazem parte de tradições ou simplesmente se tornaram um hábito aceito consensualmente. Essa posição, contudo, não se mostra suficiente nem apropriada para resolver questões do cotidiano. Se a adotamos, estaremos

defendendo que compete a cada grupo social definir sua própria tábua de valores, não cabendo mais nada a ser dito sobre o assunto. Deste modo, a pluralidade cultural, levada ao seu limite, tornaria inócua a discussão, posto que parte da idéia de que cada comunidade torna-se o seu próprio parâmetro de avaliação. Porém, mesmo reconhecendo a diversidade de valores e as diferenças culturais, o professor deve tentar equacionar esses conflitos, deve adotar caminhos de ação para resolver as contradições que acontecem no espaço escolar. Fundamentalmente, deve procurar mediar e estimular o diálogo entre os grupos em conflito.

Neste ponto, lembramos novamente a Aula 12, de Fundamentos da Educação 3, Módulo 1, onde analisamos o conflito de valores que surge da diversidade cultural:

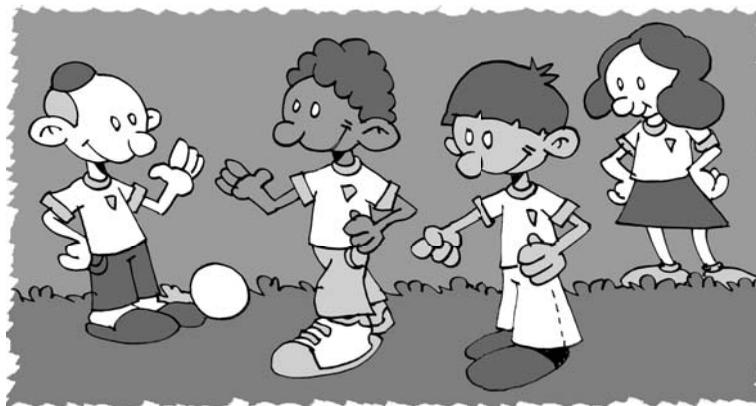
No Ocidente, embora a tradição patriarcal aqui também seja forte, homem e mulher devem ter um comportamento monogâmico. A protagonista de *O clone* [no texto citado, é analisada a situação da protagonista da novela *O clone*] vive o drama dessa diversidade cultural. Ela se apaixona por um brasileiro, mas está casada em Marrocos, onde o divórcio é impossível. Entre a sua paixão e o seu dever ela vive um drama peculiar. Terá direito a se separar e começar outra vida? Conforme os padrões orientais, isso não é possível, já desde nosso olhar ocidental, ela deveria ter a possibilidade de escolher conforme seus sentimentos. Há um comportamento *verdadeiro*? Não. Há valores e sociedades diferentes (BARRENECHEA, 2004, p. 123).

Ora, a convivência ética na escola está sujeita a conflitos insolúveis ou, pelo menos, de difícil resolução, à medida que estejam em jogo diferenças culturais e mesmo valores antagônicos. Um caso exemplar, envolvendo profundas diferenças entre a cultura ocidental e a oriental, ocorreu recentemente, na França, mais exatamente no ano de 2004, quando foi aprovada uma lei que proíbe que seja utilizado qualquer símbolo religioso dentro dos estabelecimentos pedagógicos públicos. Assim, deixou de ser permitido que alunos e alunas portem adornos como o véu islâmico, o solidéu (“quipá”) judaico e o crucifixo cristão. Ora, se entendemos a escola como lugar privilegiado para a convivência das diferenças, não seria uma contradição privá-la da possibilidade de manifestação de crenças religiosas pessoais? Sem dúvida, a decisão francesa ainda vai gerar muita polêmica. Acreditamos que, do ponto de

O respeito aos valores dos outros está calcado na possibilidade de ser solidário e tolerante em relação às diferenças culturais e religiosas.

vista ético, a escola deve assumir cada vez mais seu papel de pensar a conduta individual dentro de uma sociedade plural, na qual o que pode parecer certo para um mostra-se inadequado para outro.

Figura 14.3: A escola democrática acolhe todas as diferenças, respeita todas as crenças e valoriza todas as singularidades.



ATIVIDADE

4. Analise as atitudes que possam contribuir para que o ambiente escolar se torne um espaço de convivência de diferentes valores e crenças religiosas. Sugira um debate entre os integrantes da sua turma que professam diversas crenças – cristãos, judeus, espíritas, umbandistas etc. Estimule cada um a apresentar o seu ponto de vista, procurando analisar, sem preconceitos, em conjunto, os fundamentos de cada convicção religiosa. Realize uma síntese dos diversos pontos de vista aqui apresentados, por escrito com, no máximo, 15 linhas.

RESPOSTA COMENTADA

O objetivo desta atividade é levar você a refletir sobre as diversas convicções religiosas que existem entre os múltiplos membros de uma sociedade, assim como analisar os variados costumes e valores – muitas vezes contraditórios – que há entre os diversos membros da comunidade escolar.

ATIVIDADE FINAL

Imagine que você seja um professor de uma turma do Ensino Médio. Agora, experimente criar uma atividade para sua classe, cujos alunos serão convidados a refletir sobre uma situação, criada ou selecionada por você, que envolva algum dilema moral. Registre todas as etapas envolvidas na criação de sua atividade:

- Por que este tema foi selecionado?
- Que estratégias podem ser criadas para conduzir a discussão (por exemplo, a divisão da turma em grupos)?
- Que pontos você destacaria com o objetivo de incrementar a discussão entre seus alunos?
- O assunto escolhido pode desencadear a discussão de temas transversais?
- Que objetivo(s) você espera alcançar ao final do debate?

Mostre seu trabalho ao tutor e, se possível, discuta-o com seus colegas de pólo. Lembre-se, também, de anotar suas principais dificuldades na elaboração da atividade.

RESPOSTA COMENTADA
A finalidade deste exercício é levar você a refletir sobre a sociedade onde vive, os valores e normas que a regem, bem como o papel do professor, dos dirigentes, funcionários e da escola com o compromisso de educar e formar cidadãos.

RESUMO

O debate de idéias faz parte da própria essência da atividade pedagógica. Todos que pertencem ao universo escolar acabam deparando-se com questões que suscitam uma reflexão ética a partir da convivência diária. O aluno deve saber respeitar o outro, seja ele um colega ou alguém que desempenhe funções didáticas, administrativas ou de prestação de serviços, o que permite incentivar a construção ativa dos sentimentos de autonomia e responsabilidade.

Para que a escola fomente um sólido teor ético, devem ser incentivadas formas de convivência norteadas pela solidariedade. Mesmo numa situação em que as diferenças culturais e religiosas mostrem-se incompatíveis, ainda assim é necessário preservar o respeito ao modo de ser e de pensar do outro, por meio do diálogo sem preconceitos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Ficou claro, para você, a importância de o educador proporcionar meios para que os alunos tornem-se agentes sociais conscientes e responsáveis? A qualidade do relacionamento pessoal entre todos os sujeitos do processo educativo – professores, alunos, pais, dirigentes, funcionários etc. – contribuiu decisivamente para que se crie um clima de confiança e respeito. No entanto, o ensino da ética na escola requer também, e principalmente, o desenvolvimento de um pensamento crítico. Além do mais, quando se trata de discutir valores e atitudes, até que ponto é necessário levar em conta o componente cultural? Você se deu conta de que, numa sociedade democrática, o que se mostra aceitável para um determinado grupo pode entrar em choque com o que outro grupo considera bom e correto? Se essas questões não ficaram claras para você, volte a ler a aula e procure a tutoria.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A Aula 15, A ética no convívio social, pretende refletir sobre o papel fundamental da reflexão ética para a vida coletiva, que permite ao indivíduo harmonizar seus interesses pessoais com as normas sociais.

Leituras recomendadas

CANDAU, Maria Vera (Org.). *Somos tod@s iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Veja a profunda reflexão de Candau sobre diversidade cultural, direitos humanos e discriminação da mulher, dos negros e de outros setores marginalizados da nossa sociedade.

FRANCO, Creso e KRAMER, Sonia (Org.). *Pesquisa e educação: história, escola e formação de professores*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

PLATÃO. *A república*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996. Veja, principalmente, os Livros II e III, onde o autor detalha como deve ser a formação ético-pedagógica do cidadão e como deve ser a organização da escola ideal.

MOMENTO PIPOCA



Assista a *O caminho para casa*, de Zhang Yimou (diretor de *Nenhum a menos* e *Lanternas vermelhas*, já citado na Aula 12), em que se narra a história de um jovem professor que chega a um povoado rural onde praticamente todos os habitantes participam da construção de uma escola para a comunidade. É interessante perceber como os diversos membros da comunidade se empenham na construção da escola, adotando, junto com o professor, os alunos e outros integrantes da escola, uma atitude ética e cidadã, valorizando a educação e o trabalho solidário em prol de um ideal comum.

A ética no convívio social

Meta da aula

Esclarecer a importância da ética para que o indivíduo possa exercer sua liberdade, respeitando, ao mesmo tempo, as normas da sua sociedade.

objetivos

Esperamos que, após estudar o conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Reconhecer que a convivência social só é possível quando o indivíduo adquire uma consciência ao mesmo tempo política e ética.
- Identificar que o exercício genuíno da liberdade resulta da capacidade de harmonizar a vontade individual com a da coletividade.

Pré-requisitos

Para melhor compreensão desta aula, sugerimos que você reveja as Aulas 12, Os desafios éticos da Educação; 13, Ética na sala de aula; e 14, Ética na escola. As noções de Ética, Paidéia, diferença, singularidade, pluralidade, Parâmetros Curriculares Nacionais, solidariedade, dentre outras, serão muito importantes para o entendimento adequado dos problemas abordados.

INTRODUÇÃO

(...) esses outros que inventamos/ os Outros nos inventam/ nos recriam/ a sua imagem e a sua semelhança/nos convencem de que finalmente somos Outros/ e somos Outros, claro/ felizmente somos Outros (BENEDETTI, 1974, p. 122).



ARISTÓTELES 384-322 A.C.

Reveja a Aula 9 de Fundamentos da Educação 1 (pp. 92-3). Este filósofo, oriundo da Macedônia, pesquisou as mais diversas questões: Lógica, Física, Biologia, Metafísica etc. Na sua reflexão política, destacam-se as obras *Política e Constituição de Atenas*.

POLÍTICA

Relativo à *polis* (cidade), aos assuntos da cidade. A política é a arte ou ciência de governar, que visa harmonizar os interesses gerais da cidade com as necessidades individuais dos cidadãos.

Como destaca Mario Benedetti, em *Poemas de otros*, os outros nos habitam continuamente; todas as nossas vivências, sentimentos, pensamentos se vinculam a experiências e influências coletivas. Essas influências coletivas estão presentes em toda experiência pedagógica. A partir do momento em que o processo educacional encontra-se calcado numa reflexão ética, os indivíduos se tornam cada vez mais aptos para interagir com elementos de ordem política, social e cultural. Essa interação permite que se perceba o quanto o chamado “problema dos outros” possui uma dimensão comum, ou seja, a vida em sociedade exige uma participação ao mesmo tempo ativa e solidária. Logo, para que o indivíduo exerça a sua liberdade, é imprescindível que ele saiba como harmonizar sua própria vontade com a vontade coletiva.

POLÍTICA E VIDA EM SOCIEDADE

É de **ARISTÓTELES** a célebre definição do homem como um animal político. O objetivo do filósofo grego era ressaltar que a condição humana abrange tanto uma existência privada quanto uma existência pública. Para ele, o indivíduo estava totalmente inserido na vida da cidade. Assim, o termo “política” designava uma forma de ressaltar o caráter indissociável entre o indivíduo e a cidade.

A palavra **POLÍTICA** é grega: *ta politika*, vinda de *polis*. *Polis* é a cidade, entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos (*politikos*), isto é, pelos homens nascidos no solo da cidade, livres e iguais, portadores de dois direitos inquestionáveis, a **isonomia** (igualdade perante a lei) e a **isegoria** (o direito de expor e discutir em público opiniões sobre ações que a Cidade deve ou não deve realizar) (CHAUÍ, 2000, p. 371).

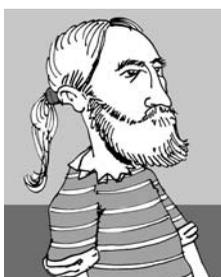
Na aurora da civilização ocidental, os gregos perceberam que a vida em sociedade requer a participação política, e que isso também envolve um aspecto ético pois, nessa convivência coletiva, os homens

têm direito de emitir suas opiniões, de expressá-las e de organizar-se a partir delas. Não seria correto, pois, impor o silêncio ou obrigar que alguém tenha de esconder seus pontos de vista.

A idéia de sociedade (...) pressupõe a existência de indivíduos independentes e isolados, dotados de **DIREITOS NATURAIS** e individuais, que decidem, por um ato voluntário, tornarem-se sócios ou associados para vantagem recíproca e por interesses recíprocos (*Ib.*, p. 400).

DIREITOS NATURAIS

São aqueles que asseguram a qualquer indivíduo o direito à vida, à liberdade e à igualdade, dentre outros.



Robinson Crusoe

Célebre romance de Daniel Defoe que narra as curiosas aventuras de um náufrago que vive durante 28 anos numa ilha deserta, totalmente isolado da civilização. Seria ele um *animal apolítico*?



ATIVIDADE

1. Analise o famoso texto de Aristóteles que destaca que o homem é por natureza um *animal político*. Leia também o comentário de Jean-Pierre Vernant acerca da teoria política desse autor. Relacione os dois trechos e reflita sobre as seguintes questões: Por que o ser humano é político “por natureza”? Por que um homem que viveria isolado do convívio social seria “sub-humano” ou “super-humano”?

...o Estado é uma criação da natureza e que o homem é, por natureza, um animal político. E aquele que por natureza, e não por mero acidente, não tem cidade, nem Estado, ou é muito mau ou muito bom, ou sub-humano ou super-humano – sub-humano como o guerreiro insano condenado, nas palavras de Homero, como “alguém sem família, sem lei, sem lar” (Homero, *Iliada*, IX), porque uma pessoa assim, por natureza amante da guerra, é um não-colaborador, como uma peça isolada num jogo de damas. É evidente que o homem é um animal mais político do que as abelhas ou qualquer outro ser gregário (ARISTÓTELES, 1999, p. 146).

Se um ser, diz ele [Aristóteles], ultrapassa o nível comum, em virtude e em capacidade política, não se poderia admiti-lo num pé de igualdade com os outros cidadãos: “Um tal ser, com efeito, será naturalmente como um deus entre os homens”. (...) O que a cidade realiza assim espontaneamente no jogo de suas instituições, Aristóteles exprime de maneira plenamente consciente e refletida na sua teoria política. O homem, escreve ele, é por natureza um animal político; aquele, então, que se encontra por natureza *ápolis* é ou (...) um ser desprezível, um sub-homem, ou (...) acima da humanidade, mais poderoso que o homem. (...) E o filósofo volta à mesma idéia um pouco mais tarde, quando observa que aquele que não pode viver em comunidade, “não faz parte da cidade e conseqüentemente é ou um animal bruto, ou um deus” (VERNANT, 2002, pp. 94-5).

Agora, elabore um comentário, por escrito, de no máximo 15 linhas.

VIDA EM SOCIEDADE, JUÍZOS DE VALOR E FORMAÇÃO ÉTICA

A vida em grupo está permeada por juízos de valor. Se nos dedicarmos à tarefa de investigar as origens do que é tido como “bem” ou “mal”, “justo” ou “injusto”, “permitido” ou “proibido”, “certo” ou “errado”, “censurável” ou “elogiável”, “virtude” ou “vício”, encontraremos explicações de ordem religiosa, econômica e política.

Uma abordagem filosófica, por sua vez, requer que se busque definir os fundamentos de determinada teoria ética no intuito de elaborar um conjunto de preceitos organizados de forma rigorosa.

Esse aspecto metodológico, contudo, caminha ao lado de um elemento prático, tendo em vista que,

do ponto de vista moral, o indivíduo deve sempre estar em forma, preparado ou disposto; e isto é o que se queria dizer, tradicionalmente, quando se falava numa pessoa virtuosa, como disposta sempre a preferir o bem e a realizá-lo (VÁZQUEZ, 2001, p. 215).

No entanto, nosso modo de agir perante os outros está fortemente marcado por valores que incorporamos desde o nascimento. Há, nesse sentido, um conjunto de valores adquiridos que faz com que aceitemos o que é correto ou incorreto como algo previamente dado. Em vez de simplesmente “interiorizarmos nossa Cultura” como se ela fosse a única realidade possível, a ponto de praticarmos “espontânea e livremente seus costumes e valores, sem neles pensarmos, sem os discutirmos, sem deles duvidarmos, porque são como a nossa própria vontade os deseja” (CHAUÍ, 2000, p. 347), é preciso desenvolver uma compreensão crítica que nos permita discernir o que é justo do que não é. Nesse sentido, Rawls afirma que

o senso de justiça é a capacidade de compreender, aplicar e respeitar nos seus atos a concepção pública da justiça. E ser capaz de uma concepção de bem é poder formar, revisar e buscar racionalmente uma concepção de nossa vantagem ou bem (2000, p. 216).

A idéia de ética está, assim, comprometida com o espaço público, do qual o indivíduo faz parte. Escolher ou aderir a determinados valores deve envolver tanto a capacidade de refletir sobre as normas de conduta adotadas quanto a capacidade de assumir um compromisso e saber sustentar, nas situações vivenciadas no cotidiano, as escolhas efetuadas. Essa capacidade de refletir sobre as próprias ações é o ponto de partida para a formação de um sujeito ético:

A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as conseqüências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins (empregar meios imorais para alcançar fins morais é impossível), a obrigação de respeitar o estabelecido ou transgredi-lo (se o estabelecido for imoral ou injusto) (CHAUÍ, 2000, p. 337).

RESPOSTA COMENTADA

Você pensou que, na propaganda de cigarros em questão, os jovens estão isolados, cada um na sua atividade, no seu interesse, mas não partilham nada com os outros? O único motivo que os aproximaria seria o consumo de um cigarro. Você refletiu sobre muitas mensagens comerciais que visam mostrar os jovens apenas como consumidores, sem nenhum traço de solidariedade, de ideal em comum? Você pôde perceber que os jovens, além de consumidores, têm também ideais políticos, religiosos, artísticos, esportivos etc. A mensagem sugerida nega todos esses ideais, restringe o jovem a uma dimensão limitada: consumir como palavra de ordem.

O RESPEITO ÀS LEIS E O VALOR DA LIBERDADE

O processo educacional certamente pode contribuir para o estabelecimento de um estado de equilíbrio entre o indivíduo e o meio em que ele vive, de modo que os anseios do primeiro não excluam a possibilidade de instaurar um convívio harmônico e saudável. As sociedades modernas, principalmente as localizadas no Ocidente, caracterizam-se pela heterogeneidade cultural e pela diversidade ética e política. Para que o cidadão reconheça a si mesmo como ativamente integrado nesse tipo de comunidade, é preciso agir conforme alguns princípios elementares.



É inevitável, quando se trata de refletir sobre a questão da liberdade, pensar se o surgimento da sociedade limitou a expressão das necessidades mais profundas dos indivíduos ou, pelo contrário, se possibilitou uma convivência mais harmoniosa entre os homens.

Como ressalta **LIPMAN**, “a ocupação dos espaços da cidadania requer das pessoas (...) comportamentos e atitudes que podem decorrer ou ser reforçados quando se aprende desde cedo”, a saber: “respeitar os pontos de vista dos outros”; dar-se conta de “que o próprio ponto de vista tem o mesmo valor e peso dos outros”; “respeitar a vez dos

**MATTHEW
LIPMAN**

Importante teórico norte-americano contemporâneo que postulou uma pedagogia crítica e reflexiva, baseada no diálogo e na proposta de tornar a sala de aula uma *comunidade de investigação*. Também postulou a possibilidade de uma *filosofia para crianças*, isto é, contrariamente ao pensamento tradicional, afirmou que os mais pequenos, se estimulados adequadamente, teriam condições de refletir sobre importantes questões filosóficas. Elaborou um método específico destinado a desenvolver essa filosofia para crianças. Entre seus livros, destacamos *O pensar na educação*.

outros e (...) exigir respeito pela própria vez”; reconhecer que, apesar de poderem “ser discutidas e modificadas”, as regras “são necessárias para a vida em comum”; partir do princípio de “que todos somos iguais e igualmente dignos de respeito” (1988, p. 72). Esses simples preceitos são a base para a formação de uma consciência ética.



**JEAN-JACQUES
ROUSSEAU
(1712-1778)**

Importante filósofo suíço cujas reflexões ofereceram relevantes aportes para o pensamento político e pedagógico. Entre suas obras se destacam: *Do contrato social*, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* e *Emílio*.

O indivíduo contribui (...) para a realização da moral, não mediante atos extraordinários ou privilegiados (que são próprios do herói ou da personalidade excepcional), mas com atos cotidianos e repetidos que decorrem de uma disposição permanente e estável (VÁZQUES, 2001, p. 215).

Dessa maneira, para esclarecermos a articulação entre liberdade e sociedade, também podemos nos remeter ao filósofo francês **ROUSSEAU**, cujo interesse residia em analisar as condições morais e políticas que permitiram o nascimento da civilização. Sua hipótese inicial era de que houve um estado inicial de pureza no qual o homem não apenas vivia em harmonia com a natureza como também era auto-suficiente, pois não dependia do contato com seus semelhantes para sobreviver. À plena liberdade de uma era idílica, que seria uma espécie de ponto zero da história do homem, sucede-se a necessidade de associação, de viver coletivamente. A partir desse momento, no entender de Rousseau, o homem *se degenera*. E isso acontece, basicamente, por dois motivos. Primeiro, a natureza torna-se um obstáculo: é preciso trabalhar para satisfazer as necessidades básicas. Segundo, surge a propriedade privada. Nos dois casos, criam-se relações de mútua dependência entre os seres humanos que levam, inevitavelmente, à luta de todos contra todos.

O surgimento de uma sociedade organizada limita a liberdade do homem, impede-o de agir de modo soberano. No entanto, é graças à vida em grupo que as pessoas passam a dispor de meios para seu aprimoramento intelectual:

A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir em outros princípios e a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações (ROUSSEAU, 1999, p. 77).

Apesar do que diziam os críticos de sua época, Rousseau não defendia um retorno aos bosques, isto é, à vida selvagem. Sua preocupação era apontar um caminho para que o indivíduo readquirisse os mais elevados valores humanos, valores como a bondade, a piedade, o amor. Para isso, é necessário voltar a ser livre. O problema é como articular a vontade coletiva com a individual. Esse impasse se resolve com a elaboração de um “contrato social”. Nele, os indivíduos não se relacionam em termos de submissão, mas a partir da participação ativa de cada um na sociedade em que vive. O exercício da liberdade está, neste caso, em consonância com a obediência às leis elaboradas coletivamente. Daí que a liberdade moral sonhada por Rousseau é “única a tornar o homem verdadeiramente senhor de si mesmo, porque o impulso do puro apetite é escravidão, e a obediência à lei que se estatuiu a si mesma é liberdade” (*Ib.*, p. 78).

O que dissemos anteriormente mostra que no convívio social há um componente político, sem o qual não seria possível obter qualquer tipo de consenso. Como assinala Chauí, a invenção da atividade política se deve a, pelo menos, dois fatores importantes:

1ª. “como o modo pelo qual [os seres humanos] pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total, em uso da força e extermínio recíproco. Numa palavra, como o modo pela qual os humanos regulam e ordenam seus interesses conflitantes, seus direitos e obrigações enquanto seres sociais”; 2ª. “como o modo pelo qual a sociedade, internamente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou rejeitar as ações que dizem respeito a todos os seus membros” (2000, p. 78).

Percebe-se, assim, o quanto o convívio em sociedade encontra-se intimamente articulado a uma existência ética. Não apenas para evitar ações violentas para resolver conflitos com outros grupos, mas também para desenvolver um comportamento responsável e consciente.

RESUMO

A participação na vida social requer não apenas que o indivíduo saiba expressar suas opiniões pessoais, mas também que adote uma postura ética. É necessário que cada um esteja sempre disposto a agir de forma justa e correta. Isso só ocorre quando o indivíduo assume o compromisso de interagir de forma democrática com a vontade coletiva. Aqui se coloca o problema da liberdade: para sermos livres temos de levar em conta as exigências do convívio em sociedade. Nesse sentido, a obediência às leis constitui uma etapa importante de nossa reflexão e da nossa formação ética.

AUTO-AVALIAÇÃO

Ficou claro, para você, que o cidadão do mundo moderno é o resultado de um processo educativo comprometido com a transformação de si mesmo, e do ambiente do qual faz parte, no intuito de criar condições mais humanas de vida? Para isso, a liberdade representa um valor inestimável. Mas, o indivíduo livre deve aprender não somente a conviver com as diferenças como também a relacionar-se com a vontade coletiva, pois a vida em sociedade requer a participação de todos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

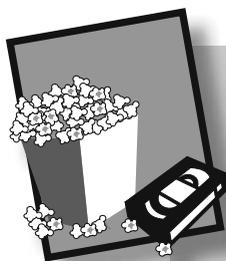
A Aula 16, Ação moral e prática educativa, pretende refletir sobre as diferenças que existem entre os conceitos de moral e ética, assim como destacar a importância de estimular a reflexão e a crítica constantes no processo educativo, com a finalidade de resolver harmoniosamente os conflitos vividos no âmbito escolar.

Leituras recomendadas

Leia o romance *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Trata-se de um navegante jovem e aventureiro que, ao naufragar, ficou confinado a viver em uma ilha durante 28 anos, apenas com seu amigo Sexta-Feira. É interessante refletir, a partir da experiência do personagem do romance, sobre se um indivíduo isolado teria necessidade de adotar padrões éticos ou, ao contrário, poderia agir apenas pelo arbítrio da sua vontade, numa espécie de vida extramoral.

Do *contrato social*, de Jean-Jacques Rousseau, o autor suíço analisa os alicerces de uma sociedade, baseada num contrato social, que visa ao equilíbrio entre liberdade individual e interesse coletivo.

Nietzsche e Deleuze. *Bárbaros e civilizados*, de Daniel Lins e Peter Pal Pelbart. Esta coletânea de textos, partindo das teorias de Nietzsche e Deleuze, analisa com profundidade e clareza os limites e conflitos que existem na constituição das diversas culturas. Sugerimos, dentre os diversos artigos, *O aristocrata nietzschiano: para além da dicotomia civilização e barbárie*, de Barrenechea, Miguel Angel, em que é discutida a linha tênue que existe entre bárbaros e civilizados, entre cultos e incultos, entre violência e civilização.



MOMENTO PIPOCA

Tróia, protagonizado por Brad Pitt, narra as lutas entre gregos e troianos. O filme mostra principalmente a atuação do maior guerreiro dos gregos, Aquiles, que age principalmente por interesses pessoais – vaidade, desejo de fama, ira e afã de vingança. Também há outros personagens que, muito além de interesses coletivos, agem para satisfazer suas paixões pessoais. Interessante filme para ver a articulação entre o individual e o coletivo, entre o respeito ao interesse da comunidade e os apetites pessoais.

Veja também, a trilogia do cineasta polonês Krystof Kioslowski: *A liberdade é azul*, *A igualdade é branca* e *A fraternidade é vermelha*. O diretor tece uma metáfora instigante sobre as relações sociais e os desejos e ilusões individuais na atualidade, inspirado nas três cores da bandeira francesa – azul, branca e vermelha –, aludindo aos três princípios da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade.

Ação moral e prática educativa

AULA

16

Meta da aula

Esclarecer a diferença entre ética e moral, mostrando a importância desta distinção para a prática educativa.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Compreender que a importância da reflexão ética na prática educativa, independentemente das semelhanças ou diferenças entre os termos "ética" e "moral", é refletir sobre as razões da conduta humana.
- Identificar, na sociedade, valores conflitantes, cujas motivações devem ser sopesadas e analisadas constantemente.
- Relacionar o processo educativo à possibilidade de desenvolver um debate permanente, no qual possíveis conflitos possam ser resolvidos de forma harmônica.

Pré-requisitos

Para o melhor entendimento desta aula, sugerimos que você releia as Aulas 12, Os desafios éticos da Educação; 13, A ética na sala de aula; 14: Ética na escola e 15, A ética no convívio social. Os conceitos de Ética, Paidéia, diferença, diversidade, pluralidade, dialógico, Parâmetros Curriculares Nacionais, solidariedade, direitos naturais, política, dentre outros, serão importantes para o entendimento adequado dos conteúdos abordados.

PARA VOCÊ, OS VALORES SÃO ETERNOS?

Por um escrúpulo que me é peculiar, e que confesso a contragosto – diz respeito à *moral*, a tudo o que até agora foi celebrado na terra como moral (...) tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão *de onde se originam* verdadeiramente nosso bem e nosso mal. (...) Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem do mal por trás do mundo. (...) sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles? (...) – Para isso encontrei e arrisquei respostas diversas, diferenciei épocas, povos, hierarquias dos indivíduos, especializei meu problema, das respostas nasceram novas perguntas, indagações, suposições, probabilidades (...) (NIETZSCHE, 1998, p. 9).



FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900)

Filósofo alemão cuja obra é fundamental no pensamento ocidental. Por intermédio de seus livros, esse autor realizou uma profunda crítica às concepções tradicionais, com destaque para o questionamento à metafísica, à moral e à religião. Nietzsche realiza uma aguda crítica à religião e à moral judaico-cristã, com polêmicos livros como *Genealogia da moral* e *O anticristo*.

DOG MÁTICA

Diz-se de idéia baseada na opinião ou na crença, não na prova ou demonstração.

NIETZSCHE, em *Genealogia da moral*, coloca a necessidade de refletir sobre a moral sem estarmos presos a preconceitos teológicos, ou seja, idéias pré-formadas que provêm de diversas tradições religiosas. Sabemos que a religião exige fé, crença, e não provas e demonstrações. Nesse sentido, o autor alemão frisa que a reflexão sobre a moral deve partir da análise das *condições concretas, históricas e sociais* em que surgem os valores morais. Isso significa que é preciso analisar quais os condicionamentos históricos, sociais, econômicos, políticos etc. que possibilitam o surgimento de um determinado valor.

Assim, Nietzsche se propõe a estudar as diversas morais cultuadas pelos diferentes povos, em diferentes épocas. Portanto, a reflexão ética não deve ser **DOG MÁTICA**, mas crítica, aberta a uma indagação que questione como se formaram os valores, já que, conforme mudam as condições históricas, aparecem diversas formas de avaliar, nos diferentes grupos e povos.

Nesse sentido, propondo-se a adotar uma visão crítica sobre os valores, a escola deve ter um sólido compromisso com o aprimoramento do debate ético, o que acaba aproximando-a da Filosofia como disciplina que reflete, de modo sistemático, sobre as ações e as condutas dos indivíduos. Gallo destaca que os valores são *criações humanas*, não algo eterno nem imutável, e enfatiza a necessidade de desenvolver a capacidade de deliberar sobre nossos próprios modos de valorar, de construir nossos próprios parâmetros de conduta:

(...) os valores são criações humanas e não entidades abstratas e universais, válidas em qualquer tempo e lugar. (...) construímos nossos próprios valores, colocando nós mesmos como valor fundamental (GALLO, 2002, p. 108).

O fato de que os valores são históricos, não eternos e imutáveis, está demonstrado pela contínua mudança nos costumes e parâmetros que vivemos na sociedade atual. Num mundo regido por contínuas alterações tecnológicas, pelas permanentes transformações impostas por novos instrumentos, por sofisticadas engenhocas que mudam nossas vidas, os valores não podiam permanecer *imutáveis*. Princípios morais que pareciam inamovíveis mostram-se cada vez mais mutáveis.

Torna-se fácil perceber, nos dias atuais, que a própria estrutura familiar, calcada em parâmetros patriarcais, em que o homem era a cabeça visível do grupo, está sendo profundamente alterada. Cada vez mais, as mulheres são chefes do grupo familiar; cada vez mais estão engajadas no mundo do trabalho, ao mesmo tempo que se sacrificam para dar conta do lar. Muitas vezes são os avós que cuidam da educação das crianças, quando os pais são pouco presentes ou até ausentes, devido as suas obrigações laborais ou por outros motivos.

A crise do modelo patriarcal de família, profundamente minado no século passado e em notória bancarrota no atual, tem trazido a erosão de valores que eram considerados inalteráveis, como a indissolubilidade do matrimônio, a exigência de virgindade dos consortes, a necessidade de que os parceiros se unam em matrimônio – civil e religioso – para terem o direito à coabitação. Esses valores, atualmente, não têm muita validade ou pelo menos não são corroborados pela maioria dos indivíduos. O divórcio já é uma prática geralmente aceita, a virgindade já não é mais uma condição necessária – à exceção de sociedades muito tradicionais, como as de alguns países orientais –, e a convivência sem casamento é uma prática cada vez mais comum.

ATIVIDADE



1. Leia a matéria seguinte, que aborda o caso da norte-americana Terri Schiavo, em coma profundo havia diversos anos, mas que ainda demonstrava sinais vitais. Os juízes autorizaram o desligamento dos aparelhos que a mantinham com vida, já que consideravam que seu caso não seria reversível. Os pais se opunham à decisão judicial, e a opinião pública estava dividida diante desse caso tão polêmico de EUTANÁSIA. Finalmente, Terri morreu de inanição, 14 dias após ter sido removido (31/3/05) o tubo que a alimentava.



EUTANÁSIA

Ato de proporcionar morte sem sofrimento a um doente incurável.

Pai faz apelo dramático. Washington – O pai da americana Terri Schiavo, que hoje completa 11 dias sem receber alimentos, e o conselheiro espiritual da família fizeram apelos dramáticos para evitar que a mulher morra de inanição, um dia depois de ela ter recebido a unção dos enfermos no hospital onde está internada. (...) Schindler [o pai de Terri], esgotado após uma longa disputa legal contra o genro, Michael Schiavo, que alega que a mulher lhe disse no passado que não gostaria de ser mantida com aparelhos, afirmou que a filha não abandonou a luta pela vida. – Tenho medo que acelerem o processo matando-a com uma overdose de morfina (...) Horas antes, o conselheiro espiritual da família, Paul O’Donell, fez mais um apelo ao governador da Flórida, Jeb Bush. – Governador, faça algo, não se junte à cultura da morte. Terri está viva, pedindo sua ajuda, liberte-a de seu cativeiro – disse, lembrando que o estado prevê pena de prisão para quem deixar um animal morrer de fome. Apesar do pedido, o governador reafirmou que deve respeitar as decisões dos tribunais de não recolocar a sonda. Na noite de domingo, Terri recebeu a unção dos enfermos de dois sacerdotes católicos e também o vinho da comunhão. Ela não pôde, no entanto, receber a hóstia, porque sua boca estava muito ressecada. (...) O sacramento contou com a presença de parentes de Terri, enquanto nos arredores continuavam as manifestações a favor do “direito de viver”. Os manifestantes estão em vigília há dias, segurando cartazes com frases como “Deixem Terri viver” e “Não brinquem de Deus”. Um homem que tentou levar água à paciente foi detido (*Jornal do Brasil*. Terça-feira, 29 de março de 2005, p. A12).

! A questão da eutanásia mostra claramente como há situações em que os diversos grupos sociais têm valores conflitantes, opostos.



A DISTINÇÃO ENTRE ÉTICA E MORAL

Os seres humanos agem conscientemente, e cada um de nós é senhor de sua própria vida. Mas como resolvemos o que fazer? Você em algum momento já pensou em como você toma as decisões sobre o que fazer em determinada situação? Você age impulsivamente, fazendo “o que der na telha” ou analisa cuidadosamente as possibilidades e conseqüências, para depois resolver o que fazer? A filosofia pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria vida. Chama-se *ética* a parte da filosofia que se dedica a pensar as ações humanas e os seus fundamentos (GALLO, 2002, p. 54).

Partindo do que pode haver de comum ou de diferente entre os termos “moral” e “ética”, podemos entender o quanto a prática educativa envolve uma ação moral, principalmente se a vincularmos ao projeto de trabalhar os conflitos humanos a partir de uma postura aberta às mudanças e voltada para valores essenciais como o diálogo.

Quando falamos de ética, por exemplo, podemos nos remeter às normas que regem atividades específicas, como no caso dos códigos de ética da Medicina, da Psicologia etc. A prática dessas profissões que lidam diretamente com a saúde e o bem-estar das pessoas obedece a princípios gerais de conduta. Infringí-los, no todo ou em parte, contraria o que é eticamente esperável de determinada categoria profissional. Por sua vez, ao nos referirmos à moral, temos a impressão de que se trata da obediência a regras bem delimitadas, que traçam uma nítida linha divisória entre o certo e o errado, ou de uma atitude conservadora, típica de um comportamento moralista (num sentido pejorativo).

Para avançar na compreensão do âmbito da ética e da moral, podemos recorrer às definições oferecidas pelos dicionários. Além disso, lembre-se da definição que apresentamos na Aula 12, Os desafios éticos da Educação:

A Ética estuda a conduta do Homem: seus fins, meios e motivos do seu agir, refletindo sobre sua própria natureza. Analisa normas, valores e regras que orientam o comportamento do homem no convívio social.

Agora, é importante esclarecer o sentido da noção de moral. Conforme o *Dicionário de Filosofia*, de Abbagnano:

MORAL (lat. *Moralia*; in. *Morals*; fr. *Morale*; al. *Moral*; it. *Morale*). 1. O mesmo que Ética. 2. Objeto da Ética, conduta dirigida ou disciplinada por normas, conjunto dos *mores*. Neste significado, a palavra é usada nas seguintes expressões: “M. dos primitivos”, “M. contemporânea” (ABBAGNANO, 1999, p. 682).

Houaiss, por sua vez, em *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 1958), esclarece que:

Moral: (...) 1 concernente ou próprio da moral (...) 4 que segue princípios socialmente aceitos (...) 4.1. que denota bons costumes, boa conduta, segundo os preceitos socialmente estabelecidos pela sociedade ou por determinado grupo social (...) 6.1. conjunto das regras, preceitos etc. característicos de determinado grupo social que os estabelece e defende (*m. burguesa*) (*m. cristã*) 7 FIL cada um dos sistemas variáveis de leis e valores estudados pela ética (disciplina autônoma da filosofia), caracterizados por organizarem a vida das múltiplas comunidades humanas, diferenciando e definindo comportamentos proscritos, desaconselhados, permitidos ou ideais (...).

Após apresentarmos essas definições de Ética e Moral, podemos tentar esclarecer o sentido de ambas os termos. Abbagnano, numa primeira definição, identifica Ética e Moral: ambas aludiriam à conduta humana, às normas que regem o homem em sociedade. Inclusive, no uso cotidiano, quase todos nós usamos moral e ética como sinônimos. Porém, é possível encontrar algumas diferenças. Houaiss nos ajuda a estabelecer distinções entre os conceitos. A moral pode ser entendida como um conjunto de *normas efetivas*, um sistema *concreto de regras* (por isso *mores*, do latim, alude aos *costumes* efetivos de um grupo) que regem uma sociedade ou um grupo social específico: “conjunto das regras, preceitos etc. característicos de determinado grupo social que os estabelece e defende (*m. burguesa*) (*m. cristã*)”. Assim, haveria *diversas morais* – burguesa, cristã, comunista, brasileira, judaica, primitiva, contemporânea etc. Já a Ética é a disciplina filosófica que reflete sobre a *validade* das normas

A Filosofia se caracteriza por abordar a questão dos valores no intuito de definir os princípios básicos a partir dos quais se pode avaliar qualquer ação humana.

A *escravidão* era uma instituição *legítima* durante a colonização do território americano. Era *moral* tirar a liberdade de determinados indivíduos; mas, esse agir fere os princípios da ética.



e regras que regem as diversas morais efetivas. A moral, assim, é um corpo normativo específico de uma sociedade ou grupo; já a ética é o aspecto da Filosofia que discute o sentido, a justificativa das diversas morais. Assim, a ética pode assinalar que uma determinada moral não respeita os princípios gerais da ética. Nesse sentido, podemos afirmar que a moral de um grupo *racista* (por exemplo a Ku-Klux-Klan dos EUA, que perseguia os negros, ou os *anti-semitas*, que perseguiram os judeus), que desvaloriza determinados grupos sociais ou étnicos, não respeita as normas gerais da ética, como a igualdade entre todos os homens, o direito à vida e à liberdade.

ÉTICA: Disciplina filosófica que estuda os princípios gerais e básicos da conduta humana, refletindo sobre a validade das normas e regras das morais efetivas que regem os diversos grupos e sociedades.

MORAL: Conjunto de regras, normas e preceitos que orientam a conduta efetiva de diversas comunidades específicas, estabelecendo o que está permitido, o que está desaconselhado e o que está proibido.



ATIVIDADE

2. Leia o seguinte trecho da Aula 9, Escola: Inclusão e Exclusão, de Fundamentos da Educação 3, volume 1, p. 89: “A sociedade espartana, na Antigüidade, EXCLUÍA e ELIMINAVA aqueles considerados ‘anormais’; as crianças com deficiências eram jogadas do alto de um morro, numa forma brutal de segregação.” Sem dúvida, a eliminação dos deficientes fazia parte das regras e dos códigos *morais* da sociedade espartana. Levando em conta a distinção que estabelecemos entre moral e ética, tente esclarecer, de forma escrita, em 10 linhas no máximo, se essa moral espartana pode ser considerada ética.

RESPOSTA COMENTADA

Você pode ter percebido que as morais são variáveis, mudam de uma sociedade para outra, de tempos em tempos. Há costumes que para um grupo são fundamentais e para outros são chocantes. No entanto, a Ética, como disciplina filosófica mais ampla, analisa os princípios gerais da conduta humana. Assim, podemos dizer que é ético o direito à vida, à dignidade, à igualdade etc. Dessa forma, a ética pode esclarecer que uma determinada moral não respeita princípios universais do agir. Nesse sentido, você pode ter assinalado que a eliminação dos deficientes estava acorde com os parâmetros morais de Esparta; porém, numa reflexão mais abrangente, pode ter mostrado que esse procedimento era moral nessa época e sociedade, mas feria normas éticas universais.

EDUCAÇÃO E DIÁLOGO

A condição humana é adquirida no interior de uma cultura que tem seus próprios costumes, hábitos, crenças, normas, leis, preceitos, regras de conduta etc. Fatores sociais, históricos e geográficos são determinantes para que alguém se comporte desta ou daquela forma. Pensar a ética, no interior da instituição escolar, significa levar em conta a existência de outras formas de avaliar o comportamento das pessoas que fazem parte do cotidiano dos alunos e também fora da escola, como do grupo familiar, da vizinhança ou dos meios de comunicação de massa, por exemplo. A prática educativa deve estar comprometida com a problematização democrática dos conflitos de interesse inerentes às relações humanas, de modo que situações de conflito ou de impasse sejam resolvidas por meio da habilidade de discutir, de trocar argumentos, de ponderar, de comparar, em suma, de dialogar.

Na Grécia Antiga, a formação pedagógica valorizava a atitude prudente daquele que reflete sobre os próprios sentimentos e sobre as próprias ações, como podemos constatar nas palavras de **ARISTÓTELES**:

pode-se sentir medo, confiança, desejos, cólera, piedade, e, de um modo geral, prazer e sofrimento, demais ou muito pouco, e, em ambos os casos, isto não é bom: mas experimentar estes sentimentos no momento certo, em relação aos objetos certos e às pessoas certas, e de maneira certa, é o meio-termo e o melhor, e isto é característico da excelência (2001, p. 42).

**ARISTÓTELES
(384-322 A.C)**

Reveja a Aula 15, A ética no convívio social. Este filósofo grego dedicou especial atenção à reflexão ética. Nesta área, um livro fundamental é *Ética a Nicômaco*, dedicado a seu filho, a quem dirige seus ensinamentos éticos.



Aristóteles vai consolidar, no seu sistema ético, o princípio do *meio-termo*. Em toda ação humana é possível cometer *excesso* ou *falta*. Assim, nas questões da guerra, da luta, do confronto – muito importantes numa sociedade guerreira, como a da Grécia Antiga –, era fundamental determinar a *medida* da conduta. Era possível exceder-se, cometendo *temeridade* (alguém que pretendesse lutar contra um inimigo muito superior as suas forças: disputar sem armas contra 10 homens) e, ao contrário, incorrer em *defeito*, sendo *covarde* (um guerreiro que tivesse medo de um rival muito inferior a ele). O meio-termo, que determina a virtude, seria a *coragem* (por exemplo, disputar com um adversário equivalente em forças e armamentos). O equilíbrio deve estar presente em todo tipo de conduta.

Há também, da mesma forma, (*sic*) excesso, falta e meio-termo em relação às ações. Ora, a excelência moral se relaciona com as emoções e as ações, nas quais o excesso é uma forma de erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio-termo é louvado como um acerto; ser louvado e estar certo são características da excelência moral. A excelência moral, portanto, é algo como equidistância, pois, como já vimos, seu alvo é o meio-termo. Ademais é possível errar de várias maneiras, ao passo que só é possível acertar de uma maneira (também por esta razão é fácil errar e difícil acertar – fácil errar o alvo, e difícil acertar nele); também é por isto que o excesso e a falta são características da deficiência moral, e o meio-termo é uma característica da excelência moral, pois a bondade é uma só, mas a maldade é múltipla (*Idem*).

A reflexão de Aristóteles apregoa que, para se atingir a excelência moral, é necessário a adoção de um comportamento equilibrado na vida em sociedade. Seu antecessor, Sócrates, já considerava que ser racional era uma virtude que conduzia inevitavelmente à felicidade.

No mundo moderno, essa preocupação com o desenvolvimento de uma postura virtuosa está intrinsecamente ligada à elaboração de uma atividade pedagógica criticamente construída, na qual seja possível não apenas questionar o que é reproduzido inconscientemente pelos indivíduos, mas também melhorar a qualidade das relações humanas, no sentido de atingir um maior grau de confiança e respeito entre todos.

Ao dar-se conta das implicações e questões éticas da prática pedagógica, o educador abre caminho para trabalhar em conjunto os desafios do cotidiano.

Trabalhar a educação ética exige que o educador, além de se comportar de forma honesta e coerente, saiba respeitar a legítima idiosincrasia de cada um dos alunos. Para que isso ocorra, o educador deve evitar uma atitude de neutralidade, o que na verdade é praticamente impossível, tendo em vista que ele está influenciado por valores que fizeram parte de sua própria história e que o constituem enquanto docente.

Libâneo considera que

(...) a prática educativa emancipatória requer, efetivamente, do educador, como tomada de posição pela missão histórica consciente e conseqüente da humanidade, destruir as relações de classes que sustentam a alienação e privam o homem de seu pleno desenvolvimento humano (1985, p. 81).



O educador deve adotar uma conduta ética, assim como instigar os alunos à reflexão ética.

Se tomarmos como referência a vida como um todo, o maior objetivo da educação é o de contribuir para o desenvolvimento de um processo de libertação que permita ao ser humano expressar seus verdadeiros anseios e realizar-se como pessoa.

ATIVIDADES FINAIS

1. A avaliação é uma das questões que suscitam mais inquietações, temores e angústias entre os alunos. A *prova* geralmente é o momento mais temido na vida escolar. Geralmente, é o professor que determina unilateralmente o tipo de avaliação a ser realizada. E, como dissemos, o *diálogo* deve orientar a ética, a ação do professor. Proponha uma discussão com o tutor do seu pólo e os colegas do grupo de estudos que você frequenta. Sugira que todos, incluindo o tutor, coloquem o tipo de avaliação que seria mais adequada no ensino a distância: auto-avaliação, prova escrita, prova oral, trabalho, trabalho em grupo etc. Realize

Discuta com os colegas do pólo a concepção amorosa manifestada no poema de Neruda. O poeta escreveu esses versos no século passado. Proponha uma outra discussão comparando os valores amorosos do passado e da atualidade. Uma paixão tão intensa como a transmitida pelos versos é uma coisa antiquada? Nesta época, tão vertiginosa, as pessoas devem amar livremente e sem compromissos ou tentar estabelecer laços mais sólidos? Sintetize os argumentos apresentados e conclua apresentando sua opinião. Elabore sua resposta nas linhas abaixo:

RESPOSTA COMENTADA

Você deve ter percebido que, na atualidade, todos os valores parecem estar em xeque. Uma das instituições mais minadas são as relações amorosas. Você, com certeza, deve conhecer poucos casais que permanecem juntos ao longo dos anos. Neruda escreveu Vinte poemas de amor em 1924, numa época em que as separações não eram freqüentes e as paixões pareciam intensas, duradouras. Você deve ter percebido, pela sua própria experiência, que hoje as coisas são muito diferentes: os valores estão em permanente mudança. No caso do amor, diante de tantas consignas contraditórias transmitidas pela mídia, pela psicanálise, pelo senso comum, pelo consumismo atual, é preciso que você possa determinar qual o rumo a escolher, qual o valor a adotar.

RESUMO

A Filosofia trouxe importantes contribuições para o desenvolvimento de um pensar e de um agir calcados em princípios éticos. Transpondo essas reflexões para a prática pedagógica, nos damos conta da necessidade de realizar um trabalho cotidiano sobre nossas próprias condutas. Diferenciar ética de moral permite que a reflexão filosófica ética nos leve a avaliar a validade das diversas morais efetivas e dos diversos valores existentes na atualidade. É a partir dessa postura que a educação moral contribui diretamente para melhorar a condição humana, privilegiando a cooperação na resolução de problemas fundamentais da vida em grupo.

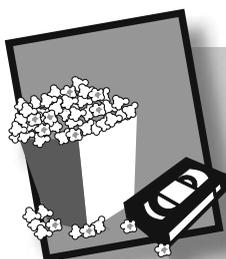
AUTO-AVALIAÇÃO

Você compreendeu que a participação do educador, na reflexão conjunta dos valores, exige a habilidade para lidar com questionamentos e aceitar, na medida do possível, as alternativas propostas? A transmissão dos valores e das regras socialmente aceitas, que atualmente estão em constante mudança, faz-se não somente por meio da atitude do professor mas também por intermédio da leitura, da forma de organização da instituição escolar e mesmo do modo como é feita a avaliação do desempenho dos alunos. Ao se dar conta disso, o educador percebe o quanto é importante a manutenção de uma reflexão ética. Desse modo, só é possível uma ação moral consistente por meio da educação do pensamento.

Leituras recomendadas

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Nietzsche realiza uma importante análise do surgimento histórico dos diversos valores, nas diversas sociedades, mostrando que não há *moral* eterna e imutável, mas diversas *morais* surgidas por interesses concretos dos diversos grupos que constroem os valores.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: Unb, 2001. O pensador grego, no livro de ética que dedica a seu filho Nicômaco, mostra que a chave de toda conduta virtuosa é adotar um caminho equilibrado, *um meio-termo*, fugindo dos excessos e dos defeitos.



MOMENTO PIPOCA

Cidade de Deus mostra as diversas vicissitudes de um grupo de traficantes da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Este instigante filme mostra que existem códigos morais singulares que animam os grupos sociais marginalizados. A partir desses valores, diferentes dos que são consolidados na sociedade dita organizada, podemos analisar a relatividade dos parâmetros que guiam os diversos segmentos da comunidade.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA.

A Aula 17, Revisão, propõe-se sintetizar as questões desenvolvidas nessas cinco aulas (12, 13, 14, 15 e 16) sobre as relações que existem entre Ética e Educação.

Cultura e cotidiano escolar

A sala de aula

Ética e Educação

AULA

17

objetivo

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Rever concepções, conceitos e noções estudados nas aulas anteriores, relacionados à ética, sua origem e conceituação; o aprendizado da cidadania; o compromisso ético do educador; a educação ética; a dimensão ética do espaço escolar; as atitudes manifestadas no cotidiano; a política e a vida em sociedade; vida em sociedade, juízo, valor e formação ética; o respeito às leis e valor da liberdade; a distinção entre ética e moral e educação e diálogo, temáticas imprescindíveis ao educador contemporâneo.

Pré-requisito

Esta aula contém uma síntese das cinco aulas passadas. O domínio dos conceitos contidos em cada uma delas é fundamental para que a revisão possa ser altamente proveitosa.

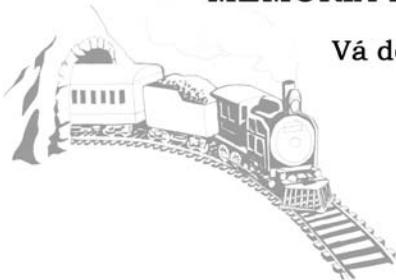
Em todo o Brasil, como estratégia de implementação do turismo, estão sendo recuperados pequenos trechos de linhas férreas. Nestes percursos, trafegavam os antigos trens “Maria Fumaça”, movidos a carvão, transportando cargas e pessoas. Como apitavam! E, claro, como soltavam fumaça! Agora são atrações turísticas.

AGÊNCIA DE VIAGENS

TÚNEL DO TEMPO

Volte ao passado! Vá ao futuro!

MEMÓRIA FERROVIÁRIA BRASILEIRA



Vá de Tiradentes a São João Del Rei,
Região da Estrada Real! (MG)

Conheça os vinhedos
de Bento Gonçalves! (RS)

“Maria Fumaça” com embarque
em Guapimirim!(RJ)

Esses trens provocam curiosidade em termos de sua velocidade (são lentos), da estrutura dos vagões, da aparência dos assentos, da forma de embarque, das manobras, da sinalização, do guichê para a venda de passagens, do formato dos tíquetes, da arquitetura das estações, dos uniformes dos ferroviários, da execução de trabalho do maquinista, do responsável pela caldeira e do atento controlador de passageiros em cada vagão, dentre outros aspectos.

Na atualidade, temos o trem-bala, invenção japonesa, que poderia cobrir a distância que vai do Rio de Janeiro a São Paulo em cerca de duas horas. Há também os metrô, trens citadinos, subterrâneos ou de superfície, que fazem o chamado transporte de massa. Há ainda o trem que percorre o Canal da Mancha, na Europa, por um túnel debaixo d’ água!

Finalmente, o trem perdura, mas de outra maneira. Renovado tecnologicamente. Assim também os valores inerentes ao comportamento das pessoas não permanecem imutáveis, pois alteram-se continuamente são determinantes no tempo-espaço de novos padrões de ética na vida em comum.

Nada do que foi será
De novo
Do jeito que já foi um dia
Tudo passa...
Tudo sempre passará...
(Lulu Santos)

Com certeza, Ética e Educação já não são mais um mistério para você. É coisa do passado. Já passou. Ainda assim, vamos rever este duo temático de um outro jeito.

TEMA: OS DESAFIOS ÉTICOS DA EDUCAÇÃO (AULA 12)

Nesta aula, foram apresentados a origem grega da palavra ética e seus significados. A ética pressupõe o fim, os meios para o atingimento do fim, a orientação e a disciplina de conduta, princípios regentes do comportamento humano e reflexão acerca de normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social. A ética indaga sobre a natureza do homem e estuda suas normas e regras de comportamento na convivência em uma mesma sociedade.

Educação também tem origem no grego. A noção de “Paidéia” vincula conduta moral e formação de cidadãos. A visão pedagógica da época contemplava as responsabilidades políticas dos indivíduos e seu comportamento ético em relação aos seus pares na vivência cotidiana. As questões éticas tinham a primazia no processo educacional.

O processo educativo nas sociedades modernas fomenta as questões dos valores por ser área de abordagem pedagógico-didática articulada e inserida em certo contexto cultural. Esfera escolar e esfera social se interpenetram. Os referenciais religiosos, étnicos, culturais, políticos, econômicos reforçam o papel do contexto em sua diversidade de pontos de vista. O efeito contextual das diferenças recoloca a escola como instituição vocacionada para a aprendizagem e a formação ética, vinculando o espaço privado de cada um e o espaço público comum, ou seja, o aprendizado da cidadania.

Fica instalado o desafio ético da educação: pensar a vida em grupo em termos do fortalecimento dos processos de humanização e democratização das relações sociais.



Educação para a paz

Uma campanha Mundial de Educação para a Paz foi lançada em Haia em 1999. Em todo o mundo cresce a consciência da necessidade de envolver a juventude num processo que capacite os jovens para transformarem o mundo de forma firme, ativa e pacífica (CONIC, CF 2005, no. 51).

TEMA: A ÉTICA NA SALA DE AULA (AULA 13)

O homem faz escolhas originadas por emoções e desejos. Entretanto, nossa capacidade de escolha reorienta o que elegemos em razão de avaliações, preferências, valores, necessidades, efeitos de uma suposta decisão. Eis o terreno da ética.

A proposição pedagógica de educação crítica e libertária canaliza para o ambiente de classe o trato de conteúdos e a reflexão sobre as condutas e os valores. Assim, na vivência docente, o educador tem como dissociar a exploração de campos de conhecimento do papel de agente transmissor de valores morais, pela forma como se conduz, eticamente, na interação com os alunos e estes com seus pares. Diametralmente oposta à doutrinação, o ensino da ética consistirá em realidade vivenciada no espaço de sala de aula.

O projeto coletivo de aprendizagem ética será centralizado em investigação coletiva: por parte do aluno, tornar-se sujeito autônomo capacitado ao pensamento livre, respaldado em rotinas de reflexão, cooperação e diálogo; já o professor terá de atentar para suas ações éticas nesse trabalho conjunto na direção de:

- Comportamento coerente em consonância com juízos proferidos.
- Comportamento dialógico.
- Valores conducentes de comportamentos.
- Regras de convivência.
- Inconveniência de imposições e neutralidade.
- Autoridade, cunhada por competência, atitudes afetuosas e incentivo ao crescimento moral dos alunos.

A elaboração conjunta do saber é o propósito almejado pela educação ética. Formar, no campo da ética, é o mesmo que educar o gosto, o caráter, os hábitos, o raciocínio dos alunos de forma não-dogmática.

TEMA: A ÉTICA NA SALA DE AULA (AULA 14)

Uma constatação, em plano sociopolítico, a ficar assentada para os membros de uma sociedade, é a necessidade do envolvimento e da atuação na vida social. Há que se resguardar a esfera pública de tornar-se refém de decisões com base em interesses particulares em detrimento de interesses coletivos.

Na coletividade escolar, as relações pessoais estabelecidas no interior da instituição conjugam uma rede interativa constituída por professores, alunos, coordenação, funcionários, direção e pais. Caberá aos envolvidos discutir os valores que norteiam os procedimentos dos indivíduos e resolver problemas prementes para a vida em grupo. A consistência do vínculo afetivo entre todos e o estabelecimento de relações harmoniosas tecem o pano de fundo para o sucesso da convivência em grupo. A recorrência a questões éticas relacionadas com a mútua dependência entre liberdade e responsabilidade, cidadania e solidariedade é inevitável. A escola transforma-se em lugar de debate e criação do pensamento, tomando a forma de um laboratório de experiências éticas.

A ética é estruturada passo a passo, por processo construtivo, conjunto e transformador que atesta a contemporaneidade dessa escola. Seriam seus resultados finais:

- Aprendizado de cidadania ativa e responsável.
- Alunos aptos a manifestar seus pontos de vista.
- Ambiente plural e sem exclusões.

A dimensão ética do espaço escolar supõe alteração de atitudes, pela construção e aprendizado de valores, com desembocadura direta na vivência em conjunto.

Na convivência, conflitos de valores e interesses são presumíveis, devem ser acolhidos, vivenciados e solucionados na direção do aprimoramento da qualidade ética relacional entre as pessoas. Se devidamente internalizados, comportamentos e atitudes de cooperação, de respeito mútuo, de engajamento em objetivos comuns forjarão o arcabouço originário de hábitos reflexivos nos indivíduos.

Há diferença nas múltiplas formas de ver o mundo, a vida, os costumes, os valores, de estar no mundo. Há diversidade de opiniões, de crenças, de valores culturais. Em decorrência disso, o ambiente escolar

é também rico de contradições e controvérsias, ficando a convivência ética sujeita a conflitos insolúveis ou de difícil resolução.

A escola fomentadora de sólido teor ético incentivará a convivência em termos solidários, pensando a conduta individual numa sociedade plural. O diálogo sem preconceitos, o debate de idéias e a construção ativa dos sentimentos de autonomia e responsabilidade direcionarão a prática voltada para a ética.

Por último, cabe um olhar sobre o professor, ídolo, modelo, exemplo, ao se refletir sobre a convivência ética na escola e na sala de aula.

O respeito no modo de se relacionar com os demais, as reações tolerantes, a aceitação das diferenças, a discussão sobre as condutas ao invés da censura sumária são maneiras de conduzir-se em meio aos demais, alunos e outros. Enfim, uma considerável gama de disposições exteriorizadas, coerentes com os valores de especial convivência entre cidadãos livres e conscientes, servem como parâmetro de atitudes solidárias manifestadas efetivamente no “estar na escola” pelos professores.



ATIVIDADE

2. Você já reparou como muitos ditados populares se ocupam da questão da convivência? Às vezes, tratam dos membros da comunidade individualmente...

“CADA MACACO NO SEU GALHO “

“ MUITO RISO, POUCO SISO “

“ EM BOCA FECHADA NÃO ENTRA MOSCA “

“ DEUS AJUDA A QUEM CEDO MADRUGA “

... e, de outras tantas, situam aspectos relacionais...

“ QUEM AMA O FEIO , BONITO LHE PARECE “

“ DIZE-ME COM QUEM ANDAS E EU TE DIREI QUEM ÉS “

“ QUEM PODE MANDA, QUEM É ESPERTO OBEDECE “

“ QUANDO UM NÃO QUER, DOIS NÃO BRIGAM “

TEMA: A ÉTICA NO CONVÍVIO SOCIAL (AULA 15)

Nós somos vinculados a experiências e influências coletivas a que estamos expostos. Há uma dimensão comum na interação humana com elementos de caráter político, social e cultural presentes na experiência pedagógica. O processo educacional escolar ocorre no espaço adequado para a reflexão ética, é o espaço-tempo apropriado a uma participação ativa e solidária, à harmonização da vontade pessoal com a vontade coletiva.

A existência privada e a existência pública são faces da condição humana. A isonomia e a isegoria são peculiares à participação política na vida em grupo. O sujeito ético desenvolve a capacidade de refletir sobre os próprios atos e delibera conduzido por sua consciência moral. Atua no espaço público, ancorado em juízos de valor, enquanto reflete sobre normas de conduta adotadas, assume compromissos e sustenta suas escolhas.

O papel do processo educacional é o de contribuição para a implementação de um estado equilibrado entre o indivíduo e o meio em que ele vive. A heterogeneidade cultural e a diversidade ética e política são entraves ao equilíbrio entre homem e sociedade. Ao contrário, a consciência ética, pelo apoio a preceitos vivenciados no cotidiano; a postulação de uma pedagogia crítica e reflexiva baseada no diálogo; a proposta de tornar a sala de aula uma comunidade de investigação; as implementações de uma filosofia para crianças são iniciativas em prol de harmoniosas relações interativas do homem com o mundo que o cerca.

A participação ativa do ser no grupo do qual faz parte se depara com o problema do cotejo da vontade coletiva com a vontade individual e o exercício da liberdade expressado pela obediência voluntária a leis elaboradas coletivamente.

Convívio social e existência ética se articulam na resolução de conflitos e no desenvolvimento de um comportamento responsável e consciente.

O esforço reflexivo sobre moral deve iniciar-se pela análise das condições concretas, históricas e sociais que possibilitam o surgimento de um valor. Os valores são criações humanas, portanto, são materializados por ações e condutas dos indivíduos.

A ética se dedica a pensar as ações humanas e os seus fundamentos, ao passo que a moral é objeto da ética. Como objeto, compreende a conduta dirigida ou disciplinada por normas. Ética e moral tratam da conduta humana.

A moral é constituída por um corpo normativo específico de uma sociedade ou grupo. Há diferenças morais, já que grupos e sociedades bem característicos estabelecem e defendem diversos preceitos e regras.

A ética cuida de discutir o sentido, a justificativa das variadas morais. Nem sempre a ética valida determinada moral, se é transgredido algum princípio universal do agir.

Há diversidade de morais, há diversidade de valores, há inúmeras formas de ver o mundo nos diferentes segmentos sociais e em diferentes culturas. A prática educativa, comprometida com o processo de reflexão ética, requer um projeto de trabalho centrado no exame dos conflitos humanos e no estreitamento das relações do indivíduo com valores essenciais, como o diálogo e a prática da indagação e do debate no contato com as disparidades, com o que é desigual.

A cultura da escola tem seus próprios costumes, hábitos, crenças, normas, leis, preceitos, regras de conduta etc. como traço do cotidiano escolar. O cotidiano dos alunos é também diretamente afetado pelo comportamento das pessoas com as quais se relacionam fora da escola, pela comunidade local e ainda pelos meios de comunicação de massa. A partir de tais contextos, a excelência moral, fruto do comportamento equilibrado na vida em sociedade, vai requerer da atividade pedagógica o questionamento do que é reproduzido inconscientemente pelos indivíduos e o intento de melhorar a qualidade das relações humanas.

A educação ética, efetivada no interior da instituição escolar dependerá dos avanços dos alunos ao recorrer a habilidades de discutir, de argumentar, de ponderar, de comparar, em suma, *de dialogar* no encaminhamento de soluções para conflitos e impasses derivados das próprias condutas. O posicionamento de uma educação moral alicerçada na cooperação e no envolvimento com problemas fundamentais da vida em grupo não podem prescindir da problematização democrática

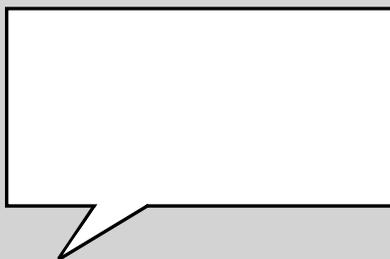
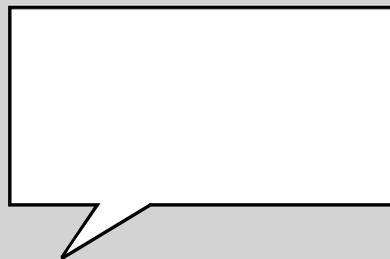
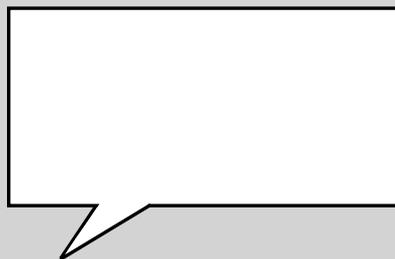
dos choques de interesses pertinentes ao relacionamento humano, se considerarmos a idiossincrasia do aluno como elemento singular no universo discente.

ATIVIDADE



5. Encontro pedagógico. A discussão é sobre ética e moral. Sete presentes (universitários do CEDERJ) discorrem de forma consistente sobre as diferenças entre os dois conceitos. Ainda dão a idéia de um quadro comparativo, de forma que não se perca nada das várias acepções sobre ética e moral. O pessoal universitário ARRASA.

Reproduza algumas de suas falas. Use os balões.



Pronto, acabou a revisão. Poderíamos repetir certo ditado que diz assim: “Acabou-se o que era doce...”

Nossos votos são de elevado desempenho na avaliação que virá a seguir. Uma verdadeira “parada”, ambigualmente falando.

Segue uma mensagem para você, artista professor.

O ARTISTA

Nenhum tipo de trabalho é insignificante...

Se um homem é chamado para ser varredor de rua, deveria varrê-la assim como Michelangelo pintava, como Beethoven compunha música, ou como Shakespeare escrevia poesia.

Deveria varrer a rua tão bem que todas as legiões do céu e da terra diriam:

– Vejam um grande varredor de rua que faz bem o seu trabalho.

Procurem descobrir para qual tarefa são chamados, e depois ponham-se a fazê-la apaixonadamente (Martin Luther King).

Avistando o destino planejado

AULA

18

Meta da aula

Avaliar os conhecimentos adquiridos nas aulas que compõem os dois primeiros módulos desta disciplina.

objetivo

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar dúvidas que possam permanecer e reforçar seus conhecimentos em relação às aulas anteriores.

Desperar jamais
Aprendemos muito nesses anos
Afinal de contas não tem cabimento
Entregar o jogo no primeiro tempo
Nada de correr da raia
Nada de morrer na praia
Nada! Nada! Nada de esquecer

(Ivan Lins e Vitor Martins, "Desesperar Jamais")

Faltam poucos quilômetros para que a nossa viagem pelas Terras dos Fundamentos chegue a seu fim. Um fim que, certamente, será o eterno recomeçar, o eterno retorno, ou, como afirma Lulu Santos, plagiando Heráclito, como uma onda no mar.

Se nada será como já foi um dia, isso se torna verdadeiro na medida em que toda a sua prática e a sua visão teórica estarão impregnadas de novos e importantes conhecimentos no campo da Filosofia, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Política e História.

Temos certeza de que fornecemos o cimento para que você pudesse construir- reconstruir-construir seus conhecimentos e, conseqüentemente, sua prática cotidiana.

O nosso curso, numa analogia com a metáfora do trem, caminha com os seus diferentes vagões. São os vagões da prática de ensino, do estágio, da pesquisa e do projeto político-pegagógico, dentre outros fundamentos para a formação de um professor comprometido com a sociedade, a cidadania e a transformação, cujas rodas correm sobre a base epistemológica que cada um dos professores da disciplina Fundamentos da Educação levou até você.

Portanto, preocupados mais uma vez com a sedimentação dos seus conhecimentos e com um final de viagem que se aproxima, convidamos você para uma parada na Estação da Avaliação, semelhante a todas as outras em que você teve a oportunidade de parar, a fim de avaliar a sua caminhada.

Para que você possa transitar por essa estação sem perda de tempo e do objetivo (avaliar seus conhecimentos sobre as primeiras aulas deste módulo), é fundamental que você leve consigo todos os textos lidos até aqui em nosso curso, bem como todos os dados e informações que tiver obtido nas mais variadas fontes de consulta e nos estudos complementares

que houver feito, seguindo as recomendações constantes nas várias aulas. Isso também não é novidade, nesse tipo de aula sempre pedimos isso a você. Lembra-se?

Esta avaliação foi estruturada tomando por base o que cada um dos professores, autores das aulas, considera importante que você reflita.

Desta maneira, lhe serão feitas perguntas, apresentados questionamentos, solicitadas comparações, interpretações e análises, para que você possa rever pontos importantes, consolidar saberes adquiridos, dirimir dúvidas e estimar o que eventualmente deverá ser revisto e estudado novamente.

Leia, atentamente, cada uma das questões e procure entender o que está sendo solicitado. Em seguida, volte ao texto de cada uma das aulas estudadas até aqui e tente localizar a origem de cada uma das questões. Finalmente, tente preparar sua resposta. Com isso, certamente, você estará preparado para vivenciar o que lhe aguarda nessa estação. Não se esqueça de que a viagem nas Terras dos Fundamentos está chegando ao fim, mas que com tudo que foi semeado por nós, e cuidado por você, irá florescer a cada passo da sua vida profissional e acadêmica. Portanto, de posse de todo o material didático, procure:

DESCREVER

- a) a identidade cultural brasileira em comparação com algum país estrangeiro;
- b) as características gerais da cultura erudita e da cultura popular;
- c) dois elementos formadores da cultura presentes no cotidiano escolar.

EXPLICAR

- a) o significado de etnocentrismo cultural;
- b) em que medida o currículo escolar está relacionado à cultura da sociedade;
- c) como a escola pode aproveitar os meios de comunicação para desenvolver atividades educativas;
- d) o significado do termo *ética*;
- e) o significado do termo *paidéia*;
- f) o pensamento de Paulo Freire: “A educação deve ser orientada pela interação e pela troca entre o professor e o aluno.”

- g) a afirmativa de Aristóteles: “O homem é ‘um animal político’ por natureza”;
- h) o significado do termo *política*;
- i) a dificuldade de associar a cultura de massa à cultura popular, mediante a influência dos meios de comunicação;
- j) como deveriam ser as relações entre professores, alunos, pais de alunos, funcionários e os demais integrantes da vida escolar no convívio cotidiano;
- l) a importância da adoção de uma pedagogia multicultural para a construção da cidadania;
- m) as noções de diferença e diversidade cultural.

RESPONDER

- a) Por que a escola pode ser considerada uma tecnologia da Educação assim como os carros são considerados uma tecnologia do transporte?
- b) No final do século XX, as pesquisas em Psicologia da Educação dirigiram sua atenção para as diversas modalidades de aprendizagem que possibilitariam pautas interativas entre alunos. A que se deve a mudança de foco das pesquisas em Psicologia da Educação?
- c) Freud usou o conceito de sublimação para pensar a função da Educação. Como esse conceito freudiano pode ser convertido em prática na sala de aula?
- d) Por que Freud insistia na necessidade da escola fornecer esclarecimento sexual às crianças e adolescentes?
- e) O ofício do aluno, como qualquer outro tipo de ofício, mobiliza algumas competências. Quais competências você prioriza em seu cotidiano escolar como professor(a)?
- f) Como você pode definir, usando exemplos do dia-a-dia da sala de aula, a relação utilitarista dos alunos com o saber?
- g) A Ética é um assunto especializado, destinado só àqueles que estudam Filosofia, ou uma disciplina que é de interesse de todos?
- h) A Ética analisa só a conduta individual ou estuda também a conduta das pessoas em sociedade?
- i) O docente deve evitar os conflitos surgidos em sala de aula ou deve encará-los e resolvê-los?

j) Para Aristóteles, a Ética deve fomentar um comportamento equilibrado na vida em sociedade ou, ao contrário, deve estimular a adoção de atitudes extremadas?

JUSTIFICAR AS AFIRMATIVAS

a) “Uma reflexão ética precisa levar em conta todos os aspectos da vida humana.”

b) “A escola é um espaço dialógico de construção conjunta, implicando uma troca permanente entre professores e alunos.”

c) “A reflexão sobre valores deve estar presente no dia-a-dia de sala de aula.”

d) “Os valores são criações humanas e não entidades abstratas e universais, válidas em todo tempo e lugar.”

e) “A Ética estuda a conduta do homem: seus fins, meios e motivos do seu agir, refletindo sobre sua própria natureza. Analisa normas, valores e regras que orientam o comportamento do homem no convívio social.”

f) “O homem é a medida de todas as coisas.” Comente a relação dessa frase de Protágoras com o relativismo dos valores na atualidade.

g) “Ao estimular a cooperação, a autonomia e a livre expressão em sala de aula, o educador estará contribuindo diretamente para o desenvolvimento de uma reflexão de cunho ético.”

h) “A escola democrática deve ser *plural*: todos devem ser ouvidos, todos os pontos de vista devem ser respeitados; os que pensam de forma diferente não devem ser *excluídos*.”

i) “O processo educacional pode contribuir para o estabelecimento de um estado de equilíbrio entre o indivíduo e o meio em que ele vive, de modo que os anseios do primeiro não excluam a possibilidade de instaurar um convívio harmônico e saudável.”

CITAR

a) cinco competências que, conforme os PCN, devem ser desenvolvidas nos alunos;

b) dois direitos naturais do homem;

c) três preceitos morais de grupos específicos que podem ser interpretados como contrários à Ética.

ELABORAR

a) um levantamento dos objetivos educacionais dos principais programas, que são considerados os mais populares, de televisão, rádio e cinema, vistos pelas crianças e adolescentes na nossa sociedade;

b) uma relação das normas/padrões que têm permanecido e se modificado na cultura da escola brasileira nas últimas duas décadas.

Nossa viagem está quase no fim, faltam poucas estações. Portanto, resolva as questões com toda atenção. Sentindo alguma dificuldade, compareça à sessão de tutoria. O tutor responsável por essa disciplina poderá ajudá-lo. Organize um grupo de estudo para que, junto a colegas de curso, você possa refletir melhor.

Lembre-se de que estudar esta aula ajudará você nas APs e nas ADs, além, é claro, de enriquecer seus conhecimentos.

Padrões estéticos e prática educativa

AULA

19

Meta da aula

Demonstrar que a questão do gosto e da preferência estética pessoais deve ser desenvolvida no processo educativo.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Avaliar a experiência estética, na apreciação de obras artísticas, tanto no que se refere a sensações agradáveis e desagradáveis, quanto a sua análise racional.
- Reconhecer que a função da atividade artística não se limita à expressão de sentimentos, mas possui, também, uma dimensão pedagógica ao contribuir para a compreensão do mundo.
- Comparar os parâmetros de belo e feio, dando exemplos de como esses valores mudam de época para época, nas diversas sociedades.
- Demonstrar que é possível encontrar valores estéticos naquilo que é considerado convencionalmente como "feio".

INTRODUÇÃO

Dar estilo a seu caráter – eis uma grande e rara arte! Aquele que a exerce apreende tudo o que a natureza lhe oferece de forças e fraquezas, e sabe em seguida adaptá-la a um plano artístico, até que cada coisa apareça em sua arte e sua razão. (...) Por fim, quando a obra está consumada, torna-se evidente como foi a coação a um só gosto que predominou e deu forma, nas coisas pequenas como nas grandes: se o gosto era bom ou ruim não é algo tão importante como se pensa – basta que tenha sido um só gosto! – Serão as naturezas fortes, sequiosas de domínio, que fruirão sua melhor alegria numa tal coação, num tal constrangimento e consumação debaixo de sua própria lei; a paixão do seu veemente querer se alivia ao contemplar toda natureza estilizada, toda natureza vencida e serviçal; mesmo quando têm palácios a construir e jardins a desenhar, resistem a dar livre curso à natureza (NIETZSCHE, 2001, pp. 195-196).

Nietzsche, no trecho citado de *Gaia ciência*, ao falar na arte, não exalta apenas a realização de formas artísticas concretas como pintura, escultura, música etc. Para ele, a arte tem um sentido mais amplo, consiste na *arte de viver*, de imprimir um estilo aos nossos atos e de impor nosso gosto em cada gesto cotidiano.

O indivíduo criador não age rotineiramente, ele tem a capacidade de gerar novas produções a cada momento. Pode ser para dominar e estilizar a natureza, construindo palácios ou jardins etc. Mas, além disso, consiste na capacidade de termos um gesto inovador, de nos expressarmos sempre através de um estilo pessoal. Assim, todas as peripécias vitais – até as que denominamos “feias” ou “coisas vagas que se recusam a tomar formas” (idem) – serão aproveitadas pelo homem para desenvolver a sua arte de viver. Uma conversa, uma caminhada, a contemplação do pôr-do-sol, o encontro com o amigo ou com a amada podem ter uma dimensão estética, um significado artístico no sentido de que essas experiências podem ser vividas de forma intensa e original.

Contudo, nos nossos dias, aceitamos, muitas vezes, critérios impostos; acatamos sem muita crítica parâmetros de beleza incutidos pela mídia, pelo comércio, pelas palavras de ordem que nos chegam de uma sociedade que massifica e anestesia nossos gostos e nossos desejos. Não há dúvida que vivemos numa sociedade de forte apelo consumista. Basta ligar a televisão para nos depararmos com uma sucessão de comerciais que nos induzem a preferir algo por sua “bela aparência”.



A sociedade de consumo, através da mídia, tenta impor parâmetros de beleza, de forma unilateral. Os modelos devem ser loiros, de olhos azuis, magros etc. E o nosso gosto pessoal?

Uma reflexão crítica sobre esses valores estéticos pode ser feita através do contato com obras de arte. Para isso, devemos compreender que o fazer artístico não se situa apenas no plano das sensações, dos sentimentos, dos sentidos. A atividade racional não está dissociada da Arte tendo em vista que, para que possamos desfrutar dela, precisamos tanto de organizar idéias quanto de situá-las historicamente. A partir do momento em que percebemos que há uma função pedagógica na obra de arte, percebemos que os padrões estéticos com os quais convivemos decorrem de um determinado contexto sociocultural. A prática pedagógica, ao incorporar esse tipo de reflexão, está contribuindo, diretamente, para que o aluno e futuro cidadão tenha uma compreensão crítica dos valores estéticos disseminados pelos meios de comunicação. Eis uma questão importante para analisarmos os padrões estéticos na nossa prática educativa. *A arte não tem exclusivamente uma dimensão sensível*; a nossa percepção estética pode ser apurada, educada; há diversos critérios racionais para aproximarmos da arte; não se trata de pura efusão, sensação, sentimento. Assim, por exemplo, a educação estética pode nos ajudar a avaliar um drama sutil de situações bem tramadas, de conflitos profundos, com personagens com um perfil psicológico definido – como por exemplo, a tragédia **ÉDIPO REI**, de Sófocles – e diferenciá-lo, talvez, da última novela, em que as situações são apelativas, abusa-se da violência e do sexo para gerar emoções rápidas, as personagens são caricaturas para estimular o riso fácil etc.



ÉDIPO REI

Esta tragédia, escrita pelo dramaturgo grego Sófocles (497-406 a.C) que narra as desventuras de um rei que mata o próprio pai e casa com sua mãe, tem uma vigência que ultrapassa as épocas. Até a atualidade os seus densos conflitos éticos, psicológicos e religiosos causam impacto e são fonte de intensas emoções estéticas.



ATIVIDADE



1. Em "Do belo", o poeta gaúcho Mario Quintana (1906-1994) retrata o quanto pode haver de sublime nas coisas mais desagradáveis da vida: "Nada, no mundo, é, por si mesmo, feio/Inda a mais vil mulher, inda o mais triste poema/Palpita sempre neles o divino anseio/Da beleza suprema." Analise, com os colegas da escola que você frequenta, esta poesia de Mario Quintana. O autor afirma que no mundo não há "nada feio", até na mais vil mulher ou no mais triste poema haveria uma "beleza suprema". Discuta se estas afirmações são contraditórias ou se o poeta pretende trazer um novo conceito de beleza que acolhe também o que é julgado convencionalmente como desagradável. Procure em seu entorno exemplos do belo fora do padrão convencional.

RESPOSTA COMENTADA

Você deve ter percebido que, em nossa sociedade, somos bombardeados por mensagens que nos ensinam o que é belo e o que é feio. Geralmente essas mensagens visam estimular o consumo: mulheres e homens de uma beleza padronizada nos indicam que roupas devemos usar, que lugares freqüentar, que obras de arte apreciar etc. Mas você pode ter percebido que há outras formas de sentir e avaliar as coisas que nos cercam: uma mulher julgada nos parâmetros convencionais como feia pode ser bela para nós; um poema, profundamente triste, pode nos transmitir alegria e beleza.

ESTÉTICA E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Todos nós, em algum momento de nossas vidas, já emitimos juízos do tipo: “Isto é bonito!” ou “Isto é feio!”. Essas frases se aplicam tanto a objetos quanto a pessoas e retratam as preferências de cada um. Sem dúvida, quando atribuímos beleza ou feiúra a algo, estamos manifestando aquilo que nos agrada ou desagrade, que nos proporciona satisfação ou repúdio. É uma inclinação humana natural sentir-se mais ou menos atraído por determinado aspecto ou característica das coisas inanimadas e dos seres vivos. Daí o célebre ditado popular “Gosto não se discute”.

No entanto, esse ditado dá a entender que as opiniões pessoais não devem ser alvo de crítica ou debate, nem sequer podem ser justificadas. Isso se mostra correto em parte, tendo em vista que todo indivíduo tem direito a expressar livremente seus gostos. Mas, às vezes, o motivo que nos leva a apreciar ou depreciar algo pode estar calcado em preconceitos ou mesmo na simples reprodução de valores consumistas, estereotipados

ou simplesmente tradicionalmente aceitos. Para dar conta dessa problemática do gosto, surgiu no século XVIII uma disciplina, de cunho filosófico, que tem por meta desenvolver uma reflexão que permita fundamentar nossos juízos sobre o “belo” ou o “feio”, ou a arte em geral: a **ESTÉTICA**.

Para avançarmos na nossa reflexão, o uso dos dicionários, mais uma vez, é um meio fecundo para esclarecermos o problema focalizado. Assim, Abbagnano (1999) assinala: “É com a doutrina do Belo como perfeição sensível que nasce a Estética. ‘Perfeição sensível’ significa, por um lado, ‘representação sensível perfeita’ e, por outro, ‘prazer que acompanha a atividade sensível’.” (p. 106). Já Houaiss (2001) define o *belo* da seguinte forma:

1. que tem formas e proporções esteticamente harmônicas, tendendo a um ideal de perfeição; que tem Beleza (...)
2. que produz uma viva impressão de deleite e admiração (...)
- 2.1. que provoca uma sensação de serenidade ou de aprazibilidade (uma bela manhã) (p. 428).

As definições de ambos os dicionários apontam para o sentido habitual do Belo, entendido como perfeição sensível, como algo harmonioso, que provoca deleite, admiração, serenidade ou aprazibilidade. Sem dúvida, a interpretação tradicional do Belo alude à perfeição sensível, ao prazer sensorial, mas devemos frisar que o Belo também comporta uma apreciação racional, como já temos antecipado e, ainda, veremos mais adiante.

Focalizamos agora o âmbito da prática pedagógica. Nela, a discussão estética dá-se a partir do que foi denominado Educação Artística. O ensino da arte constitui um instrumento poderoso e fundamental na educação do ser humano na medida em que contribui para o desenvolvimento pessoal de cada um: seja por permitir ao aluno entrar em contato com sua capacidade lúdica, seja por promover uma reflexão sobre os valores de beleza em nossa sociedade. Antes de aprofundar a temática em questão, vamos nos deter mais atentamente em alguns aspectos básicos.

Em primeiro lugar, a Estética está geralmente associada, como já apontamos, à *sensação*, o que exclui, ou pelo menos coloca num plano secundário, a *atividade racional*. No entanto, o pensamento, e não apenas os sentidos, participa ativamente da experiência artística:

ESTÉTICA

“Estética é a tradução da palavra grega *aesthesis*, que significa conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade. Foi empregada para referir-se às artes, pela primeira vez, pelo alemão Baumgarten, por volta de 1750” (CHAUÍ, 2000, p. 321).

“A experiência do belo na arte envolve uma mistura entre o senso (tudo que está relacionado ao pensamento, à racionalidade e à significação) e o sensível (tudo o que se refere aos sentidos, aos afetos e aos sentimentos)” (FEITOSA, 2004, p. 112). Historicamente, essa separação entre sentir e pensar retrata a ruptura que se deu entre o pensamento científico e o pensamento artístico:

Nos séculos que se sucederam ao Renascimento, arte e ciência eram cada vez mais consideradas como áreas de conhecimento totalmente diferentes, gerando uma concepção falaciosa, segundo a qual a ciência seria produto do pensamento racional e a arte, pura sensibilidade. Na verdade, nunca foi possível existir ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento (BRASIL. MEC. PCN, 1997, p. 22).

A experiência estética conjuga, assim, o poder imaginativo com a análise racional. Isso nos permite concluir que ela não se caracteriza por ser uma atividade espontânea, sem regras, onde há a livre vazão do emocional — uma “festa” dos sentidos, como se poderia imaginar. Ela envolve processos racionais, elaboração, planejamento, estudo.

Além disso, seria equivocado vincular o processo de produção da arte exclusivamente a momentos de *inspiração* onde prevalece o talento individual do artista. É preciso levar em conta toda uma conjuntura marcada por períodos históricos, na qual encontramos diferentes concepções e manifestações artísticas. “Quando falo de conhecer arte, falo de um conhecimento que nas artes visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte” (BARBOSA, 1991, pp. 31-32).

O contato com a produção artística, observando as suas mudanças através dos tempos, permite desenvolver um sentimento mais elaborado das coisas, de forma que possamos conhecer melhor não somente o mundo que nos rodeia, mas também outras épocas e formas de pensamento. Em última instância, isso nos faz repensar a própria dimensão da vida. Como ressalta Duarte Júnior (1991):

(...) a experiência estética solicita uma mudança na maneira pragmática de se perceber o mundo. Esta experiência (e também o trabalho científico ou filosófico) constitui-se, segundo o termo empregado por alguns autores, um “enclave” dentro da realidade cotidiana. A experiência do belo é uma espécie de parêntese aberto na linearidade do dia-a-dia (p. 33).

Assim, os parâmetros estéticos mudam, nas diversas sociedades, nos diversos períodos históricos. Houve épocas, por exemplo na pintura, em que se cultuava a *reprodução* exata dos modelos. A beleza estava associada a uma *representação bastante fidedigna* dos objetos apresentados nos quadros. Neste ponto, a arte renascentista foi um paradigma, um modelo que durante muitos séculos influenciou a humanidade. Até nos nossos dias, artistas como Michelangelo, Leonardo, Rafaelo são considerados gênios pictóricos, *clássicos* de todos os tempos. Estes artistas se destacaram por tentar reproduzir a natureza, por mostrar uma natureza embelezada. Um caso notável é o de Leonardo da Vinci que estudava anatomia para recriar adequadamente as figuras humanas, e aprofundava matemáticas para atingir formas e proporções geométricas perfeitas nas suas pinturas.

Contudo, houve diversos movimentos, principalmente no século passado, como cubismo, surrealismo, expressionismo, impressionismo e outras correntes inovadoras que desdenharam reproduzir, mais ou menos fielmente, a natureza e tentaram traduzir, mesmo de forma aparentemente anárquica ou caótica, a expressão, a impressão, o inconsciente, o mundo interno dos artistas. Esse tipo de arte visava *inventar e recriar* um mundo próprio do artista, sem seguir um modelo predeterminado.

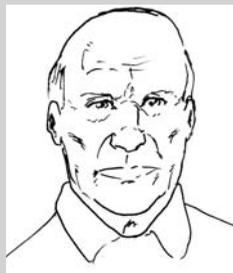
ATIVIDADE



2. Aprecie, junto com os colegas da turma que você frequenta, as duas obras de arte mencionadas anteriormente: **GIOCONDA** de Leonardo da Vinci e **GUERNICA** de Picasso. Divida a turma em três grupos: o primeiro observará a Gioconda e realizará comentários sobre a *beleza* da mesma; o segundo fará o mesmo com a Guernica; o terceiro tentará uma comparação entre as duas obras de arte, visando avaliar se uma é *mais bela do que a outra*. Finalmente, sintetize, por escrito, os argumentos apresentados pelos três grupos.

GUERNICA

Mostra de forma não naturalista o caos da Guerra Civil Espanhola e é considerada uma das obras de arte mais importantes do século XX. O autor espanhol Paulo Picasso (1881-1973) foi um artista genial, revolucionário.



RESPOSTA COMENTADA

Você pode ter percebido que os parâmetros de beleza mudam de época para época. Pode ter apontado que a Gioconda representa um modelo de beleza que tenta recriar a imagem presente na natureza. Já Guernica pode parecer feio, para quem espera a reprodução exata de um modelo – no caso a Guerra Civil Espanhola –, pode sentir que a imagem é caótica e não representa uma situação específica. Mas você pode também perceber que Picasso, numa visão muito pessoal, tentou traduzir o caos da guerra com imagens e projeções interiores, subjetivas. Finalmente, você pode ter chegado à conclusão de que, na arte, não é possível estabelecer critérios quantitativos, determinando quando uma obra é mais bela do que outra.



GIOCONDA OU MONA LISA

La Gioconda ou Mona Lisa é uma das pinturas mais célebres de todos os tempos: representa uma bela jovem, com um sorriso enigmático. É considerada um paradigma da beleza renascentista. Leonardo da Vinci (1452-1519), autor italiano do retrato, foi também um genial arquiteto, engenheiro, matemático e inventor.



PEDAGOGIA E OBRA DE ARTE

Abordar questões estéticas na prática pedagógica não se restringe a fazer despertar sentimentos e sensações agradáveis: a atividade artística representa um meio de expressar idéias de forma organizada. Para isso, faz-se necessário entender o significado de uma obra de arte. Gallo (1997) nos aponta várias funções que ela pode desempenhar:

Políticas: a obra toma uma posição crítica a respeito de um fato ou problema social, denunciando uma injustiça, propondo uma ideologia política, ou simplesmente retratando a realidade de uma sociedade;

Religiosas: servem às necessidades místicas das pessoas, para afirmar determinada proposição religiosa, fazem parte do próprio culto em alguns casos, tal como as imagens sagradas da religião católica;

Pedagógicas: têm uma função social de colaborar na educação das pessoas, levando-as a compreender o mundo por meio dos objetos artísticos;

Naturalistas: a obra tem a finalidade exclusiva de retratar a realidade; por exemplo: a fotografia 3x4 que você tem no RG;

Formalistas: se preocupam exclusivamente com a técnica usada naquele tipo de arte (p. 84).

Do ponto de vista pedagógico, o acesso ao mundo da arte permite ao indivíduo tanto aprimorar seu gosto estético como também ampliar o conhecimento de si próprio e do mundo que o cerca. No entanto, alguns padrões de beleza, como já apontamos, são impostos de forma massificante, notadamente por intermédio dos meios de comunicação. Para repensar esses modelos estéticos é preciso adotar juízos que permitam outras possibilidades, outras interpretações. Nesse sentido, cabe ao professor proporcionar meios para que os alunos percebam e entendam a realidade de modo diversificado. Uma discussão sobre o senso estético pode levar a essa mudança de ótica. Uma forma de ilustrar o que queremos ressaltar se faz através de uma reflexão sobre o que vem a ser o “feito”.

Para tanto, devemos partir das seguintes questões: Que critérios podem justificar a beleza ou a feiúra? Não há dúvida de que é através dos sentidos — do olfato, da visão, da audição, do paladar e do tato — que algo pode ser percebido como agradável ou desagradável. Mas, como vimos, o fator sensível não é o elemento exclusivo para a definição do que é belo ou feio: é preciso levar em conta também o pensamento. É nesse sentido que se torna necessário ser capaz de avaliar criticamente os padrões estéticos impostos pela cultura ou pelos meios de comunicação. Até porque vivemos em um momento cultural em que deixou de haver a dominância de uma linguagem única e monolítica para designar o que é agradável ou desagradável aos sentidos. Isso fica patente com o modo como tem sido pensada a noção de “feio”.

Etimologicamente, o termo “feiúra” remete ao latim *foeditas*, que quer dizer “sujeira”, “vergonha”. Em francês, *laideur* deriva-se do verbo *laedere*, que significa ‘ferir’. Em alemão, feiúra é *Hässlichkeit*, um termo derivado de Hass, que quer dizer “ódio”. Há algo no feio que nos envergonha, que nos fere, que desperta nosso ódio. A feiúra possui diversos graus: pode provocar risos, na sua forma mais amena; e nojo e asco, nas suas manifestações mais agressivas (FEITOSA, 2004, p. 131).

Esse senso comum em relação ao “feio” tem se dissipado a partir da modernidade. Hoje em dia, é possível redimensionar a forma como percebemos o mundo, como o sentimos, como nos situamos nele. Através de uma reflexão sobre a obra de arte, o educador convida o aluno ao contato com toda uma diversidade histórica e cultural, de modo que “a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível” (BRASIL. MEC. PCN, 1997, p. 14). No caso da questão do que é considerado “feio”, temos a possibilidade de escapar dos padrões aceitos de forma irrefletida:

Se tradicionalmente a feiúra foi sempre evitada na arte e na filosofia, por ser vista como um sinal de imperfeição, vivemos agora em um estado de indeterminação, pois não sabemos mais ao certo o que é belo ou feio. Essa indeterminação tem um aspecto positivo, na medida em que impede o ressurgimento de qualquer tipo de fascismo estético, como o nazismo, por exemplo, cujo projeto de pureza racial estava associado à pretensão de erradicar a feiúra do mundo. Mas pode ser perigosa também. Certos programas de

rádio ou tevê exploram hoje — sem o mesmo refinamento da arte — a capacidade que a feiúra tem de impressionar o espectador (FEITOSA, 2004, p. 136).

É preciso que o aluno se torne livre tanto para apreciar a arte como expressar o seu gosto pessoal. Mas não devemos esquecer que não se pode ter um olhar ingênuo em relação aos padrões estéticos aceitos sem um exame crítico. Assim, na questão de uma revalorização do feio, existem diversos programas de televisão que exploram aspectos grotescos dos participantes, insuflando-os a intensificar suas misérias, seus defeitos, suas desavenças conjugais e familiares. Essa feiúra pretende explorar, de forma sensacionalista, as deficiências humanas; trata-se, apenas, de um uso mercantilista de aspectos esdrúxulos que chamam a atenção do público. Trata-se, aliás, de uma forma de objetivar e denegrir as pessoas e os seus problemas. Esses programas são realmente feios, no sentido convencional do termo. Assim, o trabalho de educação artística, em sala de aula, pode indicar que essas manifestações de “cultura de massa” superficiais ferem o bom gosto.



Alguns programas de auditório cultuam uma genuína “estética do feio” apenas com fins sensacionalistas e para ganhar índices de audiência.

ATIVIDADE FINAL

Comente o desenho animado **SHREK**, da Dreamworks, em que um ogro muito feio, como nos contos de fadas convencionais, casa com uma princesa mas não se transforma em príncipe. Ao contrário, é a princesa que se torna uma espécie de “ogra”. O filme alude a diversos contos tradicionais – os três porquinhos, Pinóquio, Cinderela etc. – em um tom debochado e irônico. Conforme você viu anteriormente, poderia considerar-se uma obra de arte algo que resgatasse o valor estético do feio? Responda por escrito, realizando um texto de no máximo 15 linhas.

SHREK

É um desenho animado singular, que brinca com os estereótipos freqüentes nos relatos infantis. O protagonista é um ogro que casa com uma princesa, mas mantém a sua feiúra. Aliás, tem modos nada estetizados de comportamento: não respeita os “bons modos” com princesas, rainhas e nobres em geral.

RESPOSTA COMENTADA

Você deve ter percebido que os contos de fadas tradicionais mostram uma imagem bastante estereotipada de beleza e feiúra, de bem e mal, de bons costumes e maus costumes. Geralmente, há princesas bonitas e bondosas, ogros e bruxas terríveis e maldosos; príncipes maravilhosos e salvadores. Finalmente, triunfam os bons e bonitos e os maus e feios são punidos justamente. Neste filme, você pode ter percebido que se brinca com todos esses paradigmas: os príncipes nem sempre são tão bonitos e bondosos, os ogros não são tão terríveis. Este desenho pode ser entendido como uma brincadeira com a relatividade das categorias estéticas e dos clichês de beleza existentes na sociedade consumista.

RESUMO

Emitimos continuamente juízos de valor: sempre há algo que consideramos “belo” ou “feio”. Mas nem sempre estabelecemos uma discussão fundamentada sobre nossas preferências. Ao promover uma reflexão estética no âmbito da instituição escolar (que inclui uma educação da sensibilidade e também do entendimento), teremos um instrumento capaz de despertar no aluno, não apenas seu interesse pela Arte, como também poderemos evidenciar que existem formas de gosto que não se reduzem aos padrões estéticos impostos pelos meios de comunicação. Também será possível perceber que o feio pode ser uma categoria estética relevante e que as concepções sobre o belo estão em permanente mudança nas diferentes sociedades e nas diferentes épocas.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você percebeu que somos influenciados por modelos preestabelecidos para o que consideramos “belo” ou “feio”? Ficou claro que o contato com obras de arte nos permite desenvolver um senso crítico a respeito do mundo que nos cerca? Você compreendeu que o considerado “feio” convencionalmente, pode ter uma beleza diferente desses parâmetros habituais? Existem condições socioculturais que nos levam a adotar esta ou aquela preferência. No entanto, nossos juízos estéticos podem ser aprimorados através de uma proposta pedagógica que valorize diferentes formas de manifestações artísticas.

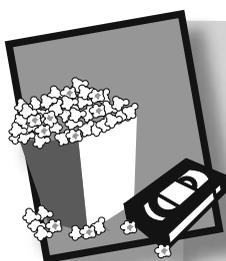
INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A Aula 20, Arte na Educação, propõe aprofundar as relações entre Arte e Educação, mostrando como o ensino da arte na escola pode favorecer o desenvolvimento integral da personalidade do aluno.

Leituras recomendadas

Explicando a filosofia com arte, de Charles Feitosa, analisa a importância que a arte teve na história do pensamento. Nas obras de arte, encontramos idéias, expressões e visões de mundo fundamentais para a nossa cultura. Além disso, o autor mostra como é possível enxergar uma estética que não só acolha o convencionalmente denominado belo, mas também reflita sobre o valor estético da feiúra.

O nascimento da tragédia, de Friedrich Nietzsche (1993). O autor alemão analisa a importância da arte, fundamentalmente da arte trágica, para todas as instâncias da vida; inclusive, a arte é um veículo fundamental para a formação integral do homem.



MOMENTO PIPOCA

Shine narra a história do genial pianista David Helfgott, de tumultuada vida pessoal, cujo pai era extremamente violento e rigoroso. O músico teve sérias perturbações psíquicas, porém desenvolveu uma capacidade artística extraordinária. O filme mostra como é possível transformar as dores da vida em inspiração artística fundamental.

O homem elefante (1980), de David Lynch, narra a história trágica de um homem deformado, vítima de uma estranha doença; porém a sua *feiúra* não impede que ele possa ser um homem fascinante, possuidor de uma *beleza* que foge aos parâmetros conhecidos, suscitando desejos e erotismo incompreensíveis para os códigos de sedução convencionais.

Arte na Educação

AULA 20

Meta da aula

Demonstrar a relação entre o aprendizado da arte, no espaço escolar, o desenvolvimento da criatividade e o contato com a diversidade.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Reconhecer no ensino da arte uma prática capaz de gerar conhecimentos e de levar à percepção da diversidade das formas e do mundo.
- Demonstrar que, através da arte, o aluno pode desenvolver seu potencial criador, assim como os demais aspectos de sua personalidade.

Pré-requisito

Para melhor compreensão desta aula, sugerimos que você reveja a Aula 19, Padrões estéticos e práticas educativas. Os conceitos de belo, feio, Estética, feiúra, dentre outros, serão importantes para o seu entendimento das questões abordadas.

INTRODUÇÃO



RICHARD WAGNER (1813-1883)

Eminente músico alemão. Conforme Nietzsche, ele seria o artista que recuperaria, nas suas óperas, a força estética das grandes tragédias gregas. Entre suas obras, destacam-se *Mestres Cantores*, *Tristão e Isolda*, *O anel dos Nibelungos*, *Parsifal*.

As maiores dores que existem para o indivíduo, a ausência de uma comunhão de saber entre todos os homens, a incerteza de verdades derradeiras e a desigualdade de dons, tudo isso cria nele a necessidade da arte. (...) A grandeza e o caráter insubstituível da arte consistem precisamente em que ela suscita a *aparência* de um mundo mais simples, de uma solução mais rápida para os enigmas da vida. Nenhum ser que sofre na vida pode viver sem essa aparência, assim como ninguém pode viver sem o sono (NIETZSCHE, *apud* DIAS, 1994, p. 7).

Nietzsche destacará, ao longo de sua obra, a importância da arte para a formação integral do homem e será um crítico das tendências que valorizam, exageradamente, o conhecimento racional e o valor da ciência para essa formação. Na sua ótica, a arte é fundamental para o crescimento total do ser humano: é preciso desenvolver seus dotes racionais, seus condicionamentos físicos, mas é essencial que aprendamos a *brincar* com as aparências, é necessário *jogar*, *construir* novos mundos, dar vazão às nossas fantasias e emoções. O jogo é uma magnífica forma de aprendizado, de modelagem dos sentidos, dos sentimentos e também das idéias. Tanto a criança quanto o adulto precisam de um mundo *ilusório* para enfrentar o dia-a-dia. É necessário que os problemas do cotidiano particularmente as dores, possam ser traduzidos ou deslocados, em obras de arte, em criações que se tornam um *bálsamo* salutar para as agruras corriqueiras.

Nietzsche valorizava profundamente a arte musical. Na sua ótica, seu contemporâneo **RICHARD WAGNER** conseguiu exprimir em sua música uma visão

singular do mundo; reeditou em suas peças uma paixão artística que só existia nas antigas tragédias gregas. Infelizmente, Nietzsche se afastou totalmente de Wagner, decepcionou-se com ele, considerando que, num determinado momento ele abandonou suas convicções iniciais, presente por exemplo em *Bodas de Lutero*, quando celebrava todos os instintos naturais. Para Nietzsche, Wagner teria abandonado essas convicções, tornando-se cristão e moralista, em peças como *Parsifal*, em que exaltou a necessidade da castidade e o controle dos sentidos.

A música, a arte em geral, tem sido celebrada e considerada, por muitos pensadores, como uma forma privilegiada de acesso à realidade. Nesse sentido, seria profundamente *educativa*, *formativa*. Os artistas contemporâneos, principalmente os que cultuam a arte popular, têm valorizado seu papel fundamental



para entender o mundo e a vida. Assim, encontramos um músico como **FRANK ZAPPA** (Apud FEITOSA, 2004, p. 26) que coloca a arte e a beleza artística, peculiarmente na música, acima do conhecimento racional:

Lembre-se: informação não é conhecimento; conhecimento não é sabedoria; sabedoria não é verdade; verdade não é beleza; beleza não é amor; amor não é música; música é o que há de melhor. Da música Joe's Garage, do álbum homônimo de 1979.



**FRANK ZAPPA
(1940-1993)**

Músico norte-americano, exímio guitarrista que revolucionou a arte popular.

Pensar o papel da arte na prática pedagógica significa desenvolver uma percepção mais elaborada do mundo, pois, em última instância, o que está em jogo é a possibilidade de aprofundar a curiosidade sobre o que afeta nossos sentidos, sentimentos e nossa capacidade de julgar e avaliar. Nesse sentido, *a experiência artística encontra-se associada tanto às sensações quanto à formação de idéias*. A importância do ensino da arte é que ele permite aprimorar o modo particular de cada um de perceber e sentir as coisas quanto, favorecendo a descoberta de novos sentidos e interpretações para o mundo que nos rodeia. Através da arte, o aluno desenvolve seu potencial humano, seja por passar a experimentar diferentes formas estéticas, o que enriquecerá seu universo cultural, seja por se tornar mais sensível às diferenças que o cercam.

Assim, o *brincar* é uma forma de nos aproximarmos das atividades artísticas. É essencial que se cultuem as atividades lúdicas em sala de aula. Não só atividades como pintura, dança, teatro etc., mas todo tipo de jogos, de brincadeiras que estimulem a imaginação e o entendimento. Sobre isso, Munhoz Maluf destaca:

Quando brincamos, exercitamos nossas potencialidades, provocamos o funcionamento do pensamento, adquirimos conhecimento sem estresse ou medo, desenvolvemos a sociabilidade, cultivamos a sensibilidade, nos desenvolvemos intelectualmente, socialmente e emocionalmente.

Assim também ocorre com as crianças: elas mostram que são dotadas de criatividade, imaginação e inteligência. Desenvolvem capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, concentração e outras habilidades psicomotoras.

Todo aprendizado que o brincar permite é fundamental para a formação da criança, em todas as etapas da vida (MALUF, 2003, p. 20).



ATIVIDADE

1. “Bebida é água/Comida é pasto/Você tem sede de quê?/Você tem fome de quê?/A gente não quer só comida/A gente quer comida, diversão e arte/A gente não quer só comida/A gente quer saída para qualquer parte/A gente não quer só comida/A gente quer bebida, diversão, balé/A gente não quer só comida/A gente quer a vida como a vida quer”. O início da letra da música “Comida” do conjunto Titãs coloca num mesmo plano a satisfação de necessidades biológicas e a satisfação de necessidades artísticas. Você acredita que a arte pode ser considerada uma atividade tão importante para a vida humana quanto a alimentação? Responda por escrito, elaborando um texto de, no máximo,

RESPOSTA COMENTADA

Você pode ter respondido que na música dos Titãs é colocada a importância fundamental da arte para a vida do ser humano. Se comer e beber são necessidades básicas, o homem precisa muito mais do que isso. Numa época em que o homem está cada vez mais deshumanizado, mais alienado e isolado, em que os meios virtuais nos distanciam cada vez mais (tem muita gente que vive cativa da internet, do celular, das múltiplas engenhocas virtuais), a arte pode ser uma das formas mais profundas de intensificar a existência, de tornar-se fonte de alegria, de encontro entre as pessoas. Você pode ter percebido que os Titãs sugerem que, por meio da arte, podemos enxergar e vivenciar a vida, não parcialmente, primariamente, (reduzindo as atividades biológicas básicas), mas intensa e totalmente: “A vida como ela é”. A arte é fundamental para nossa formação, para modelar nossa sensibilidade e intelecto, isso pode ser fomentado nas atividades escolares: ela nos mostra que, pese todas as precariedades e as dores da nossa época, a vida pode ser uma festa, digna de ser celebrada permanentemente.

O ENSINO DA ARTE

A ida a exposições, museus, apresentações teatrais e musicais constituem formas de entrarmos em contato com o universo artístico. Mas, outra forma possível é através da escola. A confluência entre arte e ensino foi consolidada, no Brasil, com a inclusão da Educação Artística no currículo escolar. No entanto, num primeiro momento, ela era experimentada como uma atividade de cunho recreativo e não como uma área de conhecimento autônoma, com conteúdos específicos. Essa situação se deve a alguns equívocos que precisam ser esclarecidos. É nesse sentido que tanto se mostra inadequado conceber o ensino da arte como uma simples atividade de *lazer e recreação* quanto uma *espécie de apêndice da prática educativa* ou mesmo uma *prática secundária* em relação a disciplinas como história, geografia, matemática, português etc. Tanto no caso do fazer recreativo quanto na crença de que há uma hierarquia de saberes, deixa-se de lado os aspectos propriamente educativos da arte.

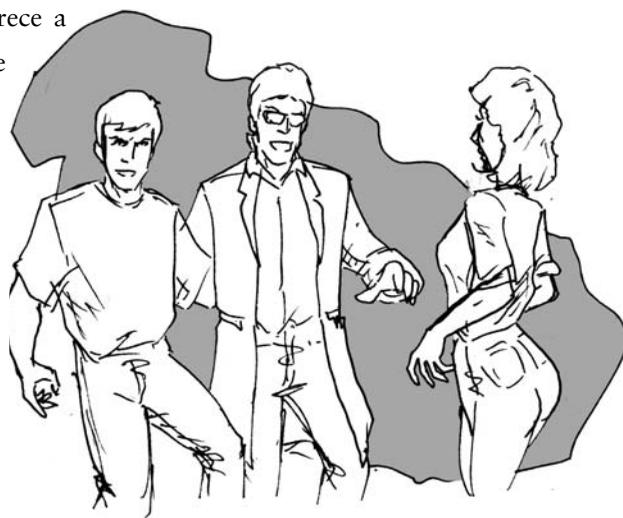
No final da década de 1980, a professora Ana Mae Barbosa elaborou a expressão arte-educação para indicar uma redefinição da concepção de ensino e aprendizagem da arte nas escolas. A partir dela,

a visão contemporânea do ensino da arte, relacionada à arte como objeto do saber, baseia-se na construção, na elaboração, na cognição e procura acrescentar à dimensão do fazer, da experimentação, a possibilidade de acesso e de entendimento do patrimônio cultural da humanidade (PILLAR, 1992, p. 4).

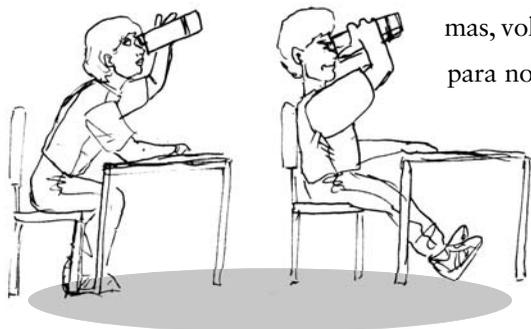
Essa nova postura por parte do educador favorece, sem dúvida, não apenas um maior contato com as manifestações culturais que fazem parte do cotidiano do aluno, como também favorece a ampliação e a criação de novas possibilidades de expressão. É importante ressaltar que não se trata simplesmente de desenvolver um dom natural com que cada um nasce. Se concebemos o ambiente da sala de aula como um espaço vivo no qual alunos e professores possam se tornar efetivamente agentes de construção e reconstrução da realidade, então a interação entre Arte e Educação se mostra como um instrumento fundamental para o desenvolvimento de técnicas que permitam exercitar a imaginação, a auto-expressão, a descoberta e a invenção.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei número 5.692), instituída em 1971, torna obrigatório a disciplina Educação Artística nos currículos escolares de 1º e 2º graus.

A sala de aula pode ser um espaço artístico?
Acostumados a aulas burocráticas e discursivas, às vezes não entendemos que esse pode ser o lugar da criação, da experimentação, onde o aprendizado não seja algo oposto ao prazer, à alegria de brincar e fazer arte.



Arte e diversas formas de ver o mundo. Na sala de aula, as crianças, ao brincarem, podem perceber que a realidade é como um *caleidoscópio*, em que é possível *enxergar* inúmeras formas de ver o universo.



Daí podermos considerar que a prática educativa aliada a uma atividade artística permite que o aluno experimente toda a diversidade de valores, de sentidos e de intenções que compõem o mundo em que ele habita. O que pretendemos ressaltar é que a atividade artística certamente estimula o desenvolvimento progressivo da capacidade de criação pessoal. Mas seu efeito pedagógico mais importante consiste em ampliar a capacidade de o aluno construir aos poucos um significado para si mesmo e para os que o rodeiam, de maneira que ele possa *olhar o mundo de formas diferentes*.

Como ressalta Chauí, “A arte inventa um mundo de cores, formas, volumes, massas, sons, gestos, texturas, ritmos, palavras para nos dar a conhecer o nosso próprio mundo” (CHAUÍ, 2000, p. 325).

Em suma, na medida em que a educação estética proporcionada pelo ensino da arte habilita ao diálogo e à compreensão de outros códigos culturais, de valores singulares e universais das diferentes culturas, ela se revela como uma forma

de investigação que desperta a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir. É nesse sentido que devemos levar em conta que

aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da ‘seriedade’ das outras disciplinas (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1997, p. 27).

O ensino da Arte revela-se, assim, como um processo de pesquisa e descoberta que tem por objetivo estimular a curiosidade, a cada instante, de modo a promover o interesse e a valorização do trabalho de todas as crianças de um grupo, sem descartar qualquer tipo de produção artística considerando que o potencial de cada um é diferente.



ATIVIDADE

2. Billy Elliot é um filme inglês que relata a história de um adolescente que, em atividades extracurriculares, praticava boxe junto com outros colegas da sua idade. Porém, contra todos os desejos do seu pai e do seu irmão mais velho, de profissão mineiros e profundamente machistas, decide, em vez de praticar boxe, fazer aulas de *balé* escondido de todos os seus conhecidos. Quando seu pai e seu irmão descobrem que Billy dança, num primeiro momento, o censuram violentamente. O que você acha dessa situação? Você acha que na turma da escola que você frequenta poderia se implementar, além de música e canto, balé *também* para os meninos? Essa atividade artística poderia fazer parte do *currículo* oficial das escolas? Responda elaborando um texto de, no máximo, 10 linhas.



RESPOSTA COMENTADA

Você pode ter percebido que a arte estimula a sensibilidade, além de aguçar o entendimento e a compreensão da realidade. Mas, ainda existe uma tradição bastante racionalista e utilitária que afirma que o essencial é que os alunos apreendam conteúdos “úteis” para seu futuro desempenho profissional. Além disso, você pode ter reparado que há determinadas artes vinculadas, preconceituosamente, à falta de masculinidade, fraqueza, debilidade de caráter etc., como o balé. Nesta aula, tentamos mostrar que a escola deve mexer com os preconceitos, com a miopia para observar outras formas de compreender a realidade. Assim, você pode ter entendido que o balé pode ser praticado com proveito por homens e mulheres, tanto como a música, o canto, o teatro e outras formas artísticas, pois a prática da arte não tem nada a ver com a opção sexual de cada um.

BILLY ELLIOT

É um filme instigante, já que mostra que a escolha de uma determinada forma artística, no caso o balé, sempre é muito rica para a formação da sensibilidade e do intelecto dos alunos. Além do mais, o filme mexe com o preconceito machista de que haveria artes “pouco masculinas”.

O POTENCIAL TRANSFORMADOR DA ATIVIDADE ARTÍSTICA

Como já havíamos assinalado na aula anterior, não temos acesso ao mundo apenas através do intelecto, nosso conhecimento do mundo depende também da experiência sensível. O aumento da sensibilidade, através da prática artística, leva, sem dúvida, ao desenvolvimento da capacidade de aprender. Daí podermos afirmar que a Arte representa uma das atividades fundamentais que contribuem para o conhecimento humano. Além disso, ao adquirir uma consciência estética, o indivíduo tem condições de manifestar uma atitude harmoniosa e equilibrada perante o mundo. É nesse sentido que Arte e a Educação se complementam:

A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brincar, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido — do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional, comprometemo-nos com a nossa "visão de mundo", com nossa palavra. Estamos ali em pessoa — uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de idéias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional, é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente (DUARTE JR., 1991, p. 74).

Tomando como referência o texto dos PCN, quatro formas de expressão artística passaram a ser privilegiadas: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Pretende-se, com isso, tanto estimular os alunos a se arriscarem a desenhar, a representar, a dançar, a tocar instrumentos, a escrever, quanto realizarem pesquisa de elementos visuais, sonoros, corporais, verbais, dramáticos e mesmo de movimento. Para o processo criativo não importa tanto definir qual será o ponto de chegada, mas sim a capacidade de experimentar de forma viva e dinâmica. A atividade lúdica não precisa necessariamente ser justificada por algum fator que lhe seja externo: ela vale por si própria contribui para cada um vir a se reconhecer como integrante e construtor do seu próprio mundo.

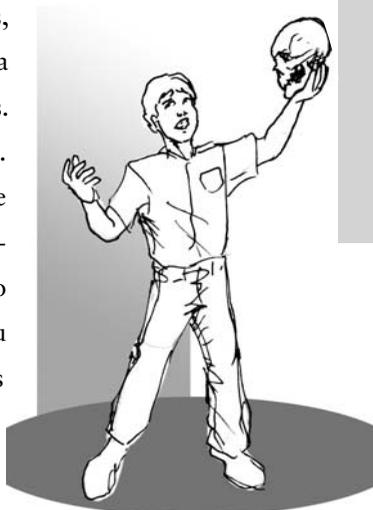
O contato com a arte permite, sem dúvida, expandir a concepção de cultura de cada um. É importante mobilizar a curiosidade dos alunos sobre contrastes, contradições, desigualdades e peculiaridades que integram as formações culturais em constante transformação e as distinguem entre si, por meio da escolha de trabalhos artísticos que expressem tais características (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1997, p. 69).

A valorização do universo artístico não se restringe a uma simples valorização da produção do aluno, mas abrange a instauração de processos criativos que estimulem os sentidos, favorecendo à percepção e à imaginação. Além disso, se entendemos a arte como uma ferramenta propulsora para o desenvolvimento da capacidade criadora do ser humano, não basta ter acesso à produção artística, é necessário também ser capaz de reelaborá-la, ou seja, nenhum padrão deve ser imposto, nem sequer deve-se evitar o lugar comum da repetição de fórmulas prontas e acabadas.

O ensino da arte está calcado na construção de uma prática que se questiona e se fundamenta continuamente, que instiga o aluno a perceber o mundo cultural das imagens, dos sons e das outras manifestações sensíveis que permeiam o seu cotidiano, que articulam o contexto universal com o ambiente no qual ele convive seja no contexto escolar, seja na comunidade a qual ele pertence.

Esse projeto de resgatar a criatividade, a autonomia e o poder de intervenção na realidade, de despertar anseios, talentos e habilidades que desconhecemos em nosso ser, tem um potencial transformador único tendo em vista que permite a instauração de novas possibilidades de vida. Queremos dizer com isso que a prática artística colabora, diretamente, para o desenvolvimento do ser humano, já que favorece o cultivo de valores fundamentais como os ideais democráticos, o exercício da liberdade, a capacidade de pensar de forma autônoma e crítica, entre outros.

Um autor que valorizou profundamente a prática da arte e da filosofia em sala de aula foi o teórico norteamericano Matthew Lipman (ver Aula 15, A ética no convívio social, de Fundamentos da Educação 4) que elaborou um método para transformar a sala de aula numa verdadeira *Comunidade de Investigação*, onde as crianças não só repetem ou recriam conceitos e idéias, mas também são criadoras, investigadoras da realidade, produtoras de novos conhecimentos. Para tal, ele implementou diversas técnicas. Uma das mais destacadas foi a elaboração de peças de teatro e romances para serem encenados ou lidos pelas crianças. Seu objetivo era de que cada uma dessas encenações ou leituras (destinadas a crianças e adolescentes de diferentes faixas etárias) levasse à reflexão



A encenação ou a leitura dramática de peças de teatro, em sala de aula, pode ser uma forma instigante de motivar os alunos a discutirem e refletirem sobre a sociedade e o mundo que os cerca. Tal qual a proposta de Lipman que usa o teatro como um meio essencial na educação.

sobre diversos aspectos da realidade. Destacamos, entre essas criações artístico-didáticas *Hospital de bonecos* (para crianças de 3 a 5 anos); *Elfi* (de 5 a 6 anos); *Issao e Guga* (de 7 a 8 anos); *Pimpa* (de 9 a 10 anos); *A descoberta de Ari dos Telles* (de 10 a 13); *Luisa* (de 12 a 15 anos); *Satie* (de 14 a 16 anos) e *Marcos* (de 16 a 18 anos). Os temas abordados e as indagações suscitadas por essas criações eram muito diversos. Todas as peças visavam estimular o pensamento, a reflexão sobre temas de Antropologia Filosófica, teoria do conhecimento, Filosofia da Natureza, Estética, Lógica, Filosofia da Educação, Ética, Filosofia Social e Política etc. (Cf. LIPMAN, *O pensar na educação*, 1995).

A tentativa pioneira de Lipman, que sustentava uma educação crítica e reflexiva ancorada na arte, na indagação filosófica e nas práticas democráticas em sala de aula, além de se constituir com um método específico elaborado pelo autor, é uma inspiração relevante para a educação como um todo. A sala de aula, para além da precariedade das condições que padecem os nossos docentes e para além de todas as dificuldades materiais e de funcionamento que sofrem a maioria das nossas escolas, pode ser entendida como lugar da arte, da criação, da reflexão, da inovação, da aceitação e geração de diferenças.

ATIVIDADE FINAL

Leia os seguintes versos do poeta norte-americano Walt Whitman, de *Canto a mi mesmo*:

Vem, meu filho

aqui tens pão, come,

e leite, bebe.

Mas depois que você tenha comido e renovado os teus vestidos te beijarei,
te direi adeus e te abrirei a porta para que retomes o teu caminho.

Ninguém, nem eu nem ninguém, pode andar o teu caminho por ti;

Você mesmo deve percorrê-lo.

universo. Porém, na atualidade, as pessoas procuram modelos, fórmulas "pré-formadas" para viver e ser. A mídia, os livros de auto-ajuda, os formadores de opinião – jornalistas, artistas etc., a astrologia, os supostos gurus que aparecem e desaparecem rapidamente, nos indicam como devemos ser e o que devemos fazer para atingir a felicidade. Porém, você pode ter percebido que a arte, na sala de aula e fora dela, nos ensina que o desenvolvimento de nossa personalidade depende de nossas decisões, que os mestres podem dar dicas, nunca chaves mestras. Assim, a educação de nós mesmos – ainda com a ajuda dos mestres – é a obra de arte mais singular, responsabilidade intransferível da casa um de nós.

RESUMO

Desenvolver atividades artísticas em sala de aula não se limita a promover momentos de recreação ou complementares para a formação do indivíduo. O ensino da Arte, entendida como forma de conhecer a realidade, requer que alunos e professores construam e resignifiquem a realidade. A escola deve contribuir para que haja um diálogo constante entre as diferentes formas de cultura. O fazer artístico estimula a curiosidade do indivíduo, tornando-o cada vez mais pleno como ser humano e integrado de forma consciente ao mundo do qual faz parte.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você percebeu que a atividade artística pode ser um meio de despertar não apenas o interesse pelo que os colegas fazem, mas também por outras culturas e períodos da história da humanidade? Ficou claro que o fazer artístico e a apreciação de obras de arte envolvem tanto a elaboração crítica de pensamentos quanto a expressão de sentimentos e o despertar de sensações? Acreditamos que o ensino da arte, no ambiente escolar, requer o respeito aos mais diversos gostos, opiniões e preferências estéticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caros alunos,

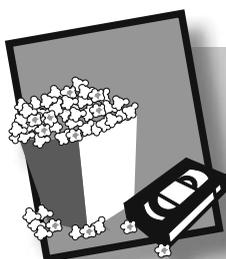
Como vocês viram, as aulas de Estética e de Ética envolvem não só o conhecimento, mas a emoção e a vida dos que escrevem e lêem. Ao abordarmos essas questões, nossa existência, como um todo, vem a tona. Assim, após redigir as Aulas 12 a 16 e 19 e 20, de Fundamentos 4, além da autoria de outras de Fundamentos 3, estou concluindo o diálogo com vocês, pelo menos por estas aulas. Assim, gostaria de me despedir em poesia, já que tratamos de Estética. Lembro agora as palavras de John Winston Lennon, quando The Beatles se separaram, no final dos anos 1960: “Diante da tristeza da despedida, ainda fica a alegria do reencontro”.

Por isso, caros alunos, até o reencontro!

Leituras recomendadas

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e a música*. A autora analisa a importância da arte na formação do jovem Nietzsche. Mostra como a influência pessoal do genial músico Richard Wagner marcou o percurso do jovem filósofo. Também mostra a importância essencial que o pensador alemão outorgou à música e à tragédia, como elementos constitutivos de toda a cultura ocidental.

WHITMAN, Walt. *Canto a mi mismo*. O poeta norte-americano mostra o valor essencial da arte para cantar todas as possibilidades da vida. Também destaca o papel da autonomia, da liberdade e da escolha pessoais na formação de cada homem.



MOMENTO PIPOCA

Dias de Nietzsche em Turim, de Julio Bressane, com roteiro de Rosa Maria Dias. O cineasta brasileiro relata a história de Nietzsche, na época em que morava em Turim, pouco antes de perder a razão e, logo após, no começo da sua demência, em 1889. O filme mostra também a importância da arte na vida e na formação de Nietzsche.

A rosa púrpura do Cairo, de Woody Allen. O filme relata a história de uma jovem, protagonizada por Mia Farrow, que leva uma vida pacata, que tenta fugir do tédio assistindo a filmes românticos, sonhando ser protagonista e heroína. Numa situação inusitada, o personagem principal do filme sai da tela e começa a namorá-la. Allen brinca com relações que há entre fantasia e realidade, entre arte e sublimação da vida cotidiana.

Fundamentos da Educação 4

Referências

Aula 1

ALVES, Rubem. *O Que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

LARAIÁ, Roque de Barros. *O conceito antropológico de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MC LAREN, Peter. *O multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

Aula 2

ADORNO, Theodore W.; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

COELHO NETO, José T. *O que é indústria cultural?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

TURA, Maria de Lourdes R. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: COSTA, M V. (Org). *Cultura, memória e currículo*. São Paulo: Cortez, 2002. p 151-173.

Aula 3

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Aula 4

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOURQUIN, J. C. (Org.). *Nova sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TURA, Maria de Lourdes R. Escola homogeneidade e diversidade cultural. *In: GONÇALVES, Maria Augusta R. Educação e cultura: pensando em cidadania*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

VARELA, Julia. O estatuto do saber pedagógico. *In: SILVA, Thomas T. O sujeito na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Aula 5

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1984.

COULON, Alan. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOURQUIN, Jean-Claude. (Org.). *Nova sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Aula 6

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. *Estórias de quem gosta de ensinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, [19--].

MORAIS, Regis (Org.). *Sala de aula, que espaço é esse?* Campinas, SP: Papirus, 1999.

Aula 7

COL, César. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

DEUSTCH, Morton. A theory of cooperation and competition. *Human Relations*, v. 2, p. 129-152, 1949.

HAYES, I. The use of group contingencies of behavioral control: a review. *Psychological Bulletin*, v. 83, p. 628-649, 1976.

JOHNSON, David W.; JONSON, Roger. Conflict in the classroom: controversy and learning. *Review of Educational Research*, v. 49, p. 51-70, 1981.

MECKLENBURGER, James A. Educational Technology is Not Enough. *Phi., Delta and Kappan*, v. 72, n. 2, p. 104-108, oct. 1990.

MICHAELS, James W. Classroom reward structures and academic performance. *Review of Educational Research*, v. 47, p. 87-89, 1977.

PEPITONE, Emmy A. *Children in cooperation and competition: toward a developmental social psychology*. Lexington, MA: Lexington Books, 1980.

SLAVIN, Robert E. Classroom reward structure analytical and practical review. *Review of Educational Research*, v. 50, p. 241-272, 1980.

VYGOTSKY, Lev S. Aprendizaje y desarrollo intelectual en la edad escolar. In: LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexei N.; VYGOTSKY, Lev S. *Psicología y pedagogía*. Madrid: Akal, 1973. Este artigo foi escrito em 1934.

Aula 8

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. Nesta aula, usamos os seguintes textos: v. 1: Três ensaios para uma teoria sexual, 1905; v. 2: Múltiplo interesse da Psicanálise, 1913; v. 2: Teorias sexuais infantis, 1908; v. 3: Mal-estar na civilização, 1930; v. 3: O futuro de uma ilusão, 1927.

KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

Aula 9

BOURDIEU, Pierre. *L'école conservatrice*. L'inégalité sociale devant l'école et devant la culture. *Revue française de sociologie*, n. 3, p. 325-347, 1967.

EGGLESTON, John. *The Sociology of the School Curriculum*. Londres: Routledge et Kegan, 1977.

PERRENOUD, Philippe. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora, 1995.

Aula 10

A CASA de Rubem Alves. Disponível em: <www.rubemalves.com.br>. Acesso em: 02 set. 2004.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Aula 12

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APOLOGIA de Sócrates. *Diálogos de Platão*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção os pensadores).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GARCIA, Pedro Benjamim. Paradigmas em crise e a educação. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões de nossa época)

GALLO, Silvio (Coord.). *Ética e cidadania*. São Paulo: Papyrus, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SÁNCHEZ VÁZQUES, Adolfo. *Ética*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Aula 13

ARAÚJO, Ulisses Ferreira; AQUINO, Julio Groppa. *Os direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal*. São Paulo: Moderna, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2005.

CAMPS, Victoria. *Ética, retórica e política*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

FREIRE, Paulo. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GALLO, Sívio (Coord.). *Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. São Paulo: Papyrus, 2002.

SILVA, Elzamir G.; TUNES, Elizabeth. *Abolindo mocinhos e bandidos: o professor o ensinar e o aprender*. Brasília: UNB, 1999.

Aula 14

AQUINO, Júlio Groppa. *Ética na escola: a diferença que faz diferença*. In: _____. *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Mecanismos e dispositivos de exclusão / inclusão. In: SILVEIRA, Claudio de Carvalho et al. *Fundamentos da Educação 3*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2004. p. 119-128. v. 1

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2005.

GALLO, Sívio (Org.). *Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. São Paulo: Papyrus, 2002.

ARISTÓTELES. *Poética, organon, política, constituição de Atenas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores)

BENEDETTI, Mario. *Poemas de otros*. Buenos Aires: Alfa Argentina, 1974.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

GALLO, Sílvio (Org.). *Ética e cidadania*. São Paulo: Papirus, 2002.

LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. Tradução de Maria Elice de B. Prestes ; Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção novas buscas em educação).

LINS, Daniel; PELBART, Peter Paul. *Nietzsche e Deleuze: Bárbaros e civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004.

RAWLS, John. *Justiça e democracia*. Tradução de Catherine Audard. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores, v. 1).

_____. *Princípios do direito político*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores, v. 1)

VERNANT, Jean-Pierre. Ambigüidade e reviravolta: sobre a estrutura enigmática de Édipo-Rei. In: _____. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário Gama Kury. 4. ed. Brasília: UNB, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

GALLO, Sílvio. *Ética e cidadania*. São Paulo: Papirus, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1985.

NERUDA, Pablo. Veinte poemas de amor y una canción desesperada. In: _____. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Aula 19

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é beleza*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção primeiros passos).

FEITOSA, Charles. *Explicando a filosofia com arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GALLO, Sílvio. Estética: arte e vida cotidiana. In: _____. *Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Aula 20

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e a música*. São Paulo: Imago, 1994.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Por que arte-educação?* Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. *O que é beleza*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (coleção primeiros passos).

_____. *Fundamentos estéticos da educação*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FEITOSA, Charles. *Explicando a filosofia com arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. *Brincar, prazer e aprendizado*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PILLAR, Analice Dutra; VIEIRA, Denyse. *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: UFRGS/IOCHPE, 1992.

WHITMAN, Walt. *Canto a mi mismo*. Buenos Aires: Losada, 1993.

ISBN 85-7648-263-0



9 788576 482635



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação

